

O EXPERIMENTO DE FILADÉLFIA

WILLIAM MOORE

— E —

CHARLES BERLITZ

— TRADUÇÃO: AMADEU ANTÔNIO —

O EXPERIMENTO DE FILADÉLFIA

William Moore e Charles Berlitz, 1979

NOTA DO EDITOR

Passaram-se mais de trinta anos desde que os eventos que envolvem o Experimento de Filadélfia supostamente tiveram lugar. Muitas das pessoas que poderiam estar envolvidas já faleceram; outras poderão ter demasiado medo para se darem a conhecer; qualquer prova documental, se é que alguma vez existiu, desapareceu e é pouco provável que venha à luz do dia. Se existiu ou não uma experiência de invisibilidade que tenha triunfado de forma tão dramática e terrível, é algo que, sob as atuais circunstâncias, não pode ser completamente comprovado.

Tudo o que se pode dizer é que, durante a sua longa experiência como investigador e conferencista sobre os mistérios do mundo, Charles Berlitz tem sido inquirido com mais frequência sobre o Experimento de Filadélfia do que sobre qualquer outro assunto. Apesar de uma sucessão de becos sem saída, de desmentidos por parte do Gabinete de Informação Naval Americano e de uma total ausência de provas concretas, o tema recusa-se a morrer.

De alguma forma, em algum lugar, ele teve origem, e subsiste fé suficiente na sua possível autenticidade para levar os autores a sugerir que tal poderia ter acontecido. Eles realizaram a investigação mais minuciosa e, embora nenhuma prova final tenha emergido, sentem que os indícios que recolheram são provavelmente tudo o que alguma vez possuíremos para julgar a verdade. O facto de Einstein ter progredido até um certo ponto com a sua Teoria do Campo Unificado significa que a possibilidade de tornar algo — ou alguém — invisível não pode ser descartada; muitas teorias igualmente incríveis alcançaram nos últimos anos respeitabilidade através de uma investigação

científica sólida, e sabemos que estamos apenas a arranhar a superfície dos muitos fenómenos estranhos que povoam o nosso universo.

Eis, portanto, a história do Experimento de Filadélfia. Os autores deixam ao nosso critério decidir se podemos ou não acreditar nela.

ÍNDICE

Introdução

1 Um Encontro Imediato com o Incrível

2 Correio de Fãs para um Cientista

3 A Marinha Toma Nota

4 Algumas Pistas e Algumas Conjeturas

5 O Misterioso Señor Allende

6 As Investigações Podem Ser Fatais

7 A Conexão Einstein

8 Os Esquivos Arquivos

9 A Chave Inesperada

10 Os Campos de Força de Townsend Brown

11 A Realidade do Impossível

12 O Círculo Fecha-se

Agradecimentos

Bibliografia Cronológica

Quando um cientista distinto, mas idoso, afirma que algo é possível, ele está quase certamente correto. Quando afirma que algo é impossível, ele está provavelmente errado. — Arthur C. Clarke

Na verdade, o maior dissuasor do progresso científico é a recusa de algumas pessoas, incluindo cientistas, em acreditar que coisas que parecem surpreendentes podem realmente acontecer. — George S. Trimble (da Glenn L. Martin Co. 1955; e mais tarde, diretor do Centro de Naves Espaciais Tripuladas da NASA, Houston)

INTRODUÇÃO

por Charles Berlitz

Durante a minha investigação para a escrita de *O Triângulo das Bermudas*, deparei-me com um incidente tão invulgar em termos de possibilidade científica aceite que se tornava quase incrível. Em épocas anteriores, talvez, teria sido sem dúvida mais fácil de acreditar, mas apenas como uma manifestação de pura magia — obra de feiticeiros. Pois o alegado incidente dizia respeito a nada menos do que uma experiência bem-sucedida de invisibilidade, realizada em 1943 no ambiente decididamente não mágico do Estaleiro Naval de Filadélfia.

De acordo com uma versão deste incidente, um contratorpedeiro de escolta da Marinha foi levado, por uma série de manifestações magnéticas, a desaparecer temporariamente e depois a reaparecer noutro local. Versões mais detalhadas falam de efeitos nocivos nos membros da tripulação que manobravam a embarcação que desaparecia, cujas sequelas psicológicas e, em alguns casos, mortes, fizeram com que a experimentação adicional fosse abandonada.

Este incidente, história ou legenda tem sido consistentemente negado pelo Gabinete de Informação Naval, mas, não obstante, parece ter uma vida persistente e em contínua expansão através de referências impressas e de declarações insistentes de indivíduos (que geralmente não estão dispostos a ser identificados) que afirmam ter testemunhado os eventos que agora, à falta de um nome melhor (ou de código), são referidos como o "Experimento de Filadélfia".

O meu próprio interesse especial no Experimento de Filadélfia estava ligado à possibilidade de que uma alteração na composição molecular da matéria, induzida por um magnetismo intensificado e ressonante, pudesse fazer com que um objeto

desaparecesse — uma explicação possível para alguns dos desaparecimentos dentro do Triângulo das Bermudas. Nas minhas conferências por toda a nação e no estrangeiro, notei um extraordinário interesse público quando mencionava o Experimento de Filadélfia e, surpreendentemente, de vez em quando surgia uma "testemunha", que habitualmente tinha uma paixão pelo anonimato.

Durante uma comparação para uma conferência universitária, há dois anos, conheci um jovem professor de inglês, um autor com apetência para a investigação. O seu interesse obsessivo pela história do Experimento de Filadélfia levava-o a várias partes do país, e a sua dedicação ajudara-o a superar os desmentidos oficiais, a localizar documentos convenientemente desaparecidos, a renovar a memória de testemunhas esquecidas e até a encontrar certos cientistas-chave cuja proximidade e familiaridade com esta experiência *que nunca teve lugar* os tinha impelido a viver discretamente numa zona extremamente isolada, talvez por razões de saúde (com vista à sobrevivência).

Esta nova investigação desenterrada por Bill Moore, o incansável investigador acima referido, foi incorporada na seguinte investigação conjunta que apresenta informações nunca antes reveladas; informações que indicam que a experiência "impossível" realmente teve lugar. A investigação em si é um exercício fascinante de superação da inércia oficial, da camuflagem e do encobrimento. A inferência é extraordinária, pois se a experiência foi levada a cabo como indicado, estivemos outrem, e talvez ainda estejamos, no limiar da descoberta de como tornar objetos e pessoas, outros e nós próprios, invisíveis — um dos mais antigos sonhos do homem.

Mas este e outros sonhos antigos já não parecem tão inalcançáveis, especialmente desde 1945, quando um sonho de poder supremo e explosivo se tornou pela primeira vez uma realidade em Alamogordo. Coincidentemente, pelo menos dois outros projetos mais propriamente reservados ao domínio da

ficção científica estariam alegadamente em curso numa altura (1943) em que a América procurava auxílios invulgares para proteção e sobrevivência. Um deles dizia respeito à antigravidade e o outro à invisibilidade, mas o trabalho nestes campos terá sido suspenso perante o êxito evidente da bomba atômica.

Este livro invulgar constrói um argumento surpreendentemente concreto a favor da realidade desta experiência de invisibilidade. Ao mesmo tempo, poder-se-ia considerar a premissa de que as descobertas mais notáveis da ciência não deveriam necessariamente ser despoletadas por condições de tempo de guerra — sendo um exemplo a exploração pacífica do espaço.

Se o Experimento de Filadélfia foi interrompido à beira do sucesso, sente-se que talvez devesse ser reiniciado ou continuado. Pois, à medida que o universo se expande ao nosso redor, não podemos permanecer num ponto morto nos nossos esforços para desvendar os segredos cósmicos da matéria, do espaço e do tempo.

CAPÍTULO UM

UM ENCONTRO IMEDIATO COM O INCRÍVEL

A área ao redor de Colorado Springs é particularmente bela em todas as épocas do ano, mas especialmente no final do verão, quando o calor do dia é moderado por noites frescas e os céus têm por vezes uma clareza quase cristalina. Foi numa dessas noites,

em 1970, que dois aviadores, James Davis de Maryland e Allen Huse do Texas, não tendo nada em particular para fazer, saíram com uma câmara para um passeio revigorante no vizinho War Memorial Park. O ar estava quente e agradável e, ao cair do crepúsculo, Huse começou a ocupar-se a tirar fotografias à lua. Davis passeava pelo parque, desfrutando da pausa bem-vinda na rotina da vizinha Base Aérea de Colorado Springs, onde ambos os homens estavam destacados há alguns meses.

Um momento depois, Davis foi subitamente abordado por um homem de aspeto bastante estranho que ele tinha notado anteriormente a deambular em redor do monumento do War Memorial — um tipo baixo, calvo e algo desalinhado. Ele recorda-se de notar que o homem tinha uma espécie de olhar distante. A reação inicial de Davis foi a de que estava prestes a ser-lhe pedida uma esmola. Mas uma surpresa estava reservada para ele.

— Notei que está na Força Aérea — disse o homem. — Como é que gosta disso?

Davis respondeu que se ia orientando bem, mas que às vezes desejava que a rotina não fosse tão rigorosa.

— Não há tempo suficiente para relaxar — disse ele.

O homem concordou.

Uma coisa levou a outra e em breve os dois estavam ocupados a partilhar histórias.

— Sabe — disse o homem pequeno —, eu já fui oficial. Na Marinha — durante a guerra. Mas fizeram-me coisas. Por fim, reformaram-me por invalidez. Dizem que sou louco. — Ele bateu levemente no lado da cabeça com um dedo. — Mas não sou, sabe. Foi aquela experiência que o fez. Não consegui aguentar a pressão, por isso afastaram-me.

Ele tirou uma carteira e exibiu um cartão de identificação gasto e obviamente desatualizado.

— Vê? — disse ele. — Marinha, tal como eu disse.

Davis ficou curioso.

— Experiência? — disse ele. — De que género de experiência é que está a falar?

A resposta deixou-o estupefacto.

— Invisibilidade — disse o homem. — Foi quando eles estavam a tentar tornar um navio invisível. Teria sido uma camuflagem perfeita se tivesse funcionado. E funcionou mesmo! Com o navio, quero dizer. Mas aqueles de nós a bordo... bem, não funcionou muito bem connosco. Não conseguimos aguentar os efeitos do campo de energia que eles estavam a usar. Aquilo fez-nos coisas. Eu nunca deveria ter aceitado aquela missão em Filadélfia. Era Segredo de Estado. Poderia ter feito marcha atrás, mas não o fiz. Se eu fizesse ideia daquilo em que me estava a meter, com certeza absoluta que os teria mandado dar uma curva.

Davis começava a perguntar-se se estaria a ouvir o que pensava que estava.

— De que é que está a falar exactamente? — quis ele saber. — Está a dizer que a Marinha tentou torná-lo invisível, numa espécie de experiência, ou o quê?

— Camuflagem eletrónica — veio a resposta. — Uma espécie de camuflagem eléctrica produzida por campos de energia pulsante. Não sei exactamente que tipo de energia estavam a usar, mas de certeza que era muita. Não conseguimos aguentar — nenhum de nós. Embora nos tenha afetado de maneiras diferentes. Alguns só viam a dobrar, outros começaram a rir e a cambalear como se estivessem bêbados, e uns quantos desmaiaram. Alguns até afirmaram que tinham passado para outro mundo e que tinham visto e falado com seres alienígenas estranhos. E, em alguns casos, os efeitos não foram temporários. Disseram-me mais tarde que vários tinham morrido. De qualquer modo, nunca mais os vi. Mas quanto ao resto de nós — os que sobreviveram —, bem, eles

simplesmente deixaram-nos ir. Incapacidade, chamaram-lhe. Dispensados como mentalmente desequilibrados e inaptos para o serviço posterior. Reformados com uma pensão! — disse ele com amargura.

— Mas porquê? — perguntou Davis.

Por esta altura, Huse, que tinha ouvido trechos desta estranha conversa a vários metros de distância, aproximou-se e juntou-se à dupla. Davis apresentou o seu amigo e eles apertaram as mãos.

— Prazer em conhecê-lo — disse o homem.

Após a breve apresentação, Davis prosseguiu com o seu argumento.

— Quer dizer — disse ele — que a Marinha dispensou todos esses homens como incompetentes mentais porque a experiência falhou?

— Correto — disse o seu misterioso companheiro. — Foi exatamente isso que eles fizeram. Claro que nos fecharam durante uns meses antes de o fazerem. Para "descansar", disseram eles. Também para tentar convencer-nos de que aquilo nunca tinha acontecido, penso eu. De qualquer modo, no fim obrigaram-nos a fazer um juramento de segredo — muito embora não seja provável que alguém vá acreditar numa história destas de qualquer maneira. E quanto a si? Está na Força Aérea; acredita nisso? Acredita no que lhe estou a dizer?

— Não sei — respondeu Davis. — Concordo certamente que é uma história fantástica. Quase demasiado fantástica. Simplesmente não sei.

— Bem, é verdade da mesma forma. Cada maldita palavra. Claro que é exatamente por isso que nos dispensaram como mentalmente ineptos. Caso alguém alguma vez pensasse em acreditar nisso, quero dizer. Dessa forma, se a Marinha alguma vez fosse questionada sobre o assunto, podiam simplesmente atribuir tudo a uma história inventada por um bando de loucos.

Tem de admitir, é uma jogada inteligente do ponto de vista da segurança. Quem vai acreditar num louco certificado? Seja como for, essa é a minha história.

Os dois aviadores trocaram olhares e Huse revirou um pouco os olhos. Mas antes que pudessem decidir como reagir a esta confiança bizarra, o seu companheiro tinha mudado de assunto para algo mais mundano e estava ocupado a fazer previsões sobre as manchas solares e o tempo.

Uma hora ou mais tarde, deixaram-no e dirigiram-se de volta para a base. Já estava bastante escuro e a frescura de uma noite do Colorado começava a penetrar as suas fardas.

Mesmo nunca tendo voltado a ver este homenzinho estranho, Davis e Huse discutiram o seu relato bizarro várias vezes ao longo dos meses seguintes. Huse, que tinha ouvido apenas uma parte da história do homem, era o mais cético dos dois, mas ambos se perguntavam se haveria realmente algo por detrás daquela personagem singular que tinham conhecido no parque, ou se ele seria realmente louco. Eventualmente, Davis foi licenciado e Huse foi transferido, e perderam o rasto um do outro.

Vários anos mais tarde, em janeiro de 1978, Davis por acaso comprou um exemplar de bolso de *O Triângulo das Bermudas* de Charles Berlitz e ficou sobressaltado ao ler um relato do chamado Experimento de Filadélfia, no qual a Marinha teria alegadamente tornado um contratorpedeiro de escolta e a sua tripulação invisíveis através do uso de campos de força durante a Segunda Guerra Mundial. A conversa com o homenzinho estranho inundou de novo a sua mente.

Depois de ponderar sobre o assunto durante vários dias, decidiu finalmente escrever a Berlitz aos cuidados da sua editora e contar a sua história. Mais tarde, numa entrevista telefónica com Bill Moore, Davis identificou Huse como o amigo que estivera com ele, mas disse que não fazia ideia do paradeiro de Huse, visto que não o via desde que tinha deixado a Força Aérea. Acreditava,

disse ele, que se Huse pudesse ser encontrado, certamente se lembraria da conversa no parque e, assim, corroboraria a história.

Uma semana depois, Moore conseguiu localizar o antigo amigo de Davis e telefonou-lhe. Huse foi, de facto, capaz de confirmar os factos básicos da história de Davis. Recordava-se de ter estado com Davis quando conheceram o desconhecido no parque, bem como de ter discutido essa personagem várias vezes depois disso enquanto bebiam uma cerveja ou duas; mas estava confuso quanto aos detalhes do que exatamente o homem lhes tinha dito.

— Isso foi há uns valentes anos — disse ele. — Não me recordo verdadeiramente do assunto de que o homem falou. Houve algumas coisas realmente estranhas, no entanto.

— Poderá ele ter feito referência a ter estado envolvido numa espécie de projeto experimental da Marinha em Filadélfia? — perguntou Moore.

— Sim — respondeu Huse após um momento de reflexão. — Sim, parece-me lembrar que ele alegou isso. Ele disse uma boa quantidade de coisas loucas — não me recordo dos detalhes exatamente —, mas parece-me recordar algo sobre uma experiência. Também me consigo lembrar de estar bastante cético em relação ao que ele dizia.

— Mas não se recorda dos detalhes?

— Não, na verdade não. O Davis talvez se lembre de mais do que eu. Foi ele quem meteu conversa em primeiro lugar.

— Viu ou teve notícias do Sr. Davis recentemente?

— Não, não desde antes de eu deixar a Força Aérea. Isso foi algures em junho de 1973. (*Nota: Davis tinha dito que tinha deixado Colorado Springs em agosto de 1971*).

— Voltando ao homem do parque, por que razão acha que ele escolheu a si e ao seu amigo como aqueles a quem queria contar a sua história?

— Não sei. Fiquei com a impressão na altura de que ele nos tinha "seleccionado". Estávamos lá fardados, e ele meio que nos seleccionou, calculo eu. Parecia quase como se ele quisesse desabafar algo e quisesse que nós fôssemos os eleitos para o ouvir. Falámos sobre este encontro várias vezes no trabalho e até o mencionámos a alguns dos nossos outros amigos. Toda a gente achou que a coisa toda era bastante bizarra.

— Não faz a mínima ideia de onde este homem possa ter vindo ou de onde vivia?

— Não. Ele apareceu e depois mais ou menos desapareceu a seguir a isso. Estou certo de que o teria reconhecido novamente se o tivesse visto pela cidade, mas nunca vi. Regressámos àquele parque uma boa quantidade de vezes depois disso, também.

— Lembra-se de ele ter mencionado algo sobre a sua dispensa ou sobre ter sido prejudicado por uma experiência?

— Parece-me que ele poderá ter dito que essa foi a razão para a sua dispensa, mas não tenho a certeza. Havia qualquer coisa sobre uma experiência, contudo. Disso estou seguro.

Assim terminou uma entrevista que forneceu mais uma peça para um quebra-cabeças já de si estranho e misterioso, que se vinha a formar há quase trinta e cinco anos e que, mesmo agora, está longe de estar completo — e, na verdade, talvez nunca esteja. Projetos de invisibilidade, homens que desaparecem para nunca mais se ouvir falar deles, outros homens declarados loucos, referências a "alienígenas" do espaço ou de outra dimensão — poderiam alguns destes elementos incríveis, mas possivelmente relacionados, ser essencialmente verdadeiros?

Hesita-se, naturalmente, em dar crédito a tais relatos e às suas fontes. E, no entanto, por mais de vinte anos persistiram os

rumores de que a Marinha dos Estados Unidos, trabalhando sob condições de Segredo de Estado no Estaleiro Naval de Filadélfia durante a Segunda Guerra Mundial, conseguiu produzir um poderoso campo de força eletrónico que, de algum modo, ficou fora de controlo e resultou no desaparecimento de um navio da vista e, dizem alguns, na sua subsequente "teleportação" de Filadélfia para Norfolk e de volta outra vez, numa questão de segundos. Incrível? Sim... talvez. Mas, quem sabe, após todas as provas terem sido reunidas e examinadas, não seja, afinal, assim tão incrível. Investigações sobre o inexplicável revelam ocasionalmente coisas ainda mais invulgares do que a lenda original. Este caso não foi exceção.

CAPÍTULO DOIS

CORREIO DE FÃS PARA UM CIENTISTA

O Triângulo das Bermudas, os monstros *Bigfoot*, os OVNI's, os desaparecimentos estranhos, os fantasmas e espectros de todas as sortes e descrições, os fenómenos psíquicos... tudo isto faz parte de uma lista em contínuo crescimento de acontecimentos e eventos que, quando alguém se dá ao trabalho de os tentar classificar, são inevitavelmente colocados algures nesse submundo entre a ciência e a fantasia que é conhecido como "o inexplicável". A maioria dos leitores, aqueles com outros interesses mais prementes, contenta-se com um encolher de ombros ou um sorriso, e admite que, quando muito, uma incursão ocasional no reino do desconhecido é bastante interessante — quanto mais não seja por entretenimento. Outros, com as mentes irremediavelmente ofuscadas e o julgamento cegado por alguma necessidade interior de verdade, veem-se encurralados pelo que começou, de forma bastante inocente, como um interesse passageiro. O processo inicia-se inevitavelmente com essa vertente peculiar da curiosidade comum que impele um observador, outrora casualmente interessado, a tentar encontrar

algumas respostas por si próprio. Inevitavelmente, uma ou outra história estranha consegue picar as mentes inquisitivas o suficiente para aguçar o desejo de resolver um mistério, ou, pelo menos, de desenterrar mais alguns factos pertinentes.

E assim começa mais uma daquelas desventuradas "investigações" pessoais que, de uma forma geral, não progridem além de uma discussão com um amigo interessado, de algumas cartas de inquérito sem resposta, ou talvez de algumas chamadas telefónicas que não produzem nada a título de resultados, exceto contas de telefone elevadas. Mas ocasionalmente — apenas ocasionalmente — o destino intervém e permite que o investigador tropece nalguns factos que acabam por se tornar, quase sem esforço deliberado, nos primeiros elos forjados na cadeia de uma história mais fantástica do que aquela com que se sonhava no momento em que as primeiras indagações foram feitas.

Como qualquer pessoa que tenha aprofundado a investigação do mundo dos fenómenos paranormais poderá atestar, existem inúmeras histórias a flutuar na franja da credibilidade que, embora debatidas, repisadas e ocasionalmente examinadas de perto por investigadores de fenómenos psíquicos, nunca chegam verdadeiramente à imprensa escrita pública, seja por serem consideradas demasiado fantásticas para merecerem crédito, seja por se pensar que não existe matéria suficiente que justifique o tratamento do tema em formato de livro. Uma das mais bizarras e incríveis destas histórias de "fronteira", e que tem surgido repetidamente ao longo dos anos sem nunca ter recebido mais do que o mais breve dos tratamentos de passagem na imprensa popular, é a do chamado Experimento de Filadélfia.

Embora mencionada em livros e artigos por pelo menos uma dezena de escritores e investigadores do inexplicável no decurso das últimas duas décadas, relativamente pouco material novo foi acrescentado à história original, com o resultado de que o relato permaneceu numa espécie de animação suspensa, à espera de que

alguém fizesse uma investigação aprofundada. Eis, portanto, uma das histórias mais extravagantes que alguma vez surgiu no que se propõe ser uma apresentação factual — apresentada juntamente com os resultados de uma investigação intensiva que, ironicamente, começou como uma tentativa honesta por parte de Bill Moore de fazer explodir o mito.

O mistério começa com um cientista que, à primeira vista, parece ter sido ele próprio uma espécie de homem misterioso. Pouco se sabe sobre o início da vida de Morris Ketchum Jessup, exceto alguns factos puros e simples. Que era um homem de muitos e variados interesses — cientista, astrónomo, astrofísico, matemático, investigador, conferencista, autor — é do conhecimento geral, apesar do facto de não ser o tipo de pessoa que procurasse muita publicidade, ou que se deleitasse com ela quando a obtinha. Batizado em homenagem ao "tio rico" da sua família, um notável barão dos caminhos-de-ferro, financeiro e filantropo do século dezanove que deu o seu nome ao Cabo Morris K. Jessup, localizado na extremidade mais a norte da Gronelândia, Jessup nasceu em Rockville, Indiana, a 20 de março de 1900. Tendo atingido a idade mágica de dezassete anos escassas semanas antes da entrada do seu país na Primeira Guerra Mundial, Jessup, como tantos outros jovens da sua idade, foi apanhado pelo fervor patriótico, e a sua graduação no liceu foi praticamente simultânea com o seu alistamento no Exército dos Estados Unidos. Viria a alcançar o posto de sargento.

Terminada a guerra, Jessup empenhou-se em obter uma educação que eventualmente o levaria a exercer funções como docente de astronomia e matemática na Universidade de Drake, em Des Moines, Iowa, e na Universidade de Michigan, em Ann Arbor. Enquanto estudante de doutoramento em Michigan, no final dos anos 1920, agarrou a oportunidade de viajar para a União da África do Sul com uma equipa de investigação destacada para o Observatório Lamont-Hussey da Universidade de Michigan, em Bloemfontein, no Estado Livre de Orange.

Enquanto trabalhava com o que era então o maior telescópio refrator do Hemisfério Sul, Jessup aperfeiçoou um programa de investigação que resultou na descoberta de uma série de estrelas duplas físicas, atualmente catalogadas pela Royal Astronomical Society em Londres.

Mais tarde, de regresso aos Estados Unidos, utilizou estas experiências como base para a sua tese de doutoramento no campo da astrofísica. Jessup finalmente concluiu e publicou este trabalho em 1933, mas não parece que lhe tenha sido efetivamente concedido o grau de Doutor. Mesmo assim, muitos daqueles que melhor o conheciam optaram por se referir a ele como Dr. Jessup, e parece adequado que continuemos a fazê-lo.

Durante esses anos de depressão económica, numa época em que muitos académicos eram forçados a ganhar a vida noutras paragens devido a uma escassez aguda de fundos para pagar salários profissionais, Jessup foi destacado pelo Departamento de Agricultura dos Estados Unidos como parte de uma equipa de cientistas para ir ao Brasil a fim de "estudar as fontes de borracha em bruto nas cabeceiras do Amazonas". Uma missão estranha para um astrónomo, mas pelo menos era um emprego, e o trabalho era interessante.

Após o seu regresso das selvas, contratou com o Instituto Carnegie em Washington, D.C., as funções de fotógrafo numa expedição arqueológica que estava a ser organizada para estudar as ruínas maias na América Central. Jessup, ao que parece, começava a desenvolver o gosto pela exploração da selva.

Do México, seguiu viagem para explorar as ruínas incas e pré-incas do Peru. Enquanto lá esteve, chegou a uma conclusão surpreendente. Ao observar a dimensão massiva de algumas daquelas ruínas de pedra e a intrincação, exatidão e delicadeza das técnicas de construção empregadas, e considerando a impossibilidade virtual de que este tipo de trabalho pudesse ter sido realizado à mão sem sequer a ajuda de um animal de tração

maior do que a lama, Jessup, tal como Erich von Däniken em anos posteriores (embora com consideravelmente menos publicidade), especulou que uma explicação possível para estas enormes construções de pedra era que, em vez de terem sido construídas pelos incas, foram erguidas em tempos antediluvianos com o auxílio de dispositivos de levitação operados a partir de uma espécie de navios celestes.

Esta era uma afirmação bastante invulgar para alguém que se intitulava cientista e, escusado será dizer, dificilmente calculada para o medrar junto dos seus colegas. Isto faz de Jessup um dos primeiros defensores daquela que é agora, mais de três décadas depois, a tão popularizada teoria dos "Antigos Astronautas".

Colocando a ortodoxia científica de lado com grave perigo para a sua carreira e reputação académica, Jessup continuou a ponderar sobre as origens perplexas destas antigas ruínas da América Central e do Sul, e, no início dos anos 1950, comprometeu-se a continuar os seus estudos nesses locais a expensas próprias. Foi precisamente durante esses estudos de culturas antigas nos planaltos elevados do México que Jessup descobriu um grupo bastante notável de formações geológicas que, após um exame mais atento, pareciam ser uma série de crateras de algum tipo. Havia pelo menos dez destas e apresentavam, no seu entender, certas semelhanças notáveis na estrutura e tamanho com as misteriosas crateras lunares Linné e Hyginus N.

Afastando-se novamente numa tangente pouco ortodoxa para um cientista, Jessup, após concluir um estudo preliminar sobre a matéria, ofereceu a sua conclusão de que elas tinham sido "feitas por objetos vindos do espaço". Tecendo mais comentários numa data posterior, revelou ter descoberto que a Força Aérea dos Estados Unidos possuía uma série de fotografias aéreas destas crateras, que tinham sido tiradas por um avião de reconhecimento a operar com a permissão do governo mexicano, mas que estas fotos e as conclusões a elas respeitantes estavam a ser mantidas

sob estrito sigilo. Desejando continuar os seus próprios estudos independentes sobre estas formações, mas tendo ficado sem dinheiro com que financiar a operação, Jessup viu-se forçado a regressar aos Estados Unidos em 1954, a fim de tentar angariar os fundos necessários.

Tendo-se interessado pelo fenómeno dos discos voadores à medida que este se desenrolava no cenário americano no final dos anos 1940 e início dos anos 1950 — ao início simplesmente como uma questão de curiosidade pessoal e, mais tarde, devido a um interesse mais profissional —, Jessup começou a pressentir ligações entre estas possíveis "naves espaciais", as suas ruínas antigas e as crateras misteriosas. Firmemente convencido de que tinha de haver uma base científica sólida para o fenómeno, e em busca de fundos independentemente da fonte, começou a esboçar mentalmente as linhas gerais para um livro que seria, aos seus olhos, a primeira tentativa verdadeiramente "científica" de examinar a questão dos OVNI's com base nas provas históricas disponíveis. Os OVNI's (objetos voadores não identificados), acreditava ele, não só nos acompanhavam há anos, como podiam fornecer respostas para muitos dos acontecimentos e eventos da história até então inexplicados — incluindo quedas misteriosas de gelo, rochas e até animais vindos do céu. O seu meio de funcionamento baseava-se, sentia ele, num princípio de antigravidade ainda não reconhecido, e pareciam ser categoricamente de origem e concepção inteligentes.

Após mudar-se para a área de Washington, D.C., Jessup começou a trabalhar no livro que já tinha tomado forma na sua mente — uma obra que lançaria um olhar verdadeiramente sistemático sobre um fenómeno que ele acreditava merecer uma atenção científica séria. Montou um esforço de investigação monumental e trabalhou arduamente ao longo do verão, outono e inverno de 1954, e a obra começou lentamente a ganhar forma. Estava finalmente concluída e pronta para o editor a 13 de janeiro de 1955. Intitulando-a *The Case for the UFO*, no prefácio

caracterizou o seu trabalho como "uma tentativa séria de trazer ordem ao caos, uma tentativa de puxar todas as facetas desta controvérsia para um estrato básico sobre o qual fazer uma avaliação inteligente do assunto". Mal suspeitava Jessup que a publicação deste livro pela Citadel Press, no início de 1955, marcaria o início de uma cadeia de eventos ainda mais misteriosa, que permaneceria como tema de intensa controvérsia nos anos vindouros.

Uma das principais áreas de interesse de Jessup era a questão da força motriz dos OVNI's. Vezes sem conta, tanto no seu livro como na sua correspondência com amigos e associados, regressava a este tema e à sua convicção de que a Terra já tinha testemunhado aplicações deste tipo de energia em tempos antigos ou pré-históricos. Um exemplo dos seus pensamentos sobre o assunto é a seguinte passagem de uma carta dirigida a um correspondente, datada de 20 de dezembro de 1954 — quando faltavam apenas algumas semanas para concluir o rascunho final do seu livro: "A extensão do tema da força motriz [dos OVNI's] de modo a incluir alguns solavancos na religião é bastante óbvia", escreveu ele. "Esta raça espacial poderia ser o nosso Deus. Eles poderiam ter deixado a Terra há milénios."

Uma fonte fiável de força motriz era, acreditava ele, a chave de máxima importância para o progresso do homem; e até que a humanidade pudesse descobrir (ou reinstaurar) algo mais fiável do que a força bruta e violenta da energia dos foguetões, estaria atada à Terra como uma criança às saias da mãe. Esse "algo", na mente de Jessup, era a utilização do campo gravitacional universal como fonte de energia.

Jessup apelou, tanto na imprensa escrita como em conferências, para que o público realizasse uma investigação séria nesta área do esforço científico, fosse por parte do governo, fosse por indivíduos e corporações privadas. As teorias de Jessup iriam perturbar pelo menos um dos seus leitores a tal ponto que este iniciou uma correspondência onde se misturavam materiais

supostamente confidenciais da Marinha e imaginações aparentemente bizarras.

Apesar de *The Case for the UFO* nunca ter entrado nas listas de livros mais vendidos, conseguiu vender exemplares em capa dura suficientes para justificar uma edição de bolso pela Bantam, que surgiu no início do outono de 1955. Não muito tempo após o aparecimento desta edição de bolso (muito provavelmente por meados de outubro), o Dr. Jessup recebeu uma carta bastante estranha. Veio no meio de um maço daquele tipo de "correio de fãs" vulgarmente gerado pela publicação de quase qualquer livro e que é rotineiramente encaminhado pelos editores para os seus autores.

Esta carta em particular, ostentando um carimbo postal da Pensilvânia, foi escrita numa caligrafia dispersa e rastejante, em vários tipos e cores diferentes de lápis e caneta, e num estilo muito singular. Surgiam letras maiúsculas a meio das frases, as palavras eram utilizadas de forma bizarra e com erros ortográficos e a pontuação, onde quer que fosse empregada, parecia quase ter sido lançada como uma espécie de reflexão tardia. Frases inteiras estavam frequentemente sublinhadas em diferentes cores de tinta.

Mais estranho do que o aspeto da carta, contudo, era o seu conteúdo. O seu autor, ao que parece, estava particularmente interessado em contestar algumas das referências no livro de Jessup que lidavam com o poder de levitação (isto é, desafiar a força da gravidade para erguer objetos pesados) tal como era aparentemente conhecido pelos antigos, e prosseguia comentando com alguma extensão que o palpite de Jessup relativo ao uso do mesmo para erguer muitas estruturas antigas estava essencialmente correto. Na verdade, de acordo com o autor da missiva, o poder de levitação não só era cientificamente possível, como já tinha sido outrora um "processo conhecido" aqui na Terra.

Infelizmente, nenhuma cópia desta carta original parece ter sobrevivido, mas sabemos que o estilo da carta era tão convincente que Jessup se perguntou, enquanto a lia, se o seu autor estaria, por meio daquele estranho estilo de escrita, a tentar dizer-lhe que possuía pessoalmente algum conhecimento direto do processo. A carta vinha assinada como "Carlos Miguel Allende".

Embora sem saber exatamente como encarar a coisa toda, Jessup ficou aparentemente intrigado o suficiente com a carta para dispor de tempo para enviar uma breve resposta ao enigmático Señor Allende, pedindo-lhe que fornecesse mais detalhes.

Jessup encontrava-se nesta fase da sua vida apanhado na azáfama de uma agenda preenchida e, após terem decorrido vários meses sem qualquer palavra adicional da parte do seu estranho correspondente, quase se esqueceu do assunto. Ocupado com uma série de conferências públicas e, ao mesmo tempo, trabalhando para terminar um segundo livro intitulado *UFO and the Bible* (a pressa devendo-se em grande parte às manobras dos seus agentes em Nova Iorque, que esperavam tirar partido do modesto sucesso do seu primeiro livro), Jessup tinha pouco tempo para gastar a pensar em correio de fãs de qualquer espécie.

Enquanto percorria o circuito de conferências, continuou a incutir no público a necessidade urgente de algum tipo de programa de investigação patrocinado pelo governo na área da antigravidade. Por vezes, chegava ao ponto de dizer às suas audiências que, se quisessem realmente ajudar a pôr as coisas a andar, podiam contactar os seus legisladores sobre isto *en masse*. "Se o dinheiro, o pensamento, o tempo e a energia que estão agora a ser vertidos inutilmente no progresso da propulsão por foguetões fossem investidos num estudo básico da gravidade, começando talvez com uma investigação contínua dos conceitos do Campo Unificado do Dr. Einstein", disse ele, "é inteiramente provável que pudéssemos ter viagens espaciais eficazes e

económicas, por apenas uma pequena fração dos custos em que incorremos atualmente, dentro da próxima década."

Sem que o Dr. Jessup soubesse, Allende parece ter estado na assistência durante pelo menos uma destas conferências, e o que ouviu levou-o a escrever outra carta extremamente invulgar.

A 13 de janeiro de 1956, exatamente um ano após o dia em que concluiu o manuscrito para *The Case for the UFO*, Jessup, agora em Miami, ficou surpreendido ao receber a seguinte carta deste mesmo Carlos Allende, que agora assinava o seu nome como "Carl M. Allen". Embora a carta estivesse escrita no mesmo estilo peculiar e ostentasse a mesma morada de devolução da Pensilvânia que a primeira carta tinha apresentado, o papel de carta exibia o cabeçalho do Turner Hotel, Gainesville, Texas, e tinha carimbo postal de Gainesville.

(Para que o leitor não se sinta tentado a escrever para a morada da Pensilvânia em busca de informações, deve notar-se que uma verificação junto da estação de correios de New Kensington, Pensilvânia, em dezembro de 1975, revelou que já não existe tal morada, seja em New Kensington propriamente dita, seja em qualquer uma das várias rotas rurais servidas por aquela estação. As cartas enviadas para esta morada seriam rotineiramente devolvidas ao remetente).

Esta carta é por vezes erroneamente referida noutras fontes como a primeira carta de Allende ao Dr. Jessup. Como vimos, é na verdade a segunda. A carta é aqui reimpressa, juntamente com uma terceira carta, por cortesia do Dr. Reilly H. Crabb, diretor da *Borderland Sciences Research Foundation, Inc.*, Vista, Califórnia, que as publicou originalmente como parte de um panfleto de edição limitada em 1962.

Carlos Miguel Allende R.D. N.º 1 Caixa 223 New Kensington, Penn.

Meu Caro Dr. Jessup,

O seu apelo ao Público para que se dirija em Massa aos seus Representantes e faça com que, desse modo, seja colocada Pressão suficiente no Número certo e bastante de Locais de onde Possa ser decretada uma Lei que exija a Investigação da Teoria do Campo Unificado do Dr. Albert Einstein (1925-27) Não é de todo necessária. Talvez Lhe Interesse saber que O Bom Doutor Não Foi Assim Tanto influenciado na sua retratação desse Trabalho pela Matemática, como o foi, com toda a certeza, pelas Humanidades.

As suas computações Posteriores, feitas estritamente para seu próprio esclarecimento e divertimento, sobre ciclos da Civilização e do Progresso Humano comparados com o Crescimento do Carácter Geral global do Homem Foram suficientes para O Horrificar. Assim, 'dizem-nos' hoje que essa Teoria estava 'Incompleta'.

O Dr. B. Russell afirma privadamente que Ela está completa. Diz também que o Homem Não Está Pronto para ela e Não estará até depois da Terceira Guerra Mundial. No entanto, foram utilizados os 'Resultados' do Meu amigo Dr. Franklin Reno. Estes Foram uma Reificação Matemática completa Dessa Teoria, Com vista a toda e Qualquer Possível utilização rápida da mesma, se viável num curtíssimo espaço de tempo. Houve bons Resultados, tanto no que diz respeito a uma Reificação Matemática do Grupo COMO no que diz respeito a um bom 'Resultado' Físico, para Mais. AINDA ASSIM, A MARINHA TEME UTILIZAR ESTE RESULTADO. O Resultado foi e mantém-se hoje como Prova de que A Teoria do Campo Unificado está correta até um certo ponto.

Para além desse certo ponto, Nenhuma Pessoa no seu perfeito juízo, ou que tenha algum juízo, alguma vez mais ousará ir. Lamento Ter-vos Induzido em Erro na MINHA Missiva Anterior. É bem verdade que tal forma de Levitação foi alcançada conforme descrita. É também uma reação Muito comumente observada de certos Metais a Certos Campos que rodeiam uma

corrente, Sendo este campo utilizado para esse propósito. Se Faraday se tivesse preocupado com o campo Mag. que rodeia uma Corrente Elétrica, Nós hoje NÃO existiríamos ou, se existíssemos, a nossa presente situação Geo-política não teria a atmosfera de autêntica bomba-relógio, a caminhar para a Destruição, que existe Agora. Muito bem, Muito bem! O 'resultado' foi a invisibilidade completa de um navio.

Tipo contratorpedeiro, e de toda a sua tripulação. Enquanto estava no Mar. (Out. 1943) O Campo Era eficaz numa forma esferoidal oblata, estendendo-se cem jardas (Mais ou Menos, devido à posição Lunar e à Latitude) a partir de cada flanco do navio. Qualquer Pessoa Dentro dessa esfera tornava-se vaga na forma MAS Ele também observava essas Pessoas a bordo desse navio como se elas também estivessem no mesmo estado, caminhando no entanto sobre o nada. Qualquer pessoa fora dessa esfera nada conseguia ver a não ser a forma claramente Definida do Casco do Navio na Água, CASO, naturalmente, a pessoa estivesse perto o suficiente para ver e, ainda assim, apenas ligeiramente fora desse campo. Porquê dizer-vos Agora? Muito Simples; Se Optar por enlouquecer, então revelaria esta informação. Metade dos oficiais e da tripulação desse Navio estão, Atualmente, Completamente Loucos.

Alguns estão mesmo Ainda confinados a certas áreas onde Possam receber ajuda Científica qualificada quando, ou 'Ficam em Branco' ou 'Ficam em Branco' e 'Ficam Presos'. 'Ficar em Branco' NÃO É de todo uma experiência desagradável para Marinheiros Saudavelmente Curiosos. Contudo, é quando também 'Ficam Presos' que lhe chamam 'INFERNO S.A.' O Homem assim afetado Não se pode Mover por sua própria vontade a menos que dois ou Mais daqueles que estão dentro do campo se aproximem e lhe toquem, rapidamente, caso contrário ele 'Congela'.

Se um Homem Congela, A sua posição Deve ser Marcada cuidadosamente e depois o Campo é desligado. Todos, exceto

esse Homem 'Congelado', são capazes de se Mover; de apreciar a aparente Solidez novamente. Depois, o Membro Mais Recente da tripulação Deve Aproximar-se do Local, onde encontrará o rosto ou a pele Nua do Homem 'Congelado', que Não esteja coberta pelo Vestuário habitual do uniforme. Por vezes, Leva apenas uma hora ou algo assim, Por vezes a Noite inteira e o Dia Inteiro e Pior, uma vez levou 6 meses para Conseguir 'Descongelar' O Homem. Este 'Congelamento Profundo' não era psicológico. É o Resultado de um Hipercampo que é estabelecido, dentro do campo do Corpo, Enquanto o Campo de 'Queimadura' está ligado, e isto de forma prolongada ou num Veterano.

Um Equipamento Altamente complicado Teve de ser construído para Descongelar aqueles que se tornavam verdadeiros sujeitos de 'Congelamento' ou de 'Congelamento Profundo'. Normalmente, um Homem em 'Congelamento Profundo' enlouquece, Completamente Louco, a Delirar, a Balbuciar, Correndo LOUCO, se o Seu 'congelamento' for muito Superior a um Dia no nosso tempo. 'Falo de TEMPO pois os Homens em CONGELAMENTO PROFUNDO não têm percepção do Tempo como Nós o conhecemos. São Como pessoas em estado semicomatoso, que Vivem, respiram, Olham e sentem, mas que ainda assim não têm percepção de Tantas Coisas Absolutas que isso constitui um 'Submundo' para eles.

Um Homem num congelamento comum normal tem percepção do Tempo, Por vezes agudamente. No entanto, Eles Nunca têm percepção do Tempo precisamente como você ou eu temos percepção dele. O Primeiro 'Congelamento Profundo', Como eu disse, levou 6 meses para ser Retificado. Custou também mais de 5 Milhões de Dólares em equipamento Eletrónico e uma Docagem Especial de Navio. Se perto ou Nas Proximidades do Estaleiro Naval de Filadélfia vir um grupo de Marinheiros no ato de Colocar as suas Mãos sobre um companheiro ou sobre o 'ar rarefeito', observe os Dedos e apêndices do Homem Afetado. Se parecerem Ondular, como que numa Miragem de Calor, vá

rapidamente e Coloque as SUAS Mãos sobre Ele, Pois esse Homem é O Homem Mais Desesperado Do Mundo. Nenhum daqueles Homens alguma vez quer de todo voltar a tornar-se invisível. Não penso que precise de ser dito Muito Mais quanto ao Motivo pelo qual o Homem Não está Pronto para o Trabalho com Campos de Força. Eh?

Ouvirá frases destes Homens tais como 'Apanhado no Fluxo (pelo Empurrão)' ou 'Preso no Verde' ou 'Preso no Melaço' ou 'Eu estava a "ir" RÁPIDO'. Estas Referem-se a Alguns dos efeitos secundários, uma Década Mais Tarde, do Trabalho com Campos de Força. 'Apanhado no Fluxo' Descreve exatamente a sensação de 'Preso no Melaço' de um Homem a entrar num 'Congelamento Profundo' ou num 'Congelamento Simples', qualquer um dos dois. 'Apanhado no Empurrão' tanto se pode referir Àquilo que um Homem sente Brevemente QUANDO está prestes a inadvertidamente 'Ficar em Branco', ISTO É, 'Tornar-se Invisível', ou prestes a 'Ficar Preso' num 'Congelamento Profundo' ou num 'Congelamento Simples'.

Resta apenas um número muito reduzido da Tripulação dos D-E Experimentais originais por esta altura, Senhor. A maioria enlouqueceu, um simplesmente atravessou a parede dos seus aposentos à vista da sua esposa e do seu filho e de outros 2 Membros da tripulação (NUNCA MAIS FOI VISTO), dois 'Entraram Na Chama'. ISTO É, Eles 'Congelaram' e pegaram fogo, enquanto transportavam Bússolas comuns de Pequenas Embarcações; um Homem transportava a bússola e Pegou fogo, o outro aproximou-se para a 'Imposição de Mãos' por ser o mais próximo, mas ele também pegou fogo. ELES ARDERAM DURANTE 18 DIAS. A fé na 'Imposição de Mãos' Morreu Quando isto Aconteceu e as Mentes dos Homens Foram-se aos magotes. O ensaio Foi um Sucesso Completo. Os Homens Foram Fracassos Completos.

Consulte os Jornais de Filadélfia para ver um minúsculo Artigo de um Parágrafo (Metade superior da folha, no interior do

jornal Perto do terço traseiro do Jornal, 1944-46 na Primavera, Outono ou Inverno, NÃO no Verão) que descreve as Ações dos Marinheiros após a sua Viagem inicial. Eles Assaltaram uma 'Taberna' ou 'Biroska de Cerveja' Local próxima do Estaleiro Naval e causaram tal Choque e Paralisia nas Empregadas que Pouco de compreensível se pôde obter delas, exceto aquele Parágrafo; e o Escritor do mesmo Não Acredita nisso, e Diz: 'Apenas escrevi o que ouvi e aquelas Mulheres são Malucas. Portanto, tudo o que consigo é uma História de Embalar para Esconder.'

Consulte a tripulação do navio observador, um navio Liberty da Matson Lines vindo de Norfolk (A companhia PODE Ter o Diário de Bordo do Navio para essa Viagem ou a Guarda Costeira tem-no), o S.S. Andrew Furuseth, Imediato Mowsely, (Obterei o Nome do Capitão Mais Tarde) (O Diário de Bordo do Navio Tem a Lista da Tripulação). Um membro da tripulação, Richard Price ou Price 'Splicey', Pode Lembrar-se de outros Nomes de Homens da Tripulação de Convés (A Guarda Costeira tem o registo dos Marinheiros a quem foram emitidas 'Cédulas'). O Sr. Price tinha 18 ou 19 anos na altura, Out. 1943, e Vive ou Vivia nessa altura na sua Antiga Casa de Família em Roanoke, VA., uma cidade pequena com uma Lista telefónica Pequena. Estes Homens Foram Testemunhas. Os Homens desta tripulação, 'Connally da Nova Inglaterra (Boston?), Pode ter Testemunhado, mas duvido. (A grafia Pode estar incorreta) DE FACTO Testemunhou isto. Peça-lhe que Faça este pedaço de Investigação simplesmente para que se Possa Engasgar com a sua própria Língua quando se Lembrar daquilo que 'apelou para que se Tornasse Lei'.

Muito Desrespeitosamente Seu, Carl M. Allen

P.S. Ajudarei Mais se vir Onde me for possível. (Z416175)

Dias Depois

Notas adicionais e pertencentes à Missive. (Contacte o Contra-Almirante Rawson Bennett para verificação da

informação Aqui contida. Chefe de Investigação da Marinha. Ele poderá oferecer-lhe um emprego, em última análise) Falando fria e analiticamente, sem a Gritaria que está na Carta que lhe acompanha esta, direi o seguinte em toda a Justiça para consigo e para com a Ciência. (1) A Marinha Não sabia que os homens podiam tornar-se invisíveis ENQUANTO NÃO ESTIVESSEM NO NAVIO E SOB A INFLUÊNCIA DO CAMPO. (2) A Marinha Não Sabia que haveria Homens a Morrer devido a efeitos estranhos do 'Hipercampo' dentro ou sobre o 'Campo'. (3) Além disso, Eles mesmo ainda hoje Não sabem Porque é que isto aconteceu e não têm sequer a certeza absoluta de que o P dentro do 'F' seja o motivo. Em Suma, A bomba Atômica não matou os investigadores, por isso as experiências continuaram — mas eventualmente um ou dois foram acidentalmente mortos, Mas a causa era conhecida quanto ao Motivo por que morreram. Eu próprio 'sinto' que algo pertencente àquela bússola de pequena embarcação 'despoletou' 'As Chamas'.

Não tenho provas, mas A Marinha Também Não. (4) PIOR e Não Mencionado, Quando um ou dois dos seus Homens, Visíveis-dentro-do-campo-para-todos-os-outros, Simplesmente Caminharam para o Nada, E Nada Podia ser sentido deles, tanto quando o 'campo' Estava ligado COMO desligado. ELES SIMPLEMENTE TINHAM DESAPARECIDO! Então, Mais Receios Foram Acumulados. (5) Pior, Ainda, Quando um Homem aparentemente Visível e Novo Simplesmente caminha, segundo parece, 'através' da Parede da sua Casa, a área circundante Procurada por todos os Homens e minuciosamente escrutinada por e com e sob um revelador de Campo

Portátil Instalado E NADA NUNCA encontrado dele. Tantos e Tantos Receios estavam por essa altura em efeito que o total da Soma de todos eles Não poderia alguma vez mais ser enfrentado por QUALQUER daqueles Homens ou pelos Homens que Trabalhavam nas e sobre as Experiências.

Desejo Mencionar que, de Alguma Forma, também, O Navio Experimental Desapareceu da sua Doca de Filadélfia e apenas uma escassa quantidade de Minutos Mais Tarde apareceu na sua outra Doca na área de Norfolk, Newport News, Portsmouth. Isto foi distintamente E claramente Identificado como sendo esse local, MAS o navio então, novamente, Desapareceu E Voltou para a sua Doca de Filadélfia em apenas uma escassa quantidade de Minutos ou Menos. Isto também foi notado nos jornais, Mas esqueço-me em que jornal o li ou Quando Aconteceu. Provavelmente No Final das experiências, Pode ter sido em 1946 após as Experiências terem sido descontinuadas, Não Posso Dizer com Certeza.

Para a Marinha, Toda esta situação era Tão Impraticável devido aos seus efeitos de Destruição do Moral, Os quais foram de tal ordem que a operação eficiente do Navio foi Drasticamente prejudicada, e depois desta ocorrência Ficou demonstrado que nem sequer com a Mera operação de um navio se podia contar de todo. Em suma, a Ignorância desta situação gerou Tais Terrores da mesma que, ao Nível das tentativas de operações, com o conhecimento que estava então disponível, foi considerada como impossível, Impraticável e Demasiado Horrível.

Acredito que Se VOCÊ estivesse então a Trabalhar na e Com a equipa que estava a Trabalhar neste projeto, Consigo próprio sabendo o que Sabe AGORA, 'As Chamas' Não teriam sido tão inesperadas, ou Um Mistério Tão Aterrorizante. Também, Mais do que Provável, devo dizer em Toda a justiça, Nenhuma destas outras ocorrências poderia ter acontecido sem algum conhecimento da sua possibilidade de ocorrer. De facto, Elas poderiam ter sido evitadas por um Programa muito Mais Cauteloso E por uma Seleção Muito Mais Cautelosamente cuidadosa do Pessoal para Oficiais e Tripulação do Navio.

Não foi esse o caso. A Marinha utilizou qualquer Material Humano que estivesse à mão, Sem Muito, ou nenhum, pensamento quanto ao carácter e Personalidade desse Material. Se

for tomado cuidado, Grande Cuidado na seleção do Navio, e dos oficiais e da tripulação E Se for feita uma Doutrinação Cuidadosa juntamente com uma Vigilância Cuidadosa sobre artigos de vestuário tais como anéis e Relógios e pulseiras de Identificação e fivelas de cinto, Mais E ESPECIALMENTE o efeito de sapatos com Pregos ou sapatos com Travas, sapatos de dotação da Marinha dos E.U.A., sinto que algum progresso no sentido de dissipar a ignorância cheia de medo que rodeia este projeto Será Mais segura e certamente alcançado.

O Registo da CASA do Serviço Marítimo dos E.U.A., Norfolk, Va (para Marinheiros Graduados das suas Escolas) Revelará Quem foi destacado para o S.S. Andrew Furuseth para o Mês de finais de Set. ou Out. de 1943. Lembro-me positivamente de um outro observador que esteve ao meu Lado Quando os testes estavam a decorrer. Ele era da Nova Inglaterra, Cabelo Louro Castanho Encaracolado, olhos azuis. Não me lembro do Nome.

Deixo ao seu critério Decidir se mais Trabalho deverá ser colocado nisto ou Não, e Escrevo isto na Esperança de que Haja,

Muito sinceramente, Carl M. Allen

Navios invisíveis? Membros da tripulação a desaparecer?? Uma história selvagem e fantástica de facto — mas certamente intrigante também para um homem com os interesses de Jessup. De acordo com o breve relato do caso feito por Vincent Gaddis, publicado como parte do seu livro *Invisible Horizons* em 1964: 'A primeira reação de Jessup foi a de que a carta era ou uma farsa ou os delírios de um lunático. A própria natureza da investigação de OVNI's atrai mentes retorcidas e instáveis.'

Mas, continuou Gaddis, Jessup ainda sentia que havia a possibilidade de que 'o escritor estivesse a dar um relato exagerado de uma ocorrência real. Houve muitas experiências confidenciais feitas durante a Segunda Guerra Mundial. Em 1943, estava em curso a investigação que levou à criação da bomba atômica. Tinha sido inspirada pela carta de Einstein ao Presidente

Roosevelt. A teoria do "Campo Unificado" deste famoso cientista poderia ter sido a base para outra experimentação não tão bem-sucedida.'

Se de facto a carta era uma fabricação de algum tipo, então porquê a inclusão de tanto detalhe no que diz respeito a nomes, locais e eventos? Dificilmente é habitual um autor de uma farsa dar-se ao trabalho de fornecer à sua pretensa vítima o tipo de detalhes que poderiam resultar na exposição da sua farsa. Jessup estava perplexo.

Finalmente, movido por um inexplicável sentido de urgência e pela mesma curiosidade que o tinha motivado da primeira vez, Jessup respondeu à carta — desta vez por postal no qual notou que considerava da 'maior importância' que Allende lhe enviasse 'imediatamente' provas de qualquer tipo que servissem para apoiar as estranhas alegações que tinha feito.

Como antes, passaram-se meses sem resposta. Jessup, ainda ocupado com outros assuntos, assumiu que o incidente tinha finalmente sido encerrado e, após as primeiras semanas, raramente pensava nele.

Quase cinco meses mais tarde, contudo, a caixa de Pandora abriu-se novamente para vomitar mais uma missiva de Allende — esta tão críptica como as outras duas. O carimbo do correio dizia 'Dubois, Pensilvânia, 25 de Maio de 1956', e o texto (novamente por cortesia do Dr. Crabb) dizia o seguinte:

Carlos M. Allende RF 1 Caixa 223 New Kensington, Pa.

Caro Sr. Jessup:

Tendo chegado recentemente a casa das minhas longas viagens pelo país, verifico que me tinha deixado um postal. Pede-me que lhe escreva 'imediatamente' e, Portanto, após levar tudo em consideração, decidi fazê-lo. Pede-me aquilo que é equivalente a uma prova positiva de algo que apenas a duplicação daqueles dispositivos que produziram 'Este fenómeno' alguma vez

lhe poderia dar; pelo menos, fosse eu de inclinação científica, presumo que, se eu tivesse Tal Curiosidade sobre algo, o qual foi produzido a partir de uma teoria que foi descartada (1927) como incompleta, estou certo de que seria de tal ceticismo que Teria de me ser mostrados esses dispositivos que produziram tão curiosa interação de Forças e Campos, em funcionamento e o seu produto. Sr. Jessup, eu NUNCA poderia possivelmente satisfazer tal atitude.

O motivo sendo que eu não poderia, Nem nunca o Dept. de Investigação da Marinha (Então sob o atual chefe da Marinha, Burke) deixaria que se soubesse que alguma vez se permitiu que tal coisa fosse feita. Pois, como vê, foi por causa da Curiosidade, Prontidão e incentivo de Burke que esta experiência pôde ser realizada. Provou ser um fardo inútil, mas a sua atitude em relação a tipos de investigação avançados e ultra-avançados é precisamente 'A' COISA que o colocou onde está hoje. (Ou pelo menos, com certeza, Tem um grande peso). Se o fedor dos resultados de Tais Experiências ALGUMA VEZ viesse a público, Ele também seria crucificado.

Contudo, tenho notado que, ao longo dos tempos, aqueles a quem isto aconteceu, assim que as paixões vulgares que causaram a reação arrefeceram E a investigação posterior prosseguiu ABERTAMENTE, esses crucificados alcançam algo semelhante à santidade. Diz que isto 'é da maior importância'. Discordo de si, Sr. Jessup, não apenas de Todo o Coração, mas veementemente. No entanto, ao mesmo tempo, as suas ideias e o seu próprio tipo de curiosidade são do meu próprio tipo e, além disso, a minha discordância baseia-se na Moralidade filosófica e não nessa curiosidade que Impulsiona a Marinha tão rapidamente.

Posso ser-lhe de alguma ajuda positiva em mim mesmo, mas fazê-lo exigiria um Hipnotizador, Pentatotal de Sódio, um gravador de fita e uma excelente secretária-datilógrafa para produzir material de Real valor para si. Como sabe, alguém que está hipnotizado não pode Mentir, e alguém que está hipnotizado

E a quem é dado o 'soro da verdade', como é coloquialmente conhecido, NÃO PODERIA POSSIVELMENTE MENTIR, DE TODO. Para mais, a Minha Memória seria DESSE MODO capacitada para recordar coisas com tão grande detalhe, coisas que a minha consciência atual não consegue de todo relembrar, ou apenas mal e com incerteza, que seria de muito maior benefício utilizar a hipnose.

Eu poderia assim ser capacitado não só para Recordar Nomes COMPLETOS, mas também moradas e números de telefone E talvez os muito importantes números Z daqueles marinheiros com quem naveguei ou com quem sequer entrei em contacto. Eu poderia também, sendo um pouco Dialético, ser capaz de falar desse modo exatamente como estas testemunhas falavam e imitar ou ilustrar os seus Maneirismos e Hábitos de pensamento; assim, os seus psicólogos podem calcular COM ANTECEDÊNCIA o método infalível de lidar com Mais Sucesso com estes. Eu NÃO poderia fazer isto com alguém que não tivesse observado longamente, e com estes homens vivi durante cerca de 6 meses, por isso está destinado a obter resultados de bons a excelentes.

A mente NÃO se esquece jamais, Não verdadeiramente, Como sabeis. Sobre isto, sugiro esta forma de fazer isto Comigo próprio mas, mais ainda, o Uso posterior de Mim mesmo na ilustração de Maneirismos e Padrões de Pensamento é sugerido para que o Objetivo de induzir estes Homens a colocarem-se à e sob a vossa disposição (HIPNOTICAMENTE OU SOB O SORO DA VERDADE) seja um Objetivo, o Qual poderia Ter um impacto Muito maior, devido à correlação de Experiências recordadas Hipnoticamente por Homens que NÃO se viram ou sequer escreveram uns aos outros, de todo, durante Quase ou mais de Dez anos.

Nisto, Com tais Homens como Testemunhas, dando um testemunho irrefutável, É minha crença que, se estivesse, Não a Marinha, mas a Força Aérea, confrontada com tal evidência (ISTO É, o Chefe de Investigação), haveria ou um clamor ou um

esforço silencioso e determinado para alcançar EM SEGURANÇA "aquilo" em que a Marinha falhou. Eles NÃO falharam, espero que percebais, em alcançar a invisibilidade metálica e orgânica, nem falharam em, de forma não procurada, alcançar o transporte de milhares de toneladas de Metal e de Humanos à velocidade de um piscar de olhos. Ainda que este último efeito de experimentação prolongada tenha sido (para eles) A coisa que os levou a considerar a experiência como um fracasso, EU ACREDITO QUE MAIS EXPERIÊNCIAS TERIAM NATURALMENTE PRODUZIDO O TRANSPORTE CONTROLADO DE GRANDES TONELAGENS A VELOCIDADES ULTRA-RÁPIDAS PARA UM PONTO DESEJADO NO INSTANTE EM QUE É DESEJADO através do uso de uma área coberta por: (1) essas cargas e (2) aquele "Campo" que poderia fazer com que essas mercadorias, Navios ou partes de Navios (HOMENS TAMBÉM FORAM TRANSPORTADOS) fossem para outro Ponto.

Acidentalmente e para a perplexidade envergonhada da Marinha ISTO JÁ ACONTECEU A UM NAVIO INTEIRO, TRIPULAÇÃO E TUDO. Li sobre isto E sobre AS ATIVIDADES DE AUSÊNCIA NÃO AUTORIZADA FORA DA BASE dos homens da tripulação que estavam na altura invisíveis num JORNAL de Filadélfia. SOB NARCO-HIPNOSE POSSO SER CAPACITADO A DIVULGAR O NOME, DATA E SECÇÃO E NÚMERO DA PÁGINA desse Jornal e do outro. Assim, o "Arquivo" deste jornal divulgará UMA PROVA AINDA MAIS POSITIVA JÁ PUBLICADA desta experiência. O nome do REPÓRTER que ceticamente cobriu e escreveu sobre estes incidentes (DO ASSALTO AO RESTAURANTE-BAR ENQUANTO INVISÍVEIS E DO SÚBITO DESAPARECIMENTO DO NAVIO) E QUE ENTREVISTOU as empregadas PODE ASSIM SER ENCONTRADO, pelo que o testemunho DELE e das empregadas pode ser adicionado aos Registos. Uma vez nesta pista, acredito Que podeis descobrir

CONSIDERAVELMENTE MAIS evidências para sustentar isto, — (como lhe chamaria — ESCÂNDALO ou DESCOBERTA?) Precisaria de um Dale Carnegie para Manobrar estas pessoas a fazerem exatamente o que desejais. Seria mais barato do que pagar a cada uma de todas estas testemunhas e Muito mais Ético. A Ideia É, para o tipo de pessoa Leiga, totalmente ridícula. Contudo, consegue recordar, sozinho, a Data de um Jornal no qual viu um item interessante há mais de 5 anos? Ou recordar nomes de Homens, os seus números de telefone que viu em 1943-44.

Espero bem que considere este plano. Progredirá como Não seria possível de qualquer outra forma. Claro que compreendo que precisaria de um Homem Que consiga fazer com que as pessoas queiram divertir-se, brincar com o Hipnotismo, um que consiga fazer com que aqueles de quem precisa: #1 venham à Sua Demonstração e assim apelar a que sejam ou uma ou ambas as coisas, "Honrados" por Ajudar no espetáculo e por lhe fazer um Grande favor, e/ou fazer parte da atuação pela quantia de uma pequena taxa. Ele TERIA de ser um Homem de uma engenhosidade tão adil na Fabricação de uma história plausível no instante em que avalia a personalidade a ser lidada QUE teria custado CARO.

A capacidade de convencer as pessoas de uma Mentira descarada como sendo a verdade absoluta seria um dos seus principais pré-requisitos. (Ahem.) Sim, alguma patifaria desse género teria de ser bem pensada e feita. O FIM ÚLTIMO SERÁ UMA VERDADE DEMASIADO ENORME, DEMASIADO FANTÁSTICA, PARA NÃO SER CONTADA. UMA VERDADE BEM FUNDAMENTADA, APOIADA POR UMA PROVA POSITIVA NÃO OBFUSCANTE. Gostaria de descobrir onde é que estes Marinheiros vivem AGORA. É sabido que algumas raras pessoas conseguem de alguma forma dizer-lhe o nome de um homem e o Seu endereço residencial SOB HIPNOSE

MESMO SEM NUNCA TEREM CONHECIDO OU VISTO A PESSOA.

Estas pessoas têm um fator PSI muito alto ou apenas alto na sua constituição que pode ser intensificado sob stresse ou tensão OU que habitualmente é intensificado sob pavor extremo. Pode também ser RE-intensificado por Hipnose, sendo assim como ler da Enciclopédia Britannica. Mesmo que aquele Assalto ao Bar-Restaurante tenha sido protagonizado por homens invisíveis ou parcialmente invisíveis, esses homens CONSEGUEM VER-SE UNS AOS OUTROS, PORTANTO OS NOMES, No entusiasmo, com certeza foram Mencionados, fossem Apelidos ou nomes próprios ou Alcunhas.

Uma verificação dos Dispensários dos Estaleiros Navais ou do Hospital ou postos de socorro ou REGISTOS da prisão daquele dia particular em que o Bar-Restaurante ocorreu Pode revelar os NOMES EXATOS DE PRECISAMENTE QUEM ERAM OS HOMENS, OS SEUS NÚMEROS DE SÉRIE DE SERVIÇO E ASSIM A INFORMAÇÃO SOBRE DE ONDE ELES SÃO SERÁ OBTIDA e, por aditras "Manobras" daqueles que ainda estão em Casa, O NOME DO LOCAL onde se encontram presentemente pode ser obtido.

COMO GOSTARIA DE FALAR REALMENTE COM (ou alguns DOS HOMENS) UM HOMEM QUE FOI OUTRORA UM SER HUMANO INVISÍVEL? (PODENDO TORNAR-SE ASSIM DIANTE DOS SEUS PRÓPRIOS OLHOS SE DESLIGAR O SEU APARELHO DE ANCA) Bem, toda esta espécie de lixo fantasticamente Absurdo será necessária, Apenas para fazer isso, o Hipnotizador-psicólogo e tudo isso. Talvez eu sugira algo demasiado minucioso e demasiado Metódico para o vosso gosto mas, por outro lado, eu, como primeiro indivíduo, Não faço questão de ser Hipnotizado de todo, Mas também sinto aquela certa atração da curiosidade sobre esta coisa que, para mim, é irresistível. Quero abrir esta coisa de par em par. As

minhas razões são simplesmente para permitir que mais trabalho seja feito sobre esta "Teoria do Campo".

Eu sou um observador das estrelas, Sr. Jessup. Não escondo isto e o facto de sentir que SE FOR LIDADO CORRETAMENTE, ISTO É, APRESENTADO ÀS PESSOAS E À CIÊNCIA DA MANEIRA PSICOLÓGICAMENTE EFICAZ ADEQUADA, sinto-me seguro de que o Homem irá para onde agora sonha estar — rumo às estrelas através da forma de transporte em que a Marinha acidentalmente tropeçou (para seu embarço) quando o seu NAVIO EXP descolou e apareceu um minuto ou algo assim mais tarde a várias Centenas de milhas marítimas de viagem de distância, noutra das suas Docas na área de Chesapeake Bay. Li sobre isto noutro jornal e apenas por Hipnose poderia qualquer homem lembrar-se de todos os detalhes de qual jornal, data da ocorrência e etc., percebe? Eh. Talvez já a Marinha tenha usado este acidente de transporte para construir os vossos OVNI. É um avanço lógico sob qualquer ponto de vista. O que pensa???

COM TODO O RESPEITO, Carl Allen

Hipnose? Soro da verdade? Sistemas de propulsão de OVNI? Certamente não é muito difícil imaginar os pensamentos que devem ter corrido pela mente de Jessup após ler esta última. Teria ele de alguma forma tropeçado numa das maiores histórias da década, ou estaria a ser preparado como o tanso para uma das suas mais elaboradas farsas?

Mas se Jessup estivera perplexo até este ponto, não era nada comparado com o que estava prestes a seguir-se. Pois enquanto ele ponderava qual deveria ser a sua reação a este último desenvolvimento, eventos ainda mais estranhos começavam a desenrolar-se noutro lugar.

CAPÍTULO TRÊS

A MARINHA TOMA NOTA

Tivesse a história terminado aqui, parece quase certo que o Dr. Jessup teria ficado mais do que feliz em descartar toda a questão destas estranhas cartas como os delírios de um chalado. Várias pessoas que o conheciam concordam que, apesar do seu interesse inicial no assunto, ele tinha finalmente chegado à conclusão muito confortável de que os textos eram simplesmente demasiado fantásticos para se depositar neles muita confiança.

Embora não se saiba se Jessup alguma vez se deu ao trabalho de responder à terceira carta ou não, parece seguro assumir que, se eventualmente o fez, foi provavelmente apenas para precaver as suas opções. Mas se respondeu ou não é, em si mesmo, relativamente pouco importante para o que se segue. O que se sabe é que Jessup estava demasiado ocupado a tentar angariar apoio para outra expedição ao México para correr atrás de histórias fantásticas sobre navios que desapareciam e tripulações invisíveis. O seu objetivo imediato era obviamente conseguir olhar de novo para aquelas crateras.

Foi, de facto, com este objetivo em mente que escreveu o seguinte a Gray Barker, um dos seus correspondentes menos misteriosos, no final de 1956:

Claro que sabe dos meus interesses no México, e eles ganharam vida súbita e inesperadamente: (1) Alguns interesses comerciais estão provavelmente a levar-me ao México num levantamento preliminar de minerais sob as crateras de meteorito;

e (2) parece muito provável que o governo possa financiar uma expedição através do patrocínio da Univ. de Michigan. No primeiro caso, partiria, provavelmente por volta de 10 de Dez., para uma viagem de cinco semanas. No segundo, poderá materializar-se por volta de 1 de Abril (1957) e durar pelo menos cinco meses ---- até ao momento nenhum contrato foi assinado.

Embora, infelizmente, ambas as "oportunidades" tenham mais tarde fracassado, Jessup estava neste ponto num estado de espírito exultante, e um elevado grau de expectativa e antecipação é evidente nas suas cartas. Juntando isto ao facto de estar a trabalhar no que considerava ser outro livro de grande relevo, (*The Expanding Case for the UFO*), não é difícil compreender por que razão seria tentado a adiar a consideração de assuntos menos urgentes, e entre estes estariam certamente as cartas de Allende. Talvez quando tivesse mais tempo e quisesse algo para fazer olhasse para elas — mas por agora, teriam de esperar.

Contudo, apesar da crença confiante de Jessup de que as cartas eram um assunto morto, coisas que ele não tinha forma imediata de saber ou controlar estavam a começar a acontecer — uma série de coincidências extremamente curiosas.

Deve notar-se aqui, em toda a justiça, que existem vários relatos da história que se segue — todos diferindo uns dos outros em maior ou menor grau, dependendo de quão longe das fontes originais conseguiram afastar-se antes de serem registados por uma parte interessada. Tendo levado tudo isto em consideração, tentámos reconstruir a versão que se segue a partir daquelas que parecem ser as fontes de informação mais fiáveis. Ao fazê-lo, os relatos em primeira mão daqueles que conheciam Jessup pessoalmente receberam maior peso sobre versões que são obviamente em segunda ou terceira mão.

Esta parte da história parece ter tido o seu início no final de Julho ou início de Agosto de 1955 — o que, se esta data estiver correta, é pelo menos vários meses antes de Jessup receber a

primeira da sua série de cartas perplexas de Allende. Em todo o caso, tudo começou com um envelope de papel pardo endereçado ao "Almirante N. Furth, Chefe, Gabinete de Investigação Naval, Washington 25. D.C.", o qual, dizem-nos, foi incluído na correspondência recebida de um certo Major Darrell L. Ritter, Oficial de Projeto Aeronáutico do Corpo de Fuzileiros Navais dos E.U.A. no *ONR (Office of Naval Research)*.

Este envelope tinha o carimbo do correio de "Seminole, Texas, 1955" e, cruzando a frente do mesmo, tinham sido gatafunhadas as palavras "Páscoa Feliz" a tinta. No interior, sem endereço de remetente ou carta de explicação, estava uma cópia em capa mole de *The Case for the UFO* de Morris Jessup. Ao abrir o livro, Ritter viu que este tinha sido fortemente marcado com anotações manuscritas e sublinhados do tipo mais perplexo, escritos em pelo menos três cores diferentes de tinta — anotações que pareciam implicar que o autor delas possuía um conhecimento íntimo sobre OVNI, os seus meios de propulsão, origem, antecedentes e história. O livro em si estava bastante gasto, e quem quer que fosse o responsável por este trabalho tinha aparentemente passado uma grande quantidade de tempo a fazê-lo.

O próprio Almirante Furth não parece ter-se interessado por tal lixo não assinado — se é que alguma vez lhe mostraram o livro —, mas o Major Ritter parece ter olhado para ele como uma espécie de curiosidade interessante. Pelo menos parece ter sido graças a ele que o livro não foi instantaneamente deitado fora. Ritter muito provavelmente guardou o livro para si quando viu que Furth não estava interessado, e deve ter passado muito do seu tempo livre a percorrê-lo. As suas reações imediatas ao que encontrou não estão registadas, mas ler o livro juntamente com a sua coleção de anotações bizarras deve tê-lo deixado num estado de admiração.

As anotações pareciam ser explicações para os desaparecimentos misteriosos de navios, aviões e pessoas

discutidos nos livros de Jessup, muitos dos incidentes ocorrendo dentro da área do misterioso "Triângulo das Bermudas". Mais ainda, elaboravam, por vezes com considerável detalhe, sobre a origem de muitas das "tempestades e nuvens estranhas, objetos a cair do céu, marcas e pegadas estranhas, e outros assuntos" sobre os quais Jessup escrevera. Mencionada estava também a construção de cidades submarinas em ligação com dois grupos de criaturas presumivelmente extraterrestres referidas como "os L-M" e "os S M", das quais apenas uma (as "L-M") deveria ser considerada amigável. Adicionalmente, termos estranhos — nave-mãe, navio-base, navio morto, grande arca, grande bombardeamento, grande regresso, grande guerra, pequenos-homens, campos de força, congelamentos profundos, marcadores de medida, naves de reconhecimento, campos magnéticos, campos de gravidade, folhas de diamante, raios cósmicos, cortadores de força, trabalho de embutidos, conversa clara, telepatia, nódulos, vórtices, rede mágica — foram encontrados ao longo das várias anotações manuscritas.

É perfeitamente possível que o Major Ritter, que sabia da ênfase que estava a ser colocada na investigação sobre antigravidade pelos militares na altura, tenha sentido que talvez tivesse tropeçado numa espécie de pista sobre o assunto. Mas fossem quais fossem os seus motivos, podemos ter a certeza de que foi ele quem preservou o livro, porque foi das suas mãos que o Comandante George W. Hoover, Oficial de Projetos Especiais do *ONR*, juntamente com o Capitão Sidney Sherby, um recém-chegado ao *ONR*, receberam o livro alguns meses mais tarde, depois de terem manifestado interesse nele.

Ambos os homens estavam profundamente envolvidos no então corrente Projeto Vanguard da Marinha, o nome de código para os esforços da América no desenvolvimento do seu primeiro satélite terrestre, e estavam também interessados na investigação sobre antigravidade.

O Comandante Hoover ficou evidentemente tão intrigado com os gatafunhos bizarros e as estranhas notações marginais que se mostrou disposto a dedicar quantidades significativas do seu tempo pessoal à perseguição do assunto, numa tentativa de determinar exatamente o que, se é que alguma coisa, estava por detrás de tudo aquilo. O Capitão Sherby estava interessado também, e passaram um tempo considerável a discutir a estranheza do caso. Foi desta forma que, algures na primavera de 1957, Morris Jessup recebeu uma carta de Sherby ou de Hoover, convidando-o a visitar o Gabinete de Investigação Naval em Washington para discutir o seu livro.

Quando chegou, foi entregue a Jessup a mesma cópia em capa mole marcada de *The Case for the UFO* que caíra nas mãos do Major Ritter cerca de dezoito meses antes.

"Este livro foi-nos enviado pelo correio de forma anónima", explicou um dos oficiais. "Aparentemente, passou de mão em mão entre pelo menos três pessoas que fizeram anotações." (Uma suposição errada baseada no uso de três cores de tinta e na impressão que várias das anotações davam de ser uma conversa dirigida de uma pessoa para outra. Na realidade, parece não ter havido mais do que um anotador.) "Examine-o, Sr. Jessup, e diga-nos se tem alguma ideia de quem escreveu estes comentários."

De acordo com o relato de Vincent Gaddis, "À medida que Morris Jessup percorria esta cópia anotada, ficava cada vez mais alarmado porque cada vez mais os comentários pareciam dizer respeito a assuntos de que ouvira falar mas que não eram mencionados no seu livro. Mais ainda, a pessoa ou pessoas que escreveram estas notas marginais e comentários obviamente sabiam imenso sobre o então corrente 'folclore' de OVNI, extraterrestres e muitos outros assuntos relacionados, habitualmente do interesse principal de paranormais, membros de seitas e místicos. Se estes eram verdadeiros ou não, não era a questão. O facto de serem tão precisamente conhecidos por um desconhecido é que era."

Jessup estava perturbado. Porque razão, perguntava-se ele, estava a Marinha interessada em algo que era tão obviamente o produto de uma mente perturbada? Mas quanto a quem poderia possivelmente ter produzido tal coisa, não conseguia imaginar — não conseguia, isto é, até que por acaso reparou numa certa passagem curiosa que fazia referência direta a uma experiência naval secreta que alegadamente ocorrera em 1943. Percebendo que já tinha encontrado tal afirmação antes, Jessup continuou a virar as páginas.

Ao encontrar mais algumas referências diretas ao navio que desaparecia, ficou sem margem para dúvidas — o seu outrora misterioso correspondente, Carlos Miguel Allende, tinha de estar ligado de alguma forma a este estranho livro. Satisfeito com as suas conclusões, relata-se que Jessup olhou para cima neste ponto e comentou que se sentia seguro de que tinha pelo menos duas cartas nos seus arquivos "de um dos comentadores".

"Obrigado, Sr. Jessup", respondeu Hoover. "É importante que vejamos essas cartas."

Hoover continuou então informando Jessup de que estava interessado em tudo isto a tal ponto que já tinha tomado a liberdade de providenciar para que o livro de Jessup fosse reproduzido, completo com todas as misteriosas anotações, numa "edição limitada para circulação entre algumas das nossas chefias mais importantes". E prometeu: "Asseguraremos que receba uma cópia".

Jessup deve ter acedido ao pedido de Hoover, dado que as cartas foram mais tarde reproduzidas como parte da "introdução" à edição especial "limitada" do livro de Jessup que Hoover providenciara. (Hoover e Sherby aparentemente escreveram o resto da introdução.)

Uma fonte próxima de Jessup chega ao ponto de afirmar que Jessup fez um total de três visitas distintas ao *ONR* por causa deste assunto.

A tarefa de reproduzir este livro através do processo lento e laborioso de dactilografar novamente a sua totalidade, completo com as anotações, em matrizes de mimeógrafo (isto foi em dias anteriores à Xerox) e depois rodar as cópias em duas cores (preto para o texto e vermelho para as anotações e sublinhados) em papel padrão de formato 8,5 por 11 polegadas foi assumida pela *Varo Manufacturing Company* de Garland, Texas — uma empresa da "era espacial" fortemente envolvida em contratos de investigação militar e com a qual se sabe que Hoover e Sherby tinham ligações significativas, uma vez que ambos viriam mais tarde a encontrar emprego nessa empresa. Se o custo do projeto foi assumido pela Varo, pelo Gabinete de Investigação Naval ou por Sherby e Hoover pessoalmente, permanece incerto. O que se sabe é que a dactilografia foi feita por uma Menina Michael (Michelle?) Ann Dunn, secretária pessoal do então presidente da Varo, Austin N. Stanton, e que a máquina de mimeógrafo pertencia a uma divisão dessa empresa conhecida como "Assistência Militar".

Uma fonte sustenta que a Menina Dunn não era, na verdade, secretária do Sr. Stanton, mas apenas uma funcionária temporária contratada especialmente para este trabalho específico. De facto, a própria Varo nega qualquer registo de que uma "Menina Dunn" alguma vez tenha sido empregada pela empresa.

Foram produzidas exatamente 127 cópias (outras fontes indicaram o número como situando-se algures entre 12 e 25), completas com a já mencionada introdução não assinada de três páginas de Hoover e Sherby e apêndices contendo cópias dactilografadas das duas cartas que Jessup tinha recebido de Carlos Miguel Allende. As páginas impressas foram laboriosamente agrupadas à mão e encadernadas em espiral entre capas de cartolina azul-clara.

Em retrospectiva, parece que o interesse de Sherby e Hoover neste livro adveio da sua crença, conforme exposto na introdução, de que "devido à importância que atribuímos à possibilidade de

descobrir pistas sobre a natureza da gravidade, nenhum elemento possível, por mais desacreditado que seja do ponto de vista da ciência clássica, deve ser descurado". Exatamente a que "pistas sobre a natureza da gravidade" se referiam não é totalmente claro, contudo, visto que parece haver apenas algumas (embora reconhecidamente bastante tentadoras) referências a este assunto nas próprias anotações da edição da Varo, fora os comentários vagos do próprio Jessup a esse respeito.

Apesar disso, por quaisquer que fossem as razões obscuras, pode haver muito pouca dúvida de que o "livro" resultante circulou, de facto, durante algum tempo nos círculos militares de Washington. Sobre este aspeto do assunto, o investigador de OVNI e editor Gray Barker, desde há muito um dos principais impulsionadores na tentativa de resolver o mistério do caso Allende, comentou no seu livro de 1963, *The Strange Case of Dr M. K. Jessup*, o seguinte:

Soube da cópia anotada pela primeira vez quando falava com a Sra. Walton Colcord John, diretora do *Little Listening Post*, uma publicação sobre OVNI e *New Age* em Washington. Falando ao telefone, a Sra. John contou-me um boato estranho que corria, no sentido de que alguém tinha enviado uma cópia marcada para Washington e que o governo tinha suportado a despesa de mimeografar o livro inteiro, para que todos os sublinhados e notações pudessem ser adicionados ao texto original. Isto estava a ser distribuído de forma bastante ampla, disse-me ela, através de canais militares.

Ela não tinha visto, como é evidente, uma cópia do mesmo, e não sabia muito sobre o assunto, mas de alguma forma parecia ligá-lo a uma alegada experiência Naval em que um navio tinha desaparecido completamente da vista. Não consegui extrair muito de tudo isto até que, mais tarde, ouvi também falar das estranhas Cartas de Allende, que falavam de tal experiência de uma forma absolutamente aterrorizadora.

Mas, dado que são Jessup e as próprias e misteriosas cartas de Allende, em vez da edição anotada da Varo de *The Case for the UFO*, que constituem o nosso fio condutor de interesse neste estudo, não nos devemos desviar mais neste ponto, devendo sim continuar com a nossa investigação. (Caso o leitor deseje prosseguir com o assunto do livro anotado um pouco mais além, fac-símiles de reimpressão da edição original da Varo podem ser obtidos através do Sr. Barker na *Saucerian Press*, P.O. Box 2228, Clarksburg, West Virginia, 26302.)

Exatamente que efeito todos estes desenvolvimentos inesperados tiveram em Jessup é difícil de determinar completamente, mas parece que, conjugados com um acidente de automóvel e dificuldades conjugais por ele vividas na altura, constituíram um choque do qual nunca foi capaz de recuperar totalmente. Confiando novamente nos relatos pessoais daqueles que eram mais próximos de Jessup, uma coisa que parece certa é que, após Jessup receber as suas cópias prometidas (três) da reimpressão da Varo por parte do *ONR*, passou uma grande quantidade de tempo a analisar o livro em detalhe. Segundo consta, ficou tão perturbado com o conteúdo verdadeiramente bizarro destas anotações que se deu ao trabalho de "reanotar" o livro, dactilografando os seus próprios comentários e reações em tiras de papel e colando-as aproximadamente em cada décima página ou algo assim. (Esta cópia reanotada aparentemente ainda existe, mas não foi disponibilizada de forma geral aos investigadores pelo seu proprietário.)

Entretanto, a extensão do interesse de Sherby e Hoover no caso é ainda confirmada pelo facto de um deles (ou talvez ambos) ter aparentemente feito esforços para localizar Carlos Allende.

Segundo relatos, uma viagem de Hoover ao endereço rural da Pensilvânia fornecido por Allende nas suas cartas a Jessup revelou-se infrutífera — tal como todas as tentativas de o localizar por outros métodos tradicionais. Allende, ao que parecia, tinha desaparecido. Além dos esforços dos homens da Marinha,

diz-se também que um amigo anónimo do Dr. Jessup tentou localizar Allende neste mesmo endereço (talvez a pedido de Jessup?) com os mesmos resultados. De acordo com este relato, o homem encontrou a casa de campo vazia e conseguiu apenas saber pelos vizinhos que um homem chamado Carlos ou Carl tinha ali estado alojado durante algum tempo com um casal de idosos e depois tinha seguido viagem. Algum tempo depois disso, um camião encostara à casa, o casal de idosos e os seus pertences foram carregados, e o camião partira — com destino desconhecido.

Jessup, um astrofísico formado, achava difícil imaginar por que razão a Marinha se daria a todo este trabalho a menos que houvesse, de facto, algo por detrás de tudo aquilo. Parece haver pouca dúvida de que as circunstâncias da alegada experiência de invisibilidade eram de especial interesse para ele, e parece que passou pelo menos algum do seu tempo a analisar as possibilidades.

Jessup, após o colapso das suas esperanças de explorar as crateras mexicanas, tinha por volta de 1958, ao que parece, quase abandonado as suas funções docentes numa tentativa de ganhar a vida através da escrita e da publicação. Embora não tenha sido imediatamente bem-sucedido nesta atividade, aparentemente sentia-se livre o suficiente para continuar a tentar durante algum tempo, mesmo que isso significasse viver com um rendimento algo reduzido, uma vez que os seus filhos estavam todos crescidos e se tinham mudado e a sua esposa o tinha deixado.

Consequentemente, após certificar-se de que a grande casa que possuía nos arredores de Miami estava fechada, mudou-se de volta para o seu Indiana natal, onde se estabeleceu como editor de uma pequena publicação astrológica. Aqui continuou a tentar prosseguir a sua carreira de escritor, ao mesmo tempo que se tornava cada vez mais interessado em fenómenos paranormais — talvez porque considerasse isto como uma forma possível de explicar alguns dos seus sentimentos pessoais cada vez mais

perturbados. Aqueles que mantiveram contacto com ele durante estes meses descrevem-no como mostrando indícios de uma considerável agitação emocional interior e como estando cada vez mais tenso e perturbado. De facto, diz-se que uma das suas amigas ligadas ao paranormal, que aceitou um convite para jantar com ele no início de 1958 durante uma das visitas de Jessup a Ann Arbor, comentou o quão chocada ficara com "a mudança nas vibrações dele". Elas tinham, observou ela de forma algo peculiar, "adquirido... uma espécie de mau odor astral".

O princípio do fim ocorreu no final de Outubro de 1958, quando Jessup viajou do Indiana para Nova Iorque, ostensivamente com o propósito de contactar organizações astrológicas e editores. Tal viagem, pelo menos à superfície, não parecia fora do comum para ele, visto que fizera muitas viagens a Nova Iorque no passado e conseguira acumular numerosos contactos ali. Consequentemente, aqueles que o conheciam nessa cidade pouco suspeitavam que aquela seria a sua última visita com eles.

Por volta da noite de *Halloween*, Jessup, em resposta a um convite para jantar, fez uma visita à casa de um dos seus amigos em Nova Iorque — o proeminente naturalista Ivan T. Sanderson. Sanderson tinha fundado a Sociedade para a Investigação do Inexplicado (*SITU*), agora situada em Little Silver, Nova Jérсия. Publicou um relato da última visita de Jessup na Edição N.º 4 (Setembro de 1968) da revista da sua sociedade, *Pursuit*, da qual o seguinte é livremente citado:

Depois, em 1958, uma série inteira de eventos extremamente misteriosos teve lugar ---- As coisas mais invulgares começaram então a acontecer, as quais fornecem matéria abundante para um livro completo em si mesmas. Terminaram numa tragédia verdadeiramente terrível.

Num determinado dia... Morris Jessup foi convidado na minha casa em Nova Iorque. Estavam cerca de uma dezena de

peessoas presentes de vez em quando, antes, durante e após o jantar. A certa altura, o Morris perguntou a três de nós se podíamos ter uma conversa no meu escritório privado. Para lá nos dirigimos; e ele entregou-nos então a cópia reanotada original e pediu-nos com grande sinceridade que a lêssemos, trancando-a depois em local seguro "caso algo me aconteça". Isto pareceu tudo muito dramático na altura mas, após termos lido este material, devemos admitir ter desenvolvido um sentimento coletivo de natureza extremamente desagradável ----

O Morris era um homem de família dedicado e especialmente zeloso do bem-estar futuro dos seus netos. Neste nosso último encontro, ele estava extremamente perturbado e admitiu que, devido a um interesse originalmente puro e intelectual por fenómenos naturais, descobria que tinha sido completamente sugado para um mundo de irreabilidade totalmente insano. Expressou pavor absoluto face ao fluxo incessante de "coincidências" que tinham ocorrido no seu trabalho e na sua vida privada; mas, além disso, estava angustiado com a possibilidade de ser acusado de loucura total caso mencionasse estes agravamentos e assuntos relacionados.

O que ele realmente nos disse foi, em substância: Não creio que esteja a ficar chulado, mas acredito mesmo que todo este absurdo está efetivamente a acontecer e não é um fruto da minha imaginação. Se lerdes este livro, vereis por que razão fui forçado a esta conclusão. Agora, se eu estiver certo, tenho o pressentimento de que isto simplesmente não pode continuar por mais tempo sem que algo de desagradável aconteça; e, se algo acontecer e alguém ler este material, dirão imediatamente que eu obviamente bati com a cabeça; e assim que isso tiver sido sequer sugerido, sabeis muito bem que o cidadão comum não envolvido saltará imediatamente para a conclusão de que há loucura na minha família.

Esta era uma situação bastante trágica face ao que se apresentava já na altura. Naturalmente, demos a nossa promessa

solene de que o pedido do Morris seria escrupulosamente cumprido; enquanto ele, por seu lado, acrescentou a condição de que apenas se certas pessoas por ele nomeadas o solicitassem por escrito (e com as respectivas declarações legais sob juramento que o acompanhassem) deveríamos publicar o material.

Sanderson continuou afirmando que lhe tinha sido "repetidamente pedido" para revelar o nome da pessoa a quem Jessup escolhera dar o seu material para salvaguarda naquela noite, mas que ele "com igual repetição se recusou a fazê-lo" e "continuará a fazê-lo". Tanto quanto se sabe, ele cumpriu escrupulosamente a sua palavra até à altura da sua morte em 1973 — embora certas coincidências tenham levado os presentes autores a suspeitar que o homem que Jessup escolheu não foi outro senão o próprio Sanderson.

Jessup estava programado para regressar à sua residência no Indiana no espaço dos dois dias seguintes, pelo que ninguém ficou realmente surpreendido quando ele deixou Nova Iorque um dia ou dois após a festa de jantar de Sanderson. Mas quando, à medida que os dias passavam, ele não apareceu no Indiana, certas pessoas, os seus editores entre elas, começaram a temer pela sua segurança. Finalmente, após cerca de dez dias terem decorrido sem notícias, conseguiram de alguma forma obter o nome de um dos parceiros de negócios de Jessup em Nova Iorque e escreveram-lhe pedindo informações sobre o paradeiro de Jessup. Ficaram consternados ao saber que o homem não sabia.

Finalmente, em meados de Dezembro de 1958, cerca de um mês após a preocupada carta de inquérito do editor de Jessup e uns bons quarenta e cinco dias após a sua partida de Nova Iorque, novamente de acordo com Sanderson, "um outro dos seus amigos em Nova Iorque soube que ele estava na Flórida, tinha ido para lá diretamente de Nova Iorque, tinha aberto a sua casa e, escassos dias mais tarde, tinha estado envolvido num acidente de automóvel muito grave do qual ainda estava a recuperar".

Pouco se sabe da vida de Jessup durante os meses seguintes, exceto que o seu estado de desespero mórbido e depressão aumentou de forma bastante rápida durante esse tempo. Esta situação infeliz foi agravada pelo seu acidente, que o deixara incapaz de realizar grande parte do que considerava de algum valor, pela rejeição de vários dos seus manuscritos por parte do seu editor por não estarem "à altura", e pela crítica contínua aos seus escritos vinda de vários círculos científicos e acadêmicos por todo o país. Em todo o caso, parece haver pouca dúvida de que passou uma grande quantidade de tempo a planejar o que deveria fazer com a sua vida a partir desse ponto.

Em meados de Abril de 1959, menos de dois meses após o seu quinquagésimo nono aniversário, decidiu-se pelo ato final. Numa longa carta "deprimente e deprimida" à sua principal confidente em Nova Iorque, um conhecido anfitrião de um programa de entrevistas na televisão nas madrugadas, "Long John" Nebel (atualmente falecido), Jessup desabafou a sua alma. A carta, descrita como uma "nota de suicídio direta", deixava claro que ele se sentia agora como "um vegetal completo" e, após pedir que certos desejos fossem cumpridos em seu nome, tornava claro em termos inequívocos que preferia correr o risco de "outra existência ou universo ser melhor do que este mundo miserável". Tinha, disse ele, chegado a esta solução apenas após cuidadosa consideração e não num acesso de desespero súbito.

O seu desejo final, comunicado por ele na carta a Nebel, era o de que, se ele se matasse, Nebel deveria providenciar para que uma sessão espírita fosse realizada no seu programa de rádio noturno com o propósito de tentar determinar se a comunicação após a morte era possível. De acordo com Paris Flammonde, produtor do "Long John Nebel Show" durante muitos anos, o programa estava completamente planeado e estava prestes a ir para o ar quando foi "abortado pelo advogado do Sr. Nebel, que sentiu que a privacidade de certas pessoas poderia ser violada".

Embora relatos fiáveis deem conta de que o Dr. Jessup escreveu pelo menos duas outras notas semelhantes a amigos próximos, o número real ou o seu conteúdo é relativamente pouco importante. A 20 de Abril de 1959, por volta das 18h30, o corpo ainda mal respirando do Dr. Morris K. Jessup, autor consagrado, antigo astrónomo e um dos primeiros pensadores livres do mundo sobre o fenómeno OVNI, foi descoberto prostrado sobre o volante da sua carrinha a qual, de acordo com as informações na sua certidão de óbito, ele tinha estacionado no parque rural *Dade County Park*, não muito longe da sua casa em Coral Gables. Diz-se que faleceu escassos momentos mais tarde, ou a caminho do hospital ou pouco depois de ter chegado lá — vítima de envenenamento por monóxido de carbono auto-infligido por meio de uma mangueira que foi acoplada ao tubo de escape do carro e introduzida no habitáculo dos passageiros através de uma janela quase fechada. Como veremos mais tarde, houve quem sugerisse que não se tratou de um suicídio.

Ivan Sanderson, um dos amigos mais próximos de Jessup, foi movido a comentar alguns anos mais tarde que era o consenso de vários dos amigos e associados de Jessup, que outrora se tinham reunido para discutir o assunto, que os eventos bizarros que rodeavam o "caso Allende" foram diretamente responsáveis por despoletar a "cadeia de acontecimentos" que, em última análise, levou à morte de Jessup. Em *Uninvited Visitors*, ele descreveu Jessup como "um entusiasta exuberante... quase demasiado entusiasta e confiante nas suas teorias" antes de receber as cartas. Depois disso, "ele pareceu duvidar subitamente de tudo". Sanderson continuou:

Ele disse-nos no seu último encontro que, francamente, simplesmente não conseguia "pensar cosmicamente", explicando que os conceitos apresentados por Allende nas suas cartas e as anotações no livro estavam além da sua compreensão, mas reduziam a nada tudo o que ele pensava ter ganho em

conhecimento daquilo que sempre considerara ser uma atividade bastante direta e mais ou menos "isolada" — a saber, os OVNI.

Embora Sanderson retratasse Jessup como estando "completamente perplexo" por todo o caso Allende, concordava com a análise de Jessup de que parecia haver "demasiado nestas cartas para as ignorar na totalidade". "A Ufologia", escreveu Sanderson, "é uma atividade verdadeiramente caricata. Não pode ser tudo tretas; no entanto, algumas das suas implicações são tão bizarras que chegam a estar quase além da compreensão." Resumindo tudo, concluiu que sentia o mistério do caso Allende "mais digno de investigação posterior do que qualquer outro com que me tenha deparado".

CAPÍTULO QUATRO

ALGUMAS PISTAS E ALGUMAS CONJETURAS

Terá a chamada Experiência de Filadélfia realmente acontecido? Durante os anos decorridos desde a morte de Jessup, a controvérsia tem continuado a lavrar, ocasionalmente alimentada por laivos de novas evidências, mas com o mistério básico a permanecer por resolver. Certamente, uma história de proporções tão estranhas e bizarras não iria simplesmente desvanecer-se, independentemente das circunstâncias. Mas com o falecimento do homem que era a figura central óbvia no caso até este ponto, a questão perplexa das cartas de Allende procedeu de forma bastante rápida (e bastante previsível, suponho) para se tornar uma espécie de lenda.

A história parece ter sido mantida viva por um grupo de crentes, ao início muito pequeno mas gradualmente em expansão, os quais, sob análise, parecem enquadrar-se perfeitamente em duas categorias distintas: ou tinham conhecido pessoalmente o Dr. Jessup durante a sua vida e, portanto, tinham algum conhecimento em primeira mão das cartas e dos eventos que as

rodeavam, ou conheciam alguém na primeira categoria que tinha discutido a história com eles. Em todo o caso, o interesse tem continuado inabalável até ao dia de hoje, centrando-se geralmente em que possíveis pistas, se é que de facto alguma, estas cartas e os eventos que as rodeiam poderiam ser capazes de fornecer no que diz respeito à existência e ao efeito de formas de energia até então supostamente desconhecidas e inexploradas. Embora o envolvimento inicial de Sherby e Hoover pareça ter decorrido do seu interesse em descobrir possíveis pistas para os segredos da antigravidade e da propulsão de OVNI, o interesse tem continuado ao longo dos anos por toda uma variedade de razões, variando desde a simples curiosidade até à física teórica.

A Teoria do Campo Unificado de Einstein é, ainda hoje, um conceito enevoado e pouco compreendido.

Os mistérios que possam eventualmente ser desvendados por alguma aplicação futura dessa teoria poderiam bem ser mais impressionantes para o mundo do que foi o desenvolvimento do poder atómico a partir de $E=mc^2$. Aqueles que leram as cartas de Allende e não as rejeitaram imediatamente como mero lixo ou como os delírios de um psicopata — em suma, aqueles que se deram ao trabalho de questionar se poderia possivelmente haver algum elemento de verdade nelas — viram as suas mentes turbilhonar com especulações sobre uma imensidão de assuntos insondáveis. Se de facto a Marinha teve sucesso de alguma forma, quer por acidente quer por desígnio, na criação da invisibilidade por campo de força — ou mesmo na teleportação (a transferência instantânea de objetos sólidos de um lugar para outro) — então, por exemplo, não poderiam os resultados de tais experiências oferecer também algumas pistas no sentido de explicar a estranha série de eventos e desaparecimentos que parecem assolar a área popularmente conhecida como o Triângulo das Bermudas, onde nuvens eletromagnéticas parecem anunciar os desaparecimentos de aviões e navios?

Haverá a possibilidade de que estas embarcações, presas no tempo e sem percepção do passar do tempo, continuem a viajar rumo a um destino que nunca alcançarão? Terá a experiência talvez fornecido provas da existência de outras dimensões no tempo e no espaço? Terá ela revelado pistas para uma forma nova e barata de viajar ou de produção de energia, para não mencionar o facto de que numa descoberta tão fantástica poderia residir a chave para a derradeira arma secreta? As possibilidades são tanto infindáveis como impressionantes!

Mas serão as cartas autênticas? Pois se não forem — se não tiverem sequer a mais pequena base factual —, então são obviamente chaves para coisa nenhuma, e todo o alarido que tem estado associado a elas ao longo das últimas duas décadas não significa nada.

Parece haver, então, três possibilidades: (1) A experiência com o navio, as cartas de Allende e, conseqüentemente, o próprio Allende não passam de fingimentos e fraudes e, como consequência, devem ser completamente descartados. (2) As cartas são um relato verdadeiro de um evento real. (3) Elas são um relato exagerado, distorcido e altamente sensacionalista de um evento real e, portanto, têm algum fundamento factual, mas são apenas parcialmente verdadeiras.

Se seleccionarmos a opção (1), então não só fechámos as nossas mentes sem uma análise adequada das evidências, como também não há mais necessidade de continuar a investigar o assunto. E se seleccionarmos qualquer uma das outras duas opções, parece apenas razoável e adequado esperar que o façamos por razões baseadas em factos e não em opiniões. Apesar da reação inicial demasiadamente frequente (da qual o próprio Jessup foi culpado) de que este assunto é "simplesmente demasiado fantástico para se acreditar", quanto mais se tende a pensar nisso, mais isso se fixa na mente de cada um. Embora o impulso para descartar tudo como nada mais do que uma farsa (uma farsa cruel, de facto, pois foi fatal para o Dr. Jessup) seja reconhecidamente

ilógico, é pelo menos a rota mais conveniente que se pode tomar para sair deste assunto.

Pois agir de outra forma é descobrir rapidamente que esta história tem uma forma peculiar de regressar para nos assombrar; de se estender para enredar o investigador numa teia: ou se prova, ou se encerra o assunto — mas faça-se algo com ele. Os meramente curiosos mantêm-se interessados; os dedicados ficam encurralados.

E assim, o que começou de forma bastante inocente como um esforço sério para tentar refutar tudo isto floresceu no livro que está agora a ler. Quanto mais se tentava descartar a história, mais a pessoa se via confrontada por evidências que pareciam apoiá-la.

Exatamente por que razão ou como a experiência com o navio delineada nas cartas de Allende veio a ser chamada de Experiência de Filadélfia não é conhecido ao certo, embora seja seguro que a designação não é definitivamente oficial. Tanto quanto se sabe, nunca houve um empreendimento militar de qualquer espécie que utilizasse esse título de projeto. É mais provável que o nome tenha surgido da necessidade de um ou mais dos primeiros investigadores do assunto lhe chamarem alguma coisa; e como pelo menos uma parte do projeto alegadamente teve lugar no Estaleiro Naval de Filadélfia, pareceu apenas apropriado referir-se a todo o caso como a Experiência de Filadélfia. Em todo o caso, o nome pegou, e bem podemos continuar a usá-lo.

Talvez o que seja indicado neste ponto seja um resumo conciso do assunto com que estamos a lidar. Afinal de contas, estas cartas, quando devidamente analisadas, contêm de facto uma variedade de pistas por direito próprio; e estas pistas, isoladas por si mesmas, constituem um corpo considerável em redor do qual uma investigação pode ser construída. A investigação deve sempre começar com a informação básica disponível.

Aqui está, então, uma sinopse das duas cartas sobreviventes de Allende, incluindo aqueles pontos que podem justificadamente

ser vistos como uma base a partir da qual iniciar qualquer investigação séria sobre o assunto. De acordo com Carlos Miguel Allende:

1. A Teoria do Campo Unificado do Dr. Albert Einstein foi, de facto, concluída em 1925-27, mas o Dr. Einstein retirou-a porque foi alegadamente "horrorizado" pelas utilizações possíveis que lhe poderiam ser dadas por uma humanidade ainda não preparada para ela. Isto, de acordo com Allende, poderia ser confirmado pelo "Dr. B. Russell". (Este item não constitui um assunto de somenos importância em si mesmo, pois qualquer análise adequada de tal afirmação com vista a uma possível comprovação pareceria exigir não apenas uma discussão sobre o que é a Teoria do Campo Unificado, mas também um olhar razoavelmente atento sobre a vida e a personalidade do Dr. Einstein.)
2. Durante la Segunda Guerra Mundial, os conceitos da Teoria do Campo Unificado foram testados pela Marinha "com vista a toda e qualquer possível utilização rápida da mesma, se viável, num espaço de tempo muito curto". Alguém chamado Dr. Franklin Reno, um homem a quem Allende se refere como "o meu amigo", alegadamente teve algo a ver com a produção de "resultados" nesta fase do processo.
3. Os "resultados" assim produzidos foram usados para alcançar a "completa invisibilidade de um navio, tipo contratorpedeiro, e de toda a sua tripulação, enquanto no mar (Out. 1943)" por meio de alguma espécie de campo de energia ou de força que tinha sido criado em redor do navio. Os homens no navio eram aparentemente capazes de se ver uns aos outros de forma vaga, mas tudo o que podia ser visto por qualquer pessoa fora do campo era "a forma claramente definida do casco do navio na água". Os efeitos deste campo de força criador de invisibilidade sobre os

homens envolvidos foram, de acordo com Allende, "desastrosos". A experiência, diz ele, foi um sucesso completo, mas os homens foram fracassos completos.

4. Havia uma doca especial para o navio experimental no Estaleiro Naval de Filadélfia.

5. Um pequeno item apareceu outrora num jornal de Filadélfia que comprovaria a história. Este supostamente descrevia as "atividades dos marinheiros após a sua viagem inicial", quando eles "assaltaram" um bar local, alegadamente o "Seamen's Lounge", e onde presumivelmente estavam ou ainda a exhibir os efeitos do campo, ou passaram a discutir a experiência em termos tão gráficos que aterrorizaram as empregadas. Fica-se a presumir que a Patrulha Naval foi chamada e que algum repórter recolheu a história e a escreveu sem acreditar muito nela.

6. O próprio Allende afirma ter observado pelo menos partes desta experiência enquanto estava no mar a bordo do navio *Liberty S.S. Andrew Furuseth*, um navio da *Matson Lines* saído de Norfolk. Isto foi algures em Outubro de 1943. De acordo com Allende, outros homens que estavam no convés na altura e testemunharam os testes foram: o Imediato Mowsely, Richard "Splicey" Price, um marinheiro de dezoito ou dezanove anos de Roanoke, Virgínia, e um homem chamado "Connally" da Nova Inglaterra (possivelmente de Boston).

7. O Contra-Almirante Rawson Bennett, Chefe de Investigação da Marinha, poderia supostamente verificar que a experiência tinha de facto ocorrido.

8. O navio experimental também desapareceu de alguma forma misteriosa da sua doca de Filadélfia e apareceu apenas minutos mais tarde na área de Norfolk. Posteriormente, desvaneceu-se novamente apenas para

reaparecer na sua doca de Filadélfia. Tempo total decorrido — uma questão de minutos. Allende diz que apenas ouviu falar desta fase do processo, e que isto pode ter sido tão tardio quanto 1946, "após as experiências terem sido descontinuadas".

9. Allende indica que o Gabinete de Investigação Naval estava sob a direção do "atual [à data da carta — 1956] chefe da Marinha, Burke" na altura em que as experiências com campos de força foram conduzidas, e que foi devido à sua "curiosidade e disponibilidade e incentivo que esta experiência pôde ser realizada". Este Burke é descrito por Allende como um homem que possuía uma atitude muito positiva em relação à investigação.

10. Finalmente, além do seu endereço corrente na altura, Allende também fornece a Jessup os seguintes dados sobre si próprio: o seu presumível número Z de marinheiro mercante, Z416175; o facto de ter servido no *S.S. Andrew Furuseth* durante cerca de seis meses; e que se considera a si próprio como "algo como um dialectólogo" e um "observador das estrelas" e que viaja imenso "pelo país".

Obviamente, a investigação necessária para perseguir e comprovar todos esses itens não só constitui um empreendimento considerável, como está igualmente fundamentada na descoberta bem-sucedida de informações adicionais substanciais, bem como na cooperação voluntária, se não abertamente amigável, de um número bastante grande de pessoas ao longo do caminho.

Terá a Experiência de Filadélfia realmente acontecido da forma como Allende diz que aconteceu? E, a ser assim, quais são as implicações no que diz respeito à descoberta e utilização de formas de energia até agora inimagináveis — energia de um tipo e forma que, como Allende sugere, poderia bem ser a fonte de energia utilizada por aqueles estranhos objetos aéreos a que nos referimos como OVNI?

Dignas de recordar neste ponto são as observações finais de Allende no fim da terceira carta no que respeita a este assunto: "Talvez a Marinha tenha usado este acidente de transporte para construir os vossos OVNI. É um avanço lógico sob qualquer ponto de vista."

Lógico? Possivelmente; mas antes de podermos começar a oferecer respostas possíveis a esta questão, devemos primeiro voltar a nossa atenção para a personagem que parece, neste ponto, estar quadrado no centro de todo este caso misterioso, o Señor Carlos Miguel Allende.

CAPÍTULO CINCO

O MISTERIOSO SEÑOR ALLENDE

Embora numerosas tentativas tenham sido feitas por outros investigadores ao longo dos anos para resolver o mistério colocado pelas cartas de Allende, virtualmente todas elas se detiveram antes de produzir qualquer evidência de valor real devido à sua incapacidade de produzir a chave para todo o caso: o esquivo Carlos Allende em si. Assumia-se geralmente que, dado que Allende tinha escrito as cartas, a única forma de resolver o mistério era encontrá-lo e adicionar o seu testemunho em primeira mão ao registo. O fracasso em descobrir esta testemunha resultou num conjunto infundável de conjeturas, mas pouco mais.

O problema foi ainda mais complicado por vários "falsos" Allendes que surgiram durante a década de 1960 oferecendo-se para "vender a história" se o preço fosse o correto. Um destes chegou ao ponto de fazer com que as suas cartas tivessem o carimbo do correio em New Kensington — a suposta cidade natal do verdadeiro Allende. Felizmente, nenhum dos potenciais compradores ficou convencido. Alguns chegaram a duvidar de que existisse um Carlos real, e afirmaram que tudo aquilo era na verdade uma conspiração urdida pelos Serviços de Informação da Marinha para desacreditar a investigação privada sobre OVNI —

uma hipótese interessante, mas que não encontra apoio nos factos complexos da questão.

Os problemas encontrados ao tentar localizar Allende foram consideráveis. Verificações laboriosas e demoradas de listas telefónicas em várias cidades e áreas rurais, verificações de registos militares, navais e da marinha mercante, arquivos da polícia e de jornais, necrologias e perguntas a escritores e investigadores de fenómenos inexplicados foram mal-sucedidas, até que uma coincidência invulgar forneceu a resposta.

Esta surgiu através de Jim Lorenzen, uma das primeiras pessoas contactadas. Lorenzen, que é o diretor da *Ariel Phenomenon Research Organization* (A.P.R.O.) em Tucson, Arizona, disse que o *A.P.R.O. Journal* tinha publicado uma história sobre Allende em 1969 depois de um homem que afirmava ser Allende ter aparecido na sede da A.P.R.O. e ter feito certas "confissões" (mais tarde repudiadas) durante uma entrevista relativa às suas alegações sobre a Experiência de Filadélfia. Lorenzen teve a amabilidade de enviar uma cópia de uma fotografia que tirara a Allende durante a entrevista, mas foi incapaz de fornecer algo além disso porque não tinha tido notícias de Allende desde então e não tinha endereço. Mas cerca de um mês mais tarde, Moore entrou novamente em contacto com Lorenzen sobre um assunto diferente. A resposta de Jim demorou várias semanas a chegar, mas quando veio, anexada ao fundo da mesma como uma espécie de P.S., estava a frase inesperada: "No correio de hoje veio uma carta de C.A." seguida de um endereço. Embora o endereço não fosse o de Allende, a pista que fornecia era agora suficientemente recente para ser seguida, e eventualmente o contacto foi estabelecido.

Embora encontrar Allende tenha sido certamente um passo na direção certa na investigação sobre a "Experiência de Filadélfia", obter algo de concreto dele sobre esse tópico era um problema completamente diferente. Embora a manutenção do contacto com o homem que se intitula Carlos Allende tenha produzido uma

correspondência volumosa, várias conversas telefônicas longas e um par de encontros cara a cara, continua a ser virtualmente impossível dizer muito sobre ele com qualquer grande grau de certeza.

Allende tem cerca de um metro e oitenta de altura, está a ficar calvo, tem uma estrutura física magra e veste-se habitualmente de forma algo desalinhada. Os seus olhos mostram frequentemente desconfiança, mas ocasionalmente sorri com gentileza. É dado a monólogos dispersos sobre os seus pensamentos em muitos tópicos além da Experiência de Filadélfia. Quando fala sobre a Experiência de Filadélfia, parece frequentemente estar a ocultar algo ou a evitar uma resposta direta. Quando pressionado por informação, muda de assunto. Marca encontros e depois não aparece, ou surge sem aviso prévio.

Quem é realmente Allende? Pondo de parte o facto de se saber que utiliza nada menos do que cinco pseudónimos diferentes, ele parece certamente ser a mesma pessoa que se correspondia com o Dr. Jessup. Não só o seu estilo peculiar de escrita é semelhante ao encontrado nas Cartas de Allende, como ainda possui aquilo que diz ser um dos bilhetes-postais originais que lhe foram escritos pelo Dr. Jessup em 1956. No entanto, qualquer outra coisa sobre ele está aberta a conjeturas; e na realidade parecem existir pelo menos duas possibilidades muito distintas relativamente à sua verdadeira identidade.

A primeira destas, baseada em informações vindas maioritariamente do próprio Carlos Allende, reza que ele nasceu "Carl Allen", o mais novo de três filhos de pai irlandês e mãe cigana, a 31 de Maio de 1925, numa quinta nos arredores de uma pequena cidade da Pensilvânia (não New Kensington). Da sua infância não se sabe muito, exceto que a família vivia numa pequena quinta e que o jovem Carlos (ou Carl) abandonou a escola "no seu nono ano". Dizem-nos que era um jovem melancólico ou antes irrequieto que gostava de se perder nos livros.

Na terça-feira, 14 de Julho de 1942, seis semanas após o seu décimo sétimo aniversário, deixou uma vida de trabalho na quinta e de biscates para se alistar no Corpo de Fuzileiros Navais. Tinha servido apenas dez meses, contudo, quando foi demitido na sexta-feira, 21 de Maio de 1943, em Charleston, Carolina do Sul, "após relatório de inspeção médica por invalidez". No seguimento de uma breve visita a casa, foi para Filadélfia, onde se alistou na Marinha Mercante em Julho desse mesmo ano. Poucos dias mais tarde, recebeu ordens para avançar imediatamente para a Escola de Treino de Marinheiros em Hoffman Island, Nova Iorque.

A sua primeira missão, e aquela em que estamos interessados, foi servir sob as ordens do Capitão de Navio W. S. Dodge como membro da tripulação de convés do *S.S. Andrew Furuseth*, um navio Liberty que largou de Norfolk com destino a Casablanca, Norte de África, a 16 de Agosto de 1943. Iria permanecer nesse navio por pouco mais de cinco meses, até finais de Janeiro de 1944, quando deixou o *Furuseth* para se registar como tripulante no *S.S. Newton D. Baker* (colocando assim claramente a data do projeto da Experiência de Filadélfia dentro deste período de tempo).

Allende serviu em cerca de vinte e sete navios diferentes, tanto no Atlântico como no Pacífico, até Outubro de 1952, altura em que, tendo ficado descontente com as disputas no Sindicato dos Marinheiros que pareciam estar a recusar-lhe novas atribuições de navios, deixou o mar definitivamente em busca de melhor fortuna noutro lugar.

Além disto, a sua vida é em grande parte um mistério, exceto pelo que já foi escrito a respeito do seu envolvimento com o Dr. Jessup e a sua subsequente "confissão" à A.P.R.O. Continuou a vaguear pelo país e pelo mundo à verdadeira maneira cigana, procurando, como ele próprio dizia, "biscates e instrução" a partir de quaisquer oportunidades que surgissem no seu caminho. Conseguiu obter ambos, ao mesmo tempo que viajava imenso pelo mundo no processo. Descobrimos que passou um tempo

considerável em meados da década de 1950 a trabalhar de forma assistemática para várias equipas de perfuração de poços por todo o oeste do Texas e leste do Novo México. Estava de facto em Seminole, Texas, quando o estranho livro anotado foi enviado por correio dali para o Almirante Furth, e estava também nas proximidades de Gainesville, Texas, por volta da altura em que a segunda carta de Allende foi recebida pelo Dr. Jessup — comprovando a sua ligação com ambos os documentos.

Um errante, ele no entanto ficou aparentemente preocupado quando a Marinha e outros começaram a interessar-se por ele na sequência dos seus contactos com o Dr. Jessup, e "remeteu-se ao anonimato" durante uma série de anos. Acabou finalmente na região de Los Altos, no centro-sul do México (curiosamente, mais ou menos na mesma área geral onde se localizavam as misteriosas crateras de Jessup), e eventualmente passou a considerar a região como a sua casa. Já tinha estado na área antes, no decurso das suas andanças, e afirma que, de facto, foram os ciganos desta região que "mexicanizaram" Carl Allen em Carlos Miguel Allende. À data em que este texto é escrito, ele continua a viver lá.

Quanto à sua história, tudo isto poderia estar muito bem e a pessoa poderia ter-se inclinado a acreditar nela sem questionar, não tivesse uma série notável de circunstâncias intervindo para lançar uma luz inteiramente nova sobre o assunto.

Há alguns anos, durante o decurso de uma investigação, Moore conseguiu tropeçar, quase por acidente, no facto de que existia realmente uma família Allende a viver no oeste da Pensilvânia durante o período do início e meados da década de 1950, mais ou menos na mesma altura em que Carlos Allende dava o seu endereço residencial como sendo New Kensington, Pensilvânia. Dado que o nome Allende não é especialmente comum na Pensilvânia, uma análise mais detalhada desta estranha coincidência pareceu quase essencial e foi iniciada

imediatamente. Os resultados são reveladores à luz da própria história de Carlos.

Parece que, algures no seguimento da Segunda Guerra Mundial, dois irmãos chamados Allende vieram para a América vindos de Porto Rico em busca de trabalho. A história exata é incerta, mas, de uma forma ou de outra, o irmão mais velho, Pedro, que se tinha estabelecido durante algum tempo em Clairton, Pensilvânia, por acaso ouviu dizer que uma certa Sra. Blockson, uma senhora da sua cidade natal em Porto Rico, se tinha fixado na comunidade suburbana de Sewickley, nos arredores de Pittsburgh. Acreditando que esta senhora poderia ser capaz de o ajudar a obter trabalho, procurou-a e explicou as suas circunstâncias. A Sra. Blockson pediu imediatamente para ver as suas mãos e, ao deparar-se com as mãos duras e calosas de um homem habituado ao trabalho, concordou em tentar obter um emprego para ele. Os preparativos foram feitos em breve e Pedro estabeleceu residência com a sua esposa e filhos pequenos (um dos quais, por coincidência, vive hoje sob o nome de Allen) numa pequena casa de madeira de dois andares que estava localizada numa área rural de Aleppo Township, Glenfield, Pensilvânia. Poucos meses mais tarde, tinha acumulado o suficiente para dar uma pequena entrada para a propriedade.

É o aparecimento em cena do segundo irmão, Felicito, ou Filo, Allende, que dá início a uma série de coincidências extremamente bizarras. De acordo com a Sra. Blockson, ambos os irmãos tinham vindo originalmente da cidade de Hato Rey, em Porto Rico, onde o pai deles tinha sido empregado na primeira grande central elétrica daquela ilha, localizada nas quedas do rio Comerio. Filo era bastantes anos mais novo do que Pedro, mas, embora tivesse abandonado a escola "no seu nono ano" (terceira classe), falava melhor inglês porque tinha servido na Marinha Mercante dos E.U.A. durante a Segunda Guerra Mundial. Veio para Glenfield apenas brevemente no início da década de 1950 para visitar o seu irmão, e é descrito como um tipo errante que

não conseguia fixar-se. Falava tanto espanhol como inglês (tal como Carlos Allende), era estritamente um instruído por esforço próprio e muito lido. Obviamente, não há mais necessidade de continuar a sublinhar os pontos de semelhança, visto que já devem estar mais do que aparentes por esta altura. Mas para continuar:

A Sra. Blockson prossegue caracterizando Filo como uma personagem que "geralmente não falava muito, mas quando o fazia divagava sobre algum assunto aparentemente sem importância e falava longamente sobre ele. Era um solitário que não trabalhava muito, mas que por hábito partia para paragens desconhecidas, frequentemente sem sequer se dar ao trabalho de dizer a alguém que ia, e ficava fora durante dias, semanas ou meses de cada vez sem dar notícias". A sua atitude em relação à humanidade e a Deus parecia "bastante negativa". Além disso, poderá ter "usado nomes que não o seu".

De qualquer forma, las visitas ocasionais de Filo à casa do seu irmão continuaram desta maneira até meados de 1954, altura em que a tragédia se abateu sobre a família sob a forma de um acidente insólito. Pedro, enquanto estava em cima de uma escada a fazer alguns trabalhos de reparação na casa, por acaso falhou um degrau e caiu pesadamente no chão, batendo com a cabeça. Embora as feridas externas tenham cicatrizado normalmente, tinham sido causados graves danos internos. Pedro foi forçado a deixar de trabalhar indefinidamente. A família, que nunca estivera mais do que à distância de um fio de cabelo da pobreza mesmo nos melhores tempos, cedo começou a sentir as dificuldades. E para piorar as coisas, Filo, cuja ajuda poderia ter feito a diferença nestas circunstâncias, estava fora noutra das suas prolongadas "viagens" e nada sabia do caso. Pedro, sem posses para suportar cuidados médicos adequados, continuou a viver em casa, tornando-se cada vez mais perturbado mentalmente com o passar do tempo.

E assim continuou por alguns meses até às 02h15 da madrugada de quinta-feira, 19 de Maio de 1955, quando o Magistrado Municipal R. W. Cook, de Glenfield, recebeu uma chamada para a polícia vinda de um vizinho dos Allende, o qual relatou que Pedro Allende estava a perseguir a sua esposa com um martelo. Cook alertou imediatamente a Polícia do Condado de Allegheny e uma viatura foi enviada para o local. Antes que esta pudesse chegar, contudo, Cook recebeu uma segunda chamada urgente do mesmo vizinho, relatando desta vez que a casa dos Allende estava a arder. O pobre Pedro, agora completamente fora de si, tinha pegado fogo às cortinas.

Os Allende tinham perdido virtualmente tudo o que possuíam. A Sra. Allende foi levada para o Hospital de Sewickley Valley a sofrer de choque. Os quatro filhos, o mais novo com escassos dois anos de idade, foram divididos por vizinhos e amigos, e Pedro foi levado para o Hospital Estatal da Pensilvânia para Doentes Mentais, em Woodville. Faleceu pouco tempo depois, alegadamente devido aos efeitos de outra queda — desta vez numa banheira. Entretanto, a Sra. Allende tinha conseguido reunir-se com os seus filhos e tinha-se mudado para um apartamento modesto noutra cidade.

A história, contudo, ainda não terminou. Poucos dias após o funeral, o errante Filo apareceu em cena. Tinha estado fora durante quase um ano (estava-se agora em meados de Junho de 1955) e estava totalmente alheio ao que tinha acontecido na sua ausência. Extremamente perturbado ao encontrar ruínas carbonizadas onde deveria estar a casa do seu irmão, e incapaz de saber mais do que os mais escassos detalhes por parte dos vizinhos, dirigiu-se à casa da Sra. Blockson, na vizinha Sewickley, em busca de uma explicação. Foi ali que tomou conhecimento dos detalhes do trágico evento.

Permaneceu na área apenas um dia ou dois, visivelmente transtornado e mantendo-se isolado o tempo todo, e depois, sem aviso ou palavra, desapareceu silenciosamente sem deixar rasto

— para nunca mais ser ouvido por família ou amigos. Apenas uns curtos meses mais tarde, Morris Jessup recebeu a primeira de uma série de três cartas de um homem que se intitulava Carlos Miguel Allende.

Serão Carlos e Filo Allende a mesma pessoa? Ninguém a não ser Carlos sabe com certeza, e ele não o diz. A Sra. Blockson, que conhecia Filo razoavelmente bem de vista, analisou a fotografia de Carlos Allende que aparece neste livro, mas foi incapaz de afirmar com qualquer grau de certeza se o homem na fotografia é Filo Allende. O próprio Carlos, quando questionado diretamente sobre o assunto, deu uma resposta invulgarmente breve: "Não pretendo responder a essa pergunta neste momento." À luz disto, ficamos com nada mais do que uma intrigante série de coincidências e algumas semelhanças bastante tentadoras em datas e locais.

Um investigador chegou mesmo ao ponto de sugerir, com toda a seriedade, que Filo Allende conheceu e travou amizade com um Carl Allen real enquanto esteve na Marinha Mercante. Mais tarde, quando este Allen sofreu um acidente de qualquer espécie, Filo simplesmente assumiu a sua identidade por razões conhecidas apenas por si próprio. Reconhecidamente, isto é pura especulação; mas, na ausência de factos claros, é uma explicação tão boa como qualquer outra.

Em todo o caso, independentemente da verdadeira identidade de Allende, o ponto de suprema importância em tudo isto continua a ser: O que pode este indivíduo dizer-nos sobre a alegada Experiência de Filadélfia que nos possa ajudar a resolver o mistério? Infelizmente, para total consternação de todos os investigadores anteriores que depositaram as suas esperanças de uma solução no facto de o encontrar, ele na verdade sabe lamentavelmente pouco além daquilo que já escreveu sobre o tema nas suas cartas a Jessup.

A verdade é que Allende não era um cientista, nem sequer um observador treinado, mas apenas um marinheiro de convés que por acaso esteve no local certo (ou errado?) à hora devida para presenciar uma visão que ele estava (e continua a estar) totalmente sem capacidade de explicar. Viu ele um navio desaparecer? De acordo com o seu próprio testemunho, viu. Como foi feito? Não sabe exatamente, mas tinha a ver com campos de força de alguma espécie. "Havia muita eletricidade estática associada a isso." Podia nomear o navio? Sim, podia: "Era o DE 173." Viu-o desaparecer mais do que uma vez? No, não viu. "Mas desapareceu", acrescenta com conhecimento de causa. Onde obteve a sua informação sobre Einstein, Russell e o Almirante Bennett? "De amigos em posições elevadas que permanecerão anónimos." O Dr. Einstein, sustenta ele, testemunhou realmente partes da experiência. Além disso, Allende diz que viu um homem "desaparecer" da vista enquanto estava de pé numa doca de carregamento, mas não se consegue recordar da data ou de que doca se tratava.

Uma parte do seu próprio relato a Moore sobre alguns destes eventos segue-se nas suas próprias palavras:

Então queres saber sobre a grande experiência de Einstein. Eh? Sabes... eu de facto enfiei a minha mão, até ao cotovelo, neste campo de força único à medida que esse campo fluía, surgindo poderosamente numa direção contrária à dos ponteiros do relógio em redor do pequeno navio experimental da Marinha, o DE 173. Senti o... empurrão daquele campo de força contra a solidez do meu braço e da mão estendida para dentro do seu fluxo sibilante-empurrador-propulsor.

Observei o ar em todo o redor do navio... tornar-se ligeiramente, cada vez tão ligeiramente, mais escuro do que todo o outro ar ---- Vi, após escassos minutos, uma névoa verde enevoadada erguer-se como uma nuvem fina.* [Penso eu] isto deve ter sido uma névoa de partículas atómicas. Observei como, a

partir daí, o DE 173 se tornou rapidamente invisível aos olhos humanos.

E no entanto, a forma precisa da quilha e do fundo do casco daquele... navio permaneceu impressa na água do oceano à medida que ele e o meu próprio navio navegavam de certa forma lado a lado e perto de bordada. Sim, hoje posso contá-lo, mas na altura, quem queria saber?... ... ao tentar descrever os sons que [o] campo de força fazia enquanto circulava em redor do DE 173... começou como um som sibilante, aumentou rapidamente... para um som sibilante sussurrado, e depois cresceu para um zumbido fortemente crepitante — [como um] turbilhão impetuoso....

O campo tinha uma folha de eletricidade pura em redor de si enquanto fluía. [Este]... fluxo era forte o suficiente para quase me deixar completamente desequilibrado e, tivesse todo o meu corpo estado dentro daquele campo, o fluxo ter-me-ia com a mais absoluta certeza mandado ao chão... no convés do meu próprio navio. Sendo assim,

* Este relato assemelha-se de perto a relatos de sobreviventes ou observadores de desaparecimentos dentro do Triângulo das Bermudas, onde a anomalia poderá representar um fenómeno natural (ou não natural) numa escala maior.

o meu corpo inteiro não estava dentro daquele campo de força quando este atingiu a força-densidade máxima, repito, densidade, e por isso não fui mandado ao chão, mas o meu braço e mão foram [sic] apenas empurrados para trás com o fluxo do campo.

Porque não fui eletrocutado no instante em que a minha mão nua tocou aquela... folha de eletricidade que rodeava o fluxo do campo? Deve ter sido porque... [eu estava a usar] botas de marinheiro de borracha até à anca e casaco de oleado.

... Os cientistas do ONR da Marinha hoje ainda não compreendem o que teve lugar naquele dia. Dizem que o campo

foi "invertido". A história científica, vim mais tarde a perceber, foi feita pela primeira vez naquele dia.

Quanto ao resto, ele é totalmente inabalável na sua história relativa aos artigos de jornal que diz ter visto enquanto estava de licença em Filadélfia, e admite apenas ter embelezado ligeiramente o seu conto sobre os efeitos da experiência nos marinheiros — um conto que diz ter juntado maioritariamente a partir de boatos de cais. Fez isto, diz ele, porque estava preocupado com a possibilidade de Jessup conseguir influenciar o governo a acelerar a investigação sobre a Teoria do Campo Unificado, e queria assustá-lo se fosse possível. Com base no que tinha testemunhado e ouvido, temia os resultados de tal investigação, a qual, se colocada nas mãos erradas, traria o fim da sociedade tal como a conhecemos.

Apesar disso, tudo isto se resume ao simples facto de que, embora Carlos possa ter iniciado a controvérsia que tem lavrado sobre a chamada Experiência de Filadélfia* por

* O nome de código da Marinha para a alegada Experiência de Filadélfia é presentemente desconhecido, uma boa forma, escusado será dizer, de manter os registos inacessíveis aos investigadores. O nome acima referido, contudo, foi anteriormente bastante celebrado noutros séculos. A experiência de Ben Franklin com o seu papagaio de papel e a chave de latão numa tempestade com trovoadas, com as suas implicações inerentes sobre a força e o aproveitamento da eletricidade, era frequentemente referida por homens de letras contemporâneos em Inglaterra, na Europa e nas colónias americanas como — A Experiência de Filadélfia.

mais de duas décadas, ele realmente não parece possuir a informação essencial necessária para resolver o mistério. Terá realmente acontecido? Allende sustenta que sim, mas nem ele o consegue provar.

A possibilidade de o próprio Allende ter sido o homenzinho estranho que relatou a história bizarra aos aviadores Davis e Huse num parque de Colorado Springs em 1970 (ver Capítulo I) parece não ter fundamento. Nas suas entrevistas, ambos os homens afirmaram com certeza que sentiam que seriam capazes de reconhecer o homem que tinham conhecido se alguma vez o voltassem a ver, no entanto nenhum deles foi capaz de identificar a fotografia de Allende como a personagem em questão. Se este homem não era Allende, então a questão de quem ele poderá ter sido torna-se ainda mais intrigante e poderá, talvez, abrir outras portas.

CAPÍTULO SEIS

AS INVESTIGAÇÕES PODEM SER FATAIS

Após o efeito de choque inicial das cartas de Allende passar e a pessoa dispensar tempo para uma avaliação mais atenta e mais objetiva, uma quantidade de coisas curiosas sobre o seu conteúdo começa a vir à luz. Talvez a mais notória destas seja o facto de Allende parecer desviar-se do seu caminho para mencionar uma quantidade de pessoas nelas — pessoas que ele diz poderem "verificar" a sua história. Ao todo, hay nove desses indivíduos mencionados, embora um não seja nomeado, mas apenas descrito. Aqueles que são nomeados são os seguintes:

1. O Dr. Albert Einstein
2. O "Dr. B. Russell"
3. O "meu amigo Dr. Franklin Reno"
4. O "Imediato Mowsely" do *S.S. Furuseth*
5. Richard "Splicey" Price, membro da tripulação
6. "Connally", também membro da tripulação
7. O Contra-Almirante Rawson Bennett

8. O "atual chefe da Marinha Burke"

Os primeiros dois, o Dr. Einstein e o Dr. B. Russell, são amplamente reconhecidos apenas pelos seus nomes. O Dr. B. Russell não pode ser outro senão Bertrand Russell, o eminente escritor, filósofo, humanista e pacifista que, nos seus anos mais tardios, travou de facto amizade com o Dr. Einstein ao ponto de ocorrerem discussões íntimas entre eles — as quais concebivelmente poderiam ter incluído a discussão sobre como possíveis más utilizações de algumas das teorias de Einstein poderiam resultar em ameaças irreparáveis para a própria existência da humanidade. Como Carlos Allende poderá ter sabido destas discussões, se é que de facto ocorreram, é algo que qualquer um pode tentar adivinhar. O próprio Einstein e a sua Teoria do Campo Unificado serão o tema de um capítulo separado neste livro.

Identificar o terceiro homem da lista não foi uma questão assim tão simples. Foi necessária uma quantidade considerável de investigação e de trabalho de averiguação antes que se pudesse estabelecer de forma fiável que Carlos Allende teve de facto contacto com um Dr. Franklin Reno muito real. O mistério, contudo, dificilmente é diminuído pela descoberta de que o nome em si é na verdade um pseudónimo. A história que envolve esta importante descoberta e a informação subsequentemente desvendada é, no mínimo, longa e, para se lhe fazer justiça, deve também ser remetida para um capítulo separado.

Infelizmente, sucessos semelhantes não podem ser reivindicados relativamente aos três nomes seguintes, todos eles indivíduos que Carlos Allende afirma terem sido marinheiros a bordo do S.S. *Furuseth* e testemunhas da Experiência de Filadélfia. Embora o imediato do *Furuseth* tenha sido de facto um certo Arthur Maudsley, uma barreira de silêncio foi encontrada em todos os esforços para obter qualquer informação por parte deste indivíduo relativamente ao seu serviço a bordo desse navio

— um silêncio que, em si mesmo, poderá ser interpretado como altamente revelador.

Ainda menos se pode dizer sobre Richard "Splice" Price, de Roanoke, Virgínia, e "Connally", da Nova Inglaterra. Relativamente a Price, uma breve investigação desvendou informação razoavelmente fiável de que faleceu em 1973. Quanto a Connally (cujo primeiro nome, já agora, parece ter sido Frank ou Peter), escusado será dizer que existem provavelmente várias dezenas deles na área da Nova Inglaterra — se é que de facto aquele que estaríamos a procurar ainda vive lá.

Dado que os registos de tripulação do *Furuset* já não existem, é difícil apresentar algo de definitivo relativamente a outros que possam ter servido nesse navio com Allende, mas uma investigação persistente desvendou os nomes de três outros possíveis membros da tripulação — nenhum dos quais os autores foram até agora capazes de localizar. Estes são Hermann C. Schultz, quem aparentemente era o contramestre do navio; William Reilly (ou Ripley?); e Lewis Vincent. Todos estes eram da área de Nova Iorque-Nova Inglaterra. Reilly poderá ter sido um músico profissional, Vincent era um pescador da Nova Inglaterra e Schultz era um marinheiro mercante de longa data.

Quanto ao Almirante Rawson Bennett II, a quem Allende se refere na sua segunda carta como "Chefe de investigação [sic] da Marinha" e a quem ele insta Jessup a "contactar... para verificação da info. aqui contida", um facto extremamente curioso emerge quando analisamos isto mais a fundo, o qual nos leva a perguntar onde exactamente foi Allende buscar a sua informação.

A coisa estranha é que, embora Bennett fosse de facto chefe do Gabinete de Investigação Naval na altura em que o Dr. Jessup recebeu a segunda carta de Allende (13 de Janeiro de 1956), ele só o era desde 1 de Janeiro, data em que tinha substituído o Almirante Frederick R. Furth (o "Almirante N. Furth" a quem Allende tinha enviado a cópia anotada do livro de Jessup uns

meses antes). Dado que Allende deve ter enviado a sua carta consideravelmente antes para que Jessup a recebesse através do seu editor a 13 de Janeiro, a questão passa a ser: Como sabia Allende que Bennett tinha substituído Furth como chefe do ONR? O facto de esta carta ter o carimbo do correio de Gainesville, Texas, torna o assunto ainda mais perplexo, visto que, embora tal evento pudesse ter sido apenas escassamente digno de notícia para ter ocupado uma página obscura no *The Washington Post* ou no *The New York Times* num dia de poucas ocorrências, dificilmente teria sido o tipo de coisa com que qualquer um dos jornais do Texas se daria ao trabalho. Tais mudanças de comando são assuntos virtualmente quotidianos nos círculos militares de Washington e dificilmente constituem notícias de abalar o mundo mesmo localmente, quanto mais a meio continente de distância.

Mas se a fonte de informação de Allende estava perto do topo, ele parece cometer um deslize grave com o último nome da lista. A sua identificação do "atual chefe da Marinha Burke" como tendo sido Chefe de Investigação Naval na altura da alegada Experiência de Filadélfia era completamente errónea. Embora existisse de facto um Almirante Arleigh A. Burke real, ele não teve praticamente nada a ver com a Investigação da Marinha, quer durante a Segunda Guerra Mundial, quer depois dela. Burke comandava uma esquadra de contratorpedeiros no Pacífico em 1943, durante o período da alegada Experiência de Filadélfia, e na verdade parece ter sido um oficial de frota durante quase toda a sua carreira na Marinha.

O erro de Allende poderá ter sido humano, contudo; pois se lermos a descrição que ele faz de "Burke" na sua terceira carta a Jessup, descobrimos que este indivíduo é caracterizado como um homem de "curiosidade e disponibilidade e incentivo" e que foi "a sua atitude em relação a tipos avançados e ultra-avançados de investigação" a responsável pela sua ascensão ao posto de almirante. Curiosamente, o homem que se ajusta a esta descrição não era o Almirante Burke, mas sim o Almirante Harold G.

Bowen — o qual não só era diretor do Laboratório de Investigação Naval na altura do início do projeto da Experiência de Filadélfia, como foi também o principal impulsionador responsável por uma imensidão de projetos Ultra-Secretos de "tipos ultra-avançados" durante a Segunda Guerra Mundial! No entanto, embora a semelhança dos nomes possa possivelmente justificar a confusão de Allende sobre este assunto, não explica como a sua informação pôde ser tão cirurgicamente precisa num caso (no que diz respeito ao Almirante Bennett) e tão longe do alvo no outro — a menos que, como é óbvio, ele sentisse a necessidade de ocultar o nome da pessoa a quem se estava a referir.

Nenhuma busca por pistas num assunto como este poderia estar completa sem pelo menos uma breve análise do que outros investigadores publicaram sobre este tema. Como foi notado no início deste trabalho, embora a questão da Experiência de Filadélfia tenha estado a pairar na periferia dos esforços de investigação sobre o desconhecido ao longo das últimas duas décadas, ela não ficou inteiramente sem os seus defensores. Reconhecidamente a literatura sobre o tema é escassa, mas o que existe dela vale bem a pena examinar.

Talvez a primeira tentativa de trazer algo do mistério a lume através da página impressa tenha sido feita pelo Dr. Reilly H. Crabb, um conhecido do Dr. Jessup e atualmente diretor da *Borderland Sciences Research Foundation* de Vista, Califórnia. A *BSRF*, entre outras coisas, publica uma coleção de pequenos folhetos e relativamente baratos sobre vários temas de interesse esotérico; e embora a maioria destes tenha tido uma circulação extremamente limitada, alguns são bastante interessantes. O aparecimento de um destes no início de 1962 sob o título *M. K. Jessup, the Allende Letters and Gravity*, editado pelo próprio Crabb, parece ter despoletado grande parte da controvérsia que se seguiu. Ao mesmo tempo, também forneceu material de fonte primária inestimável para qualquer pessoa interessada em fazer

investigação posterior sobre o caso. Nele, Crabb publicou pela primeira vez numa fonte civil não apenas as duas cartas sobreviventes de Allende, mas também várias páginas em fac-símile da edição anotada da Varo do livro de Jessup, *The Case for the UFO*.

Exposto de forma breve, as conjecturas de Crabb sobre a Experiência de Filadélfia, conforme apresentadas neste livrete, centram-se na sua crença de que T. Townsend Brown, um conceituado físico e investigador da área da antigravidade, teve pelo menos algo a ver com o projeto de invisibilidade enquanto chefe de um departamento sob a tutela do Departamento de Navios da Marinha, e que, na verdade (de acordo com Crabb), a coisa toda poderia ter sido efetivamente ideia de Brown. Brown esteve envolvido no projeto, mas a ideia não foi sua, como veremos mais tarde.

Seguindo de perto a pista de Crabb no assunto surgiu Gray Barker, investigador de discos voadores e um editor local que operava a partir de Clarksburg, Virgínia Ocidental. Confiando grandemente na informação colhida de Crabb, mas adicionando alguma da sua autoria, Barker tomou a iniciativa em 1963 de publicar aquele que é ainda hoje considerado um dos trabalhos mais valiosos sobre o tema das cartas de Allende: *The Strange Case of Dr M. K. Jessup* (Clarksburg, West Virginia: Saucerian Press, 1963). Ao contrário de Crabb, que parece ter publicado o seu folheto maioritariamente como um serviço aos membros e associados interessados da *BSRF*, Barker estava na verdade suficientemente interessado no mistério para tentar descobrir algumas respostas por si próprio.

Embora o livro de Barker não faça muito no sentido de fornecer pistas para resolver o mistério, fornece uma quantidade considerável de informação de base sobre o próprio Jessup, incluindo excertos de vários dos seus artigos e cartas mais obscuros. Também é notado o facto de que nenhuma autópsia foi alguma vez realizada no Dr. Jessup devido ao seu desejo de que o

seu corpo fosse usado para fins científicos. A cremação final, dizem-nos, teve lugar a 30 de Janeiro de 1962.

O outro único item de interesse no livro de Barker é a sua reprodução de uma carta bastante curiosa que Barker afirma ter recebido de uma fonte anónima que lhe era conhecida apenas como "Coronel B.". Embora nos alerte para o facto de que a designação de "Coronel" não deve "necessariamente ser interpretada como representando uma comissão ou decreto militar", o "Coronel" apresenta de facto alguns pontos interessantes. Segue-se um excerto desta carta:

... Será de facto lamentável se fizerdes um mistério demasiado grande do suicídio do Dr. Jessup.

Quando conheci Jessup em 1958, a sua mente parecia estar ocupada em obter provas quanto à autenticidade de certas alegações paranormais ----

Ele também dava uma grande ênfase a uma versão mimeografada de um dos seus livros, alegadamente distribuída pelas Forças Armadas. Também me falou de certas cartas que tinha recebido que pretendiam conter informação sobre uma experiência secreta feita pelos militares, envolvendo uma aplicação da Teoria do Campo Unificado.

Eu pessoalmente sinto que foi dado um relevo exagerado a isto por parte de Jessup, embora isto possa ser compreensível quando se considera o assunto à luz da sensibilidade demonstrada nos círculos governamentais sobre a investigação de OVNI. É o meu palpite fundamentado que as alegações contidas [nestas] cartas relativamente a experiências secretas eram farsas de algum tipo. No entanto, porque esta informação SE APROXIMAVA REALMENTE [ênfase dele] de algumas das circunstâncias de experiências REAIS (de uma natureza muito menos dramática), poderá ter-se pensado que tinha havido alguma quebra de segurança e esta poderá muito provavelmente ter sido a razão para o grande interesse por parte dos militares.

Mesmo que eu pudesse avançar um palpite fundamentado quanto à natureza das experiências reais, certamente não sinto que seria adequado fazê-lo ____

Quem quer que tenha sido este informador misterioso, ele certamente aproximou-se mais da verdade deste assunto do que quase qualquer outra pessoa — como viremos a ver.

Ao longo dos anos, foi em grande parte através dos esforços de Gray Barker e da sua pequena mas persistente operação da *Saucerian Press* que o mistério em redor de Jessup e das cartas de Allende foi mantido vivo — e isto apesar do facto de os seus livros terem tido uma circulação limitada. Mas talvez a sua maior contribuição tenha surgido no Verão de 1973 quando, como já mencionámos, ele conseguiu obter uma cópia quase impecável da edição anotada da Varo de *The Case for the UFO* e a salvaguardou e vendeu numa edição limitada de 500 cópias em fac-símile. Após dezassete anos de sussurros e boatos sobre a existência do documento, Barker conseguiu finalmente trazer o assunto para a luz do dia.

A primeira tentativa de ligar o relato de Allende sobre os acontecimentos da Experiência de Filadélfia (e outros fenómenos de campos de força em geral) aos acontecimentos bizarros e inexplicáveis daquilo que hoje tendemos a referir como o Triângulo das Bermudas foi feita num livro de 1964 por Vincent Gaddis, intitulado *Invisible Horizons*. De um modo geral, o livro em si é um estudo excelentemente investigado e detalhado de alguns dos estranhos desaparecimentos e outros eventos inexplicados que ocorreram no mar ao longo dos últimos séculos, sendo altamente recomendado a qualquer pessoa interessada neste tema em particular. É o último capítulo deste livro que nos interessa, contudo; pois neste capítulo (intitulado "Existirá uma Resposta?") Gaddis sugere que os resultados assustadores da Experiência de Filadélfia poderiam fornecer pistas para o que estava por detrás de alguns dos outros casos mais amplamente

documentados mas igualmente perplexos de navios e tripulações que desapareceram enquanto estavam no mar.

No decurso deste capítulo, Gaddis também por acaso adiciona algumas pistas até então inéditas da sua própria autoria, as quais presumivelmente constituem os frutos das suas próprias investigações sobre o assunto. Entre estas apareceu o seguinte item interessante (p. 219): "Terá Jessup alguma vez tido contacto posterior com Allende? Não sabemos. De alguma fonte, contudo, ele aparentemente obteve algumas informações adicionais. Contou a amigos que um homem se dirigiu à Marinha e disse, de facto: 'Os senhores querem camuflagem! Deem-me um navio e eu mostrar-vos-ei a camuflagem perfeita.' Quando este homem subiu a bordo do navio experimental, transportava uma caixa preta."

Gaddis também relata, aparentemente com base numa entrevista com Gray Barker sobre o tema, que "um amigo próximo de Jessup... diz-se ter documentos 'que poderiam resolver o mistério'", e que este "amigo" tinha uma vez tentado encontrar Allende sem sucesso.

O livro de Gaddis, que geralmente tendia a fazer perguntas em vez de fornecer respostas, esteve longe de ser a última palavra sobre o tema. Em 1967, a controvérsia foi subitamente agitada de novo por um escritor novo e relativamente sensacionalista sobre coisas inexplicadas que se intitulava Brad Steiger. Em última análise, Steiger (nome real: Olson) não tinha realmente nada de novo a oferecer sobre o assunto.

O seu interesse derivava antes do facto de que, no decurso das suas investigações de fenómenos estranhos, tinha por acaso topado com alguém que possuía uma cópia em microfilme da edição anotada da Varo do livro de Jessup. Maravilhado com o que leu e percebendo que poderia ter tropeçado numa potencial batata quente, Steiger criou um relato bastante sensacionalista da história que foi publicado, juntamente com várias reproduções de

páginas reais da edição da Varo, na edição de Novembro de 1967 da revista *Saga*.

Carlos Allende, como quis o acaso, leu este relato e ficou consideravelmente agitado com ele. Analisando a questão um pouco mais a fundo, Allende cedo descobriu que Steiger, juntamente com a ocultista e investigadora da Flórida Joan W. O'Connell, estava no processo de publicar um livro orientado para os OVNI que incluiria esta versão particular da história como um dos seus capítulos. Preocupado com a possibilidade de o livro colocar a Marinha no seu encalço novamente, e não desejando publicidade em caso algum, Allende enviou várias cartas furiosas para o editor de Steiger a pedir que o material fosse suprimido. Não foi bem-sucedido. Não só o livro apareceu nas prateleiras, como o editor tinha efetivamente adicionado o nome de Allende ao título! O novo livro, chamado *The Allende Letters, New UFO Breakthrough*, apareceu em 1968. Allende, que por esta altura se tinha remetido ao anonimato, ferveu em silêncio.

Um pouco antes, em 1967, o amigo do Dr. Jessup, Ivan Sanderson, tinha publicado um livro intitulado *Uninvited Visitors*, no qual discutia o caso (embora novamente sem acrescentar nada de novo a não ser a sua opinião de que "após muitos anos de precisamente este tipo de 'investigação' sinto que este 'bocado' é mais digno de investigação posterior do que qualquer outro com que me tenha deparado") —

Por esta altura Allende estava enfurecido com a publicidade indesejada (embora um admirador do próprio Sanderson), e furioso por outros estarem ativamente a lucrar com a sua história enquanto ele próprio estava quase sem um tostão. Ele aparentemente engendrou um plano de vingança: admitiria que tudo não passava de uma farsa. Não só tal ação serviria para embaraçar e desacreditar aqueles que lhe tinham causado o problema, como também diminuiria as vendas dos seus livros.

Assim determinado, Carlos Miguel Allende entrou na sede da *Aerial Phenomena Research Organization* (A.P.R.O., a mais antiga e influente das organizações de investigação de OVNI) em Tucson, Arizona, em Junho de 1969, e "confessou tudo". Tanto as suas cartas ao Dr. Jessup como as anotações da edição da Varo eram farsas, disse ele, concebidas especificamente para "matar o Jessup de susto". Curiosamente, embora desconhecido para as pessoas da A.P.R.O., ele tinha ido primeiro à própria Varo e procedeu a extorquir o então presidente corporativo Austin Stanton para obter uma cópia daquele que dizia ser o "seu livro" (a Ed. Varo), bem como um pequeno pagamento destinado a "tirá-lo do caminho deles". Assim munido, foi para Tucson e foi esta cópia da edição anotada de *The Case for the UFO* que apresentou a Jim Lorenzen da A.P.R.O. com a seguinte "confissão" adicionada ao topo da segunda página do Apêndice:

"Todas as palavras, frases e sentenças sublinhadas nas páginas seguintes a tinta castanha são falsas. A página abaixo e a parte superior da seguinte eram e são o mais louco [sic] conjunto de mentiras que alguma vez escrevi. Objetivo? Incentivar a Investigação do ONR e desencorajar o Professor [sic] Morris K. Jessup de prosseguir com investigações que possivelmente levariam a uma investigação real. Nessa altura temia a investigação sobre invisibilidade e campos de força; agora não temo."

Apesar de toda a sua aparente jactância, contudo, a confissão de Allende peca deliberadamente por defeito ao não dizer que a Experiência de Filadélfia em si era uma farsa, pois a colocação da "confissão" na edição da Varo está engenhosamente feita e redigida de modo a excluir aquela parte da sua carta a Jessup que afirma que tal coisa efetivamente ocorreu. Na verdade, Lorenzen (que falou com Allende por mais de uma hora na privacidade de um automóvel estacionado) afirma ele próprio que "Allende continua a acreditar... que uma embarcação dos E.U.A.... desapareceu da sua doca de Filadélfia e reapareceu segundos mais

tarde na área de Norfolk-Portsmouth, desaparecendo depois novamente para aparecer mais uma vez na sua doca original".

Allende sugeriu, continuou ele, "que o incidente poderia ser verificado contactando os marinheiros que estavam destacados no navio na altura — com alguns dos quais ele serviu e conheceu pessoalmente". A única parte das cartas efetivamente incluída na chamada "confissão" foi a página única e parte da seguinte que tratavam dos bizarros efeitos secundários da experiência sobre os membros da tripulação do navio.

Com a sua conspiração agora chocada e as sementes da sua vingança semeadas (ou assim ele pensava), Allende desapareceu novamente da vista do público.

Mais tarde, repudiou completamente a sua confissão, mas, por enquanto, o estratagema funcionou. Em 1971, quando Paris Flammonde, produtor do "Long John Nebel Show" em Nova Iorque durante muitos anos, falou dos eventos que rodearam a morte de Jessup, falhou sequer em mencionar o que quer que fosse relativo ao caso Allende. E na verdade, com a exceção de outro livro de Steiger, *Mysteries of Time and Space*, a maioria dos outros autores que se deram ao trabalho de mencionar o tema de todo falaram desdenhosamente sobre ele. (Ver, por exemplo, F. H. Salisbury, *The Utah UFO Display*; e Vincent Sladek, *The New Apocrypha*.) E assim continuou até meados de 1975 quando, com o lançamento do *best-seller* mundial *The Bermuda Triangle*, toda a questão foi reaberta.

Este novo relato do caso Jessup-Allende abordou o problema sob um ângulo inteiramente novo. Continha o elemento essencial nesta questão que mais ninguém até esse ponto tinha sido capaz de fornecer: uma testemunha!

O avanço surgiu na pessoa do Dr. J. Manson Valentine, um oceanógrafo, zoólogo, arqueólogo e há muito tempo (desde 1945) estudioso do Triângulo das Bermudas, e um amigo próximo do Dr. Jessup durante o período em que Jessup residira na Flórida.

Jessup, sentindo-se cada vez mais deprimido e necessitado de alguém com quem falar, tinha passado uma grande quantidade de tempo com o Dr. Valentine nos meses anteriores à sua trágica morte, e foi no decurso destas conversas que achou por bem confiar-lhe muitos dos seus pensamentos e sentimentos privados relativos à Experiência de Filadélfia. Na verdade, Valentine foi muito possivelmente a última pessoa a falar com Jessup antes da sua morte. Tinha falado com o seu amigo durante o dia de 20 de Abril de 1959 e, no decurso da conversa, tinha convidado Jessup para vir jantar nessa noite. Jessup aceitou, mas nunca chegou.

"Porque é que Jessup se matou?", perguntaram-lhe. A resposta de Valentine foi inesperada e surpreendente. "Se ele cometeu suicídio", disse Valentine, "foi provavelmente devido a uma depressão extrema. Ele tinha sido abordado pela Marinha para continuar a trabalhar na Experiência de Filadélfia ou em projetos semelhantes, mas tinha recusado! — ele estava preocupado com as suas ramificações perigosas... talvez ele pudesse ter sido salvo. Ele estava ainda vivo quando foi encontrado... Talvez o tenham deixado morrer."

Valentine afirmou que Jessup tinha investigado a questão da Experiência de Filadélfia "bastante a fundo". "Deve recordar-se", observou ele, "de que ele não era um escritor 'excêntrico', mas um cientista distinto e famoso." Valentine recorda Jessup a contar-lhe algumas coisas muito estranhas sobre o que tinha sabido relativamente a este projeto incrível. A experiência, disse ele, tinha sido realizada utilizando geradores magnéticos de tipo naval, conhecidos como desmagnetizadores, aos quais eram aplicados "impulsos" em frequências de ressonância de modo a "criar um campo magnético tremendo num navio docado e em redor dele".

O Dr. Valentine é de opinião que Jessup estava bem informado sobre a realidade da Experiência de Filadélfia e tinha tido várias conferências com oficiais da Marinha e cientistas empregados pela Marinha sobre o assunto. Uma vez observou a

Valentine: "A experiência é muito interessante, mas terrivelmente perigosa. É demasiado dura para as pessoas envolvidas. Este uso de ressonância magnética é o equivalente a uma obliteração temporária na nossa dimensão, mas tende a descontrolar-se. Na verdade, é equivalente à transferência de matéria para outro nível ou dimensão e poderia representar um avanço dimensional se fosse possível controlá-lo."

É altamente significativo notar que o relato de Valentine sobre a experiência, baseado em informações recebidas diretamente do Dr. Jessup, concordava quase na totalidade com o de Allende no facto de os resultados da experiência serem "espantosos", mas de a tripulação ter sofrido graves efeitos secundários. "Quando a experiência começou a fazer efeito", lembrou Valentine, "uma luz verde enevoadada tornou-se evidente, algo semelhante aos relatos que temos dos sobreviventes de incidentes no Triângulo que falam de uma névoa verde luminosa.

Em breve todo o navio estava cheio desta névoa verde e a embarcação, juntamente com o seu pessoal, começou a desaparecer da vista daqueles que estavam na doca até que apenas a sua linha de flutuação era visível." Valentine disse que, antes da sua morte, Jessup acreditava estar "à beira de descobrir a base científica para o que quer que estivesse a acontecer". A explicação, sentia ele, encontrava-se na Teoria do Campo de Einstein.

"Na prática", disse Valentine, "isto diz respeito a campos elétricos e magnéticos da seguinte forma: um campo elétrico criado numa bobina induz um campo magnético em ângulos retos em relação ao primeiro; cada um destes campos representa um plano do espaço. Mas dado que existem três planos do espaço, deve haver um terceiro campo, talvez um campo gravítico. Ao interligar geradores eletromagnéticos de modo a produzir um impulso magnético, poderia ser possível produzir este terceiro campo através do princípio da ressonância. Jessup disse-me que

pensava que a Marinha dos E.U.A. tinha tropeçado nisto inadvertidamente."

Embora apenas uma pequena secção de *The Bermuda Triangle* tratasse deste tema, o aparecimento da história do Dr. Valentine criou uma verdadeira bomba, cujos resultados ainda estão por subsistir. Terá realmente acontecido? De acordo com o relato de Valentine sobre o que o Dr. Jessup lhe dissera na altura, as evidências parecem fortemente sugestivas. Em todo o caso, a pressão pública sobre a Marinha dos E.U.A. por informações sobre o caso levou à criação de uma carta com um modelo padrão (ver secção de ilustrações) que é enviada rotineiramente a todo e qualquer indivíduo que faça perguntas, e estimou-se que cerca de 2 milhões de dólares tenham sido gastos a tentar apagar o fogo ateado pela lenda.

Um oficial resumiu sucintamente o problema da Marinha ao lidar com a vaga crescente de pedidos de informação afirmando que gostaria que Allende fosse invisível.

Num esforço aparente para lançar alguma água fria sobre o caso, a revista *Official UFO* publicou um artigo de fundo na sua edição de Abril de 1976 escrito por alguém que se intitulava B. R. Strong, o qual afirmava ser um amigo próximo do consultor e investigador da A.P.R.O. Kevin D. Randle. Embora a história esteja razoavelmente bem escrita, é basicamente uma depreciação que se apoia de forma bastante pesada na "confissão à A.P.R.O." de Allende, conjugada com o testemunho algo unilateral do Capitão Sherby, que Strong relatou que Randle tinha encontrado e entrevistado na Varo. O artigo não diz nada de novo e, de facto, o próprio Allende diz que várias das afirmações nele incluídas não passam de "mentiras desgraçadas". O facto de o relato sobre o Triângulo das Bermudas não ser de todo mencionado no artigo não é particularmente significativo, dado que o artigo poderá ter sido escrito de antemão.

O assunto surgiu novamente no livro recente de Berlitz, *Without a Trace*:

Rumo a meados de Abril de 1959, Jessup disse a Valentine que tinha chegado àquilo que considerava ser algumas conclusões definitivas sobre a série de reações implícitas pela Experiência de Filadélfia e tinha preparado um rascunho em bruto que desejava discutir. O Dr. Valentine sugeriu que ele viesse jantar. O convite era para a noite de 20 de Abril.

Ele nunca veio jantar. Algum tempo antes das 18h30, Jessup, de acordo com os relatórios da polícia, conduziu o seu carro para Matheson's Hammock, um parque do Condado de Dade... e aparentemente cometeu suicídio ---- Nenhuma nota ou manuscrito foi mencionado no relatório da polícia, nem, de acordo com uma declaração de uma testemunha dada mais tarde ao Dr. Valentine, foi encontrado algum dentro do carro.

Berlitz prossegue dizendo, em relação à própria Experiência de Filadélfia, que "uma quantidade de pessoas, dentro e fora da Marinha, professa lembrar-se do incidente e está inclusive disposta a fornecer informações mais detalhadas sobre o mesmo, exceto que não está disposta a ser citada nominalmente" — uma situação com a qual todos os investigadores deste mistério podem solidarizar-se plenamente.

Mas supondo que tal experiência tivesse sido planeada e tentada — poderia ela ter sido, mesmo que parcialmente, bem-sucedida? Uma análise da teoria científica envolvida poderá oferecer uma solução possível.

CAPÍTULO SÉTIMO

A LIGAÇÃO A EINSTEIN

Se havemos de acreditar no testemunho tanto de Carlos Allende como do Dr. Valentine, conforme previamente exposto, então os alicerces do projeto da Experiência de Filadélfia encontram-se numa teoria científica bastante obscura e altamente

complicada, apresentada pela primeira vez pelo Dr. Albert Einstein e vulgarmente conhecida como a Teoria do Campo Unificado (TCU). Allende, na sua segunda carta ao Dr. Jessup, começa por dizer que o Dr. Einstein publicou esta teoria pela primeira vez no período de 1925-27, e que depois a "retirou" por preocupação com aquilo a que Allende se refere como "humanitária". Embora Allende não afirme especificamente o que entende exatamente por esta palavra estranha "humanitária", presumivelmente o que está a tentar dizer é que o Dr. Einstein foi capaz de antever certas aplicações possíveis desta teoria, as quais passou a temer que pudessem de alguma forma ser colocadas em uso perigoso. De acordo com Allende, Einstein discutiu estes receios com o seu amigo Bertrand Russell, e Lord Russell concordou.

Dado que o próprio Allende não está disposto a divulgar a sua fonte de informação sobre este aspeto do nosso tema, ficamos com as alternativas de ou procurarmos a verdade pelo nosso próprio esforço, ou aceitarmos a sua palavra sobre o assunto. Reconhecidamente, tentar comprovar uma afirmação como esta não é tarefa fácil, mesmo sendo as pessoas envolvidas famosas, mas uma tentativa razoavelmente minuciosa de investigar o assunto foi feita e resultou em alguns pedaços interessantes de informação. Entre eles, o seguinte:

1. O Dr. Einstein concluiu de facto uma versão da sua "Teoria do Campo Unificado para a Gravitação e Eletricidade" no período de 1925-27. Os resultados, publicados em alemão, apareceram em revistas científicas prussianas de 1925 e 1927. Allende também está correto ao afirmar que este trabalho foi "retirado" como incompleto, embora nenhuma razão publicada seja dada a não ser o facto de o Dr. Einstein não estar satisfeito com ele tal como se apresentava. Significativamente, a teoria não reapareceu até 1940, num ponto em que o Dr. Einstein, fundamentalmente pacifista, já se tinha convencido de que a ameaça nazi devia

ser destruída a todo o custo e que a guerra era moralmente justificável sob tais circunstâncias. Além disso, as evidências com as quais iremos lidar indicam fortemente que 1940 foi o ano em que a Marinha começou a trabalhar pela primeira vez no projeto que se desenvolveu na Experiência de Filadélfia.

2. Einstein era de facto amigo de Bertrand Russell, especialmente no período após a Segunda Guerra Mundial, e discutia frequentemente o pacifismo com ele. Ambos os homens tinham horror à tendência perturbadora da humanidade de usar os desenvolvimentos científicos para fins de destruição de si própria, e ambos dedicaram uma parte substancial dos seus esforços e finanças pessoais à causa da paz mundial.

Allende escreveu que Lord Russell considerava a Teoria do Campo Unificado de Einstein completa, mas sentia que "o Homem não está pronto para ela e não estará até depois da Terceira Guerra Mundial", e que o julgamento de Einstein sobre o "progresso [do homem] comparado com o crescimento do [seu]... carácter foi suficiente para o horrorizar". Estas afirmações são extremamente interessantes à luz dos factos reais relativos a estes dois homens e às suas atitudes face à humanidade e à paz mundial. Banesh Hoffmann e Helen Dukas (que foi secretária pessoal de Einstein), por exemplo, relatam o seguinte no seu livro *Albert Einstein, Creator and Rebel*:

... quando a bomba explodiu sobre Hiroxima, os seus piores receios realizaram-se. O seu horror à bomba, estivesse ela em mãos ditatoriais ou democráticas, pesava fortemente na sua consciência. Não porque tivesse escrito com urgência a Roosevelt em 1939, quando temia que os nazis desenvolvessem a arma primeiro e depois controlassem o mundo. Não porque, em toda a inocência, tivesse proposto a fórmula $E=mc^2$ em 1907. Não por estas razões, mas porque... sentia a obrigação moral de usar a sua

influência ao máximo para tentar salvar a humanidade de horrores que, apesar de Hiroxima e Nagasáqui, ela ainda não compreendia.

Certamente que não é estar demasiado fora da linha presumir que ele tinha o mesmo sentimento sobre os potenciais ainda mais aterrorizadores da sua Teoria do Campo Unificado.

Quanto a Lord Russell, pelo menos um dos seus biógrafos (Roland Clark) relata que lhe foi de alguma forma permitido ver um relatório altamente secreto dos serviços de informação britânicos sobre "desenvolvimentos de novas armas" imediatamente após a Segunda Guerra Mundial, e que o que leu o chocou tão profundamente que foi movido a pressionar por um "manifesto pela paz mundial" que ele esperava vir a ser assinado, eventualmente, por todos os pensadores proeminentes da Terra. Einstein concordou em assinar tal documento precisamente antes de morrer.

O Dr. J. Robert Oppenheimer, frequentemente referido como o "padrinho da bomba atômica", tinha, tal como Einstein, dúvidas consideráveis sobre a moralidade da mesma, embora não se saiba se em algum momento se sentiu impelido a cessar ou destruir investigações que parecessem ir longe demais. Mas recordamos os seus pensamentos ao ver a primeira bomba explodir em Alamogordo em 1945. Uma passagem do antigo épico hindu, o *Mahabharata*, veio-lhe imediatamente à mente:

Se o resplendor de mil sóis rebentasse de uma só vez no céu, Isso seria como o esplendor do Poderoso... Tornei-me a Morte, A destruidora de mundos.

A noção de que Einstein destruiu papéis antes da sua morte é também interessante, embora nunca comprovada além da fase de boato. Uma dessas histórias reza que alguns meses antes da sua morte Einstein tinha queimado papéis relativos a algumas das suas teorias mais avançadas com o fundamento de que o mundo não estava pronto para tais coisas e estaria melhor sem elas. Presumivelmente, estes tinham algo a ver com as suas conclusões

relativas à sua Teoria do Campo Unificado e às possíveis aplicações práticas da mesma.

3. Em 1943, durante o tempo em que Allende afirma ter testemunhado uma manifestação da Experiência de Filadélfia no mar, o Dr. Einstein estava empregado pela Marinha dos E.U.A. como consultor científico, ostensivamente para o Departamento de Artilharia. Os registos do Gabinete da Administração de Serviços Gerais em St. Louis mostram que Einstein esteve empregado "intermitentemente num Contrato de Serviços Especiais do Departamento da Marinha, Washington, D.C., como cientista, de 31 de Maio de 1943 a 30 de Junho de 1944".

Os comentários do próprio Einstein sobre esta associação são escassos, mas interessantes. Em Julho de 1943, Clark cita-o como tendo escrito ao seu amigo Gustav Buckley que "enquanto a guerra durar e eu trabalhar para a Marinha, não desejo iniciar mais nada". Em Agosto escreveu novamente a Buckley, dizendo que tinha desenvolvido "relações mais próximas com o Gabinete da Marinha de Investigação Científica e Desenvolvimento em Washington". Nesse mesmo mês, o Dr. Vannevar Bush nomeou-o para "um comité onde parecia... que as suas competências particulares teriam maior probabilidade de ser úteis". Nem a natureza exata deste "comité" nem as competências envolvidas foram alguma vez divulgadas.

Um pedido de informação ao Dr. Otto Nathan, conselheiro financeiro de Einstein e testamenteiro do seu património em Nova Iorque, relativo à extensão do envolvimento do Dr. Einstein com a Marinha produziu uma resposta confusa. "Einstein", disse ele, "... tornou-se consultor do Departamento de Artilharia da Marinha em 1943 e, tanto quanto sabemos, terminou o seu trabalho com la Marinha bastante tempo antes do fim da Guerra ---- Caso esteja interessado em mais detalhes sugerimos que comunique com o Departamento da Marinha em Washington. Dado que o trabalho de Einstein não era de forma alguma secreto, eles poderão estar

em posição de lhe dar mais informações sobre o trabalho de consultoria que ele fez, as quais fomos incapazes de obter [deles] quando preparámos o [nosso] volume para publicação." Se o leitor está confuso, deveria estar; pois a mesmíssima sentença que nos diz que o trabalho de Einstein para a Marinha "não era de forma alguma secreto" prossegue logo a explicar que a Marinha não estava disposta a falar sobre isso!

As memórias de pessoas alegadamente empregadas no projeto e de outras envolvidas na proteção ou vigilância de Einstein nesta altura oferecem informações adicionais tanto fascinantes como inquietantes. Havia, por exemplo, uma Menina Blake, uma segunda secretária colocada entre a entrada do escritório de Einstein em Princeton e o escritório do Dr. Oswald Veblen, um matemático, cuja função ostensiva era marcar encontros, embora os seus empregadores, presumivelmente Princeton, pareçam não ter registo do seu emprego. Poderá ser, por conseguinte, que estivesse empregada por uma agência governamental não apenas para proteger Einstein, mas para tomar nota dos seus visitantes e contactos.

Aparece também que Einstein não só esteve envolvido com as equações do projeto, como esteve em contacto real com a própria experiência. De acordo com um relato, quando o primeiro teste "falhou", os oficiais da Marinha trouxeram Einstein pessoalmente ao local e, numa espécie de confrontação científica que poderia ser expressa por — "Agora já viu o que acontece — o que é que fizemos de errado?", procederam a reavaliar a experiência através de conselhos dados no local. Enquanto Einstein esteve ausente de Princeton, um sósia foi designado para ocupar o seu escritório, devidamente verificado e observado pela Menina Blake, que poderá ou não ter estado a par da substituição.

4. E quanto à própria Teoria do Campo Unificado? É virtualmente impossível discuti-la em termos não técnicos, mas o fulcro geral da teoria é explicar matematicamente por meio de um único conjunto de

equações (presumivelmente a partir das quais uma lei científica poderia ser derivada) as inter-relações entre as três forças universais básicas: a eletromagnética, a gravítica e a nuclear. (Curiosamente, em 1974 a descoberta simultânea em Nova Iorque e na Califórnia de duas partículas elementares de matéria, conhecidas como partículas J ou psi, parece sugerir que poderá haver uma quarta força universal "fraca" que poderia estar relacionada com a gravidade da mesma forma que a eletricidade está relacionada com o magnetismo. Se tal "campo" seria interdimensional ou "relacionado com o tempo" não é ainda conhecido.) De qualquer modo, presumindo que tal teoria pudesse ser completamente desenvolvida, teria também de incorporar a luz, as ondas de rádio, o magnetismo puro, os raios X e até a própria matéria nas suas equações finais. A enorme complexidade de tal problema pode ser vislumbrada quando se considera que Einstein passou a maior parte da sua vida em busca de precisamente tal objetivo e, em anos mais tardios, foi frequentemente ouvido a queixar-se de que não dispunha de matemática suficiente para concluir a tarefa.

Já em 1916, Einstein estava ocupado a explorar a possibilidade de a gravidade não ser de todo uma "força", mas sim uma das propriedades observáveis do próprio "espaço-tempo" — a força que fundamenta e governa todas as outras forças naquilo que consideramos ser o "nosso" universo. Dando um passo mais além, especulou que o que conhecemos como substância, ou "matéria", é na realidade apenas um fenómeno local exibido por áreas de extrema concentração de energia de campo. Em termos mais simples, optou por ver a matéria como um produto da energia e não o inverso e, ao fazê-lo, atreveu-se a rejeitar o conceito de longa data de que as duas são entidades separadas que existem lado a lado.

Durante os trinta e nove anos seguintes, até à sua morte em 1955, com a idade de setenta e seis anos, continuou a refinar este

conceito, alterando ocasionalmente o seu ponto de vista, mas nunca alterando a sua premissa básica de que a gravidade podia ser matematicamente provada como estando diretamente relacionada com outras formas de energia — principalmente o eletromagnetismo. Levando este conceito à sua conclusão lógica (com desculpas pela simplificação grosseira necessária para marcar uma posição): dado que é demonstrável que a eletricidade pode facilmente ser obtida a partir de um campo magnético (o princípio do gerador elétrico comum) e que os campos magnéticos podem ser facilmente derivados de campos elétricos (os eletroímãs industriais, por exemplo), então segue-se logicamente que, se a gravidade está relacionada com estes, deveria ser possível obter (ou anular) um campo gravítico através de algum tipo de interação com qualquer um deles, ou com ambos.

Praticamente todas as vantagens do nosso estilo de vida do século vinte, desde os automóveis às torradeiras e aos fornos micro-ondas, baseiam-se em termos aprendido, nos anos finais do século passado, como fazer com que as interações entre a eletricidade e o magnetismo funcionassem para nós como uma fonte de energia. Até este ponto, contudo, dizem-nos que qualquer relação demonstrável do terceiro lado deste triângulo com os outros dois nos tem escapado em grande parte.

Mesmo mais de vinte anos após a morte de Einstein, grande parte do trabalho da sua vida continua a ser amplamente incompreensível até para os académicos mais brilhantes. Em geral, a ciência ortodoxa na década de 1970 tende de facto a reconhecer uma ligação frouxa ou um "efeito de acoplamento" de algum tipo entre as forças eletromagnéticas e as gravíticas, mas poucos cientistas especularam que este efeito de acoplamento seja de todo aplicável. Oficialmente esse é o caso, embora se suspeite que alguns avanços significativos nesta área permaneçam ainda ocultos sob a impressionante frase "Ultra-Secreto". (Os autores, por exemplo, viram um estudo extremamente interessante que

lidava com a possibilidade de gerar "raios gravíticos" utilizando tecnologia laser e utilizar estes raios virtualmente indetetáveis para transmitir informações de um ponto para outro.)

Einstein via o universo como uma criação ordeira e coerente. Era incapaz de acreditar que as leis físicas que governam a perfeição de Deus pudessem possivelmente ser uma coleção caótica de equações que guardassem apenas a mais remota das relações umas com as outras. "Deus", disse ele, "não joga aos dados com o mundo." Por conseguinte, as forças do universo devem representar um todo ordeiro e coerente que, se as técnicas adequadas forem empregadas, pode ser retratado em maior ou menor extensão em termos matemáticos.

Curiosamente, Einstein esteve quase isolado na perseguição deste objetivo. Hoje em dia, a maioria dos cientistas está demasiado preocupada com a urgência da investigação experimental para se maçar com a rigorosa ginástica mental necessária para explorar os fundamentos subjacentes à Teoria do Campo Unificado — para não mencionar o facto de a tarefa ser assustadoramente difícil, morosa e, frequentemente, pouco recompensadora. É, infelizmente, uma das duras realidades da vida científica que a investigação que resulta em "equipamento" utilizável tende a ser mais lucrativa do que a investigação que conduz apenas a teorias. A complicar ainda mais a tarefa está o facto de muitos cientistas atualmente sentirem que Einstein perseguia um objetivo inexistente ao tentar obter ordem a partir do caos. (De facto, diz-se que Wolfgang Pauli, um físico que abandonou o trabalho na física do Campo Unificado, gracejou como reflexo do seu desgosto: "O que Deus separou, não o homem una.")

Quão bem-sucedido Einstein foi talvez nunca se venha a saber, visto que tão poucos são capazes de compreender exatamente o que ele andava a planear quando faleceu. Se a Experiência de Filadélfia conseguiu de facto confirmar algumas das suas posições teóricas, esse conhecimento foi de tal forma

suprimido que, ainda hoje, os seus conceitos de uma Teoria do Campo Unificado são considerados mais como um objetivo do que como uma teoria real. Isto apesar do facto de, menos de dois anos antes da sua morte, Einstein ter anunciado aquilo a que se referiu como resultados "altamente convincentes" na sua busca por encontrar uma prova matemática da ligação entre as forças do eletromagnetismo e da gravidade.

Tendo em mente as afirmações de Allende relativas à conclusão da Teoria do Campo Unificado de Einstein em 1925, é significativo notar que esta última teoria era, na verdade, uma prima muito próxima daquela versão anterior que Allende diz ter sido "retirada" por razões "humanitárias".

O fulcro desta teoria era uma cadeia de dezasseis quantidades incrivelmente complexas (representadas por um tipo avançado de estenografia matemática conhecido como equações tensoriais), dez combinações das quais representavam a gravitação e as restantes seis o eletromagnetismo. De acordo com aqueles que estudaram a versão revista, não existe uma forma satisfatória de explicar esta teoria final em termos simples, dado que é intensamente matemática nos seus conceitos. E, como que para aumentar o problema, o próprio Einstein afirmou que as suas equações não estavam necessariamente na sua forma final, tornando a tarefa de tentar reconstruir o seu esforço duplamente difícil. Uma coisa que emerge, curiosamente, é o conceito de que um campo gravítico puro pode existir sem um campo eletromagnético, mas um campo eletromagnético puro não pode existir sem um campo gravítico acompanhante.

Pouco de consequente foi adicionado aos cálculos de Einstein desde a sua revisão final em 1953; e, na verdade, poderão passar bastantes mais anos antes que algo seja acrescentado, visto que não há uma forma fácil de resolver las equações envolvidas. O trabalho experimental que contorna as equações em favor dos resultados ou é mantido em segredo ou é ignorado, e os

computadores são de uma ajuda apenas limitada, já que não estão concebidos para resolver problemas de uma natureza tão abstrata.

Possivelmente de interesse neste ponto, contudo, é um minúsculo artigo de "enchimento" de uma edição de Abril de 1956 do *The New York Times*, o qual relatava que um Dr. Parvis Marat, físico da Universidade de Maryland, tinha "confirmado parcialmente a famosa Teoria do Campo Unificado do falecido Dr. Albert Einstein", e que "a mais recente e mais radical teoria de Einstein tinha superado uma fase de testes críticos com distinção". A natureza desses "testes críticos" permaneceu por divulgar.

Mas, por mais interessantes que as descobertas teóricas possam ser, são necessários resultados práticos demonstrados para realmente erguer sobrolhos. Terão estes resultados sido obtidos e os respetivos sobrolhos erguidos já em 1943, quando a Marinha tentou utilizar alguns dos princípios que acabámos de discutir para criar e talvez teleportar o navio invisível que Allende afirmou ter presenciado? Terá a experiência de alguma forma corrido mal e produzido resultados inesperadamente desastrosos — talvez resultados de um tipo que, se pudermos acreditar nas afirmações feitas a Davis e Huse no Colorado, possam até ter levado ao contacto com seres de outro mundo?

Estaria Allende correto quando insinuou, nas palavras de encerramento da sua carta final ao Dr. Jessup, que os resultados da experimentação secreta da Marinha poderiam ter algo a ver com a propulsão de OVNI? Ou terá sido tudo meramente uma espécie de "miragem" — talvez um daqueles esquivos navios "fantasma" que parecem aparecer e desaparecer à vontade por entre as névoas do oceano?

A nossa busca pela resposta leva-nos, em seguida, aos Arquivos Nacionais em Washington, D.C.

CAPÍTULO OITAVO

OS ESQUIVOS ARQUIVOS

Um dos maiores problemas que pode confrontar um investigador é o de tentar verificar a informação. Se o estranho conto de Allende for verdadeiro — se de facto o DE 173 se tornou invisível como ele diz que aconteceu, e se a experiência foi testemunhada a partir do convés do *S.S. Andrew Furuseth* —, então, na ausência de conhecimento do nome real do projeto, talvez uma das melhores formas de tentar saber mais sobre o assunto seja verificar os arquivos governamentais disponíveis sobre os navios envolvidos. Mais uma vez, contudo, o que começou como um esforço honesto para desacreditar o conto terminou com a descoberta de factos que parecem fazer exatamente o oposto.

Para começar, parece haver não um, mas dois *S.S. Andrew Furuseth*. O primeiro, um transportador de minério no Pacífico que aparentemente continua a operar, pode ser efetivamente eliminado da nossa investigação, visto que não esteve em serviço senão após a Segunda Guerra Mundial. O segundo, um navio *Liberty*, bate visivelmente bem com as informações de Allende.

O nome *Andrew Furuseth* foi na verdade sugerido à Comissão Marítima dos Estados Unidos como nome para um navio pelo Sindicato dos Marinheiros do Pacífico, em Julho de 1942, como uma homenagem apropriada ao fundador e há muito presidente dessa organização. O navio em si foi lançado à água em Outubro desse mesmo ano como o Casco N.º 491 no Estaleiro N.º 1 da Divisão de Metais Permanente das Indústrias Kaiser em Richmond, Califórnia. Fiel à afirmação de Allende a Jessup, pouco depois do lançamento o navio foi arrendado à *Matson Navigation Company* de São Francisco — uma empresa que o iria operar durante os quatro anos seguintes. A 19 de Outubro, partiu dessa cidade rumo a um período de serviço de cinco meses que o levaria bem para dentro da zona de guerra do Pacífico.

Março de 1943, contudo, encontrou-o na ilha do Pacífico de Luganville, enfrentando ordens de transferência para o Atlântico como uma substituição muito necessária na perigosa rota de abastecimento para o Norte de África. Os registos da Matson indicam que a longa viagem para e através do Canal foi iniciada a 14 de Março, e que o *Furuset* chegou finalmente ao porto de Nova Iorque a 6 de Maio. Vinte e dois dias mais tarde, após uma breve revisão, o *Furuset* partiu de Nova Iorque em comboio naval rumo a Orã, na Argélia, onde chegou em segurança a 17 de Junho.

Após fazer escala em Mostaganem e Gibraltar, chegou novamente a Nova Iorque a 23 de Julho para outra estadia de três semanas. A 13 de Agosto de 1943, o *Furuset* deixou Nova Iorque para iniciar uma viagem descendo a costa até às instalações portuárias de Norfolk-Newport News para carregar para outra viagem através do Atlântico. É aqui que começamos a interessar-nos por ele, pois um dos membros recém-designados da tripulação de convés é um jovem recém-saído da escola de marinheiros que se regista sob o nome de Carl M. Allen. De particular interesse é o facto de que, em vez de navegar juntamente com o *Furuset* na curta viagem descendo a costa, ele recebe permissão para se juntar ao navio em Norfolk, e por isso faz a viagem por terra — uma viagem que resulta numa paragem sua em Filadélfia para passar a noite pelo caminho. Chegou às imediações do porto de Norfolk na manhã do dia 16, a tempo de se juntar ao *Furuset* antes de este deixar Newport News às 10h18 da manhã na sua terceira viagem como parte de um comboio naval com destino a Casablanca.

O dia 4 de Outubro encontra o *Furuset* novamente a docar em Newport News para reparações e recarregamento — um processo que demora até 25 de Outubro. Nessa data, parte novamente para o Norte de África (desta vez para Orã) e, de novo, um Carl M. Allen está listado entre a tripulação. O navio alcançou o porto em segurança a 12 de Novembro, e não

regressou a um porto americano senão a 17 de Janeiro de 1944. Poucos dias mais tarde, o membro da tripulação que se intitulava Carl M. Allen deixou o *Furuseth* pela última vez. Viria eventualmente a transferir-se para a tripulação de convés de outro navio — o *S.S. Newton D. Baker*.

Quanto ao DE 173, mais conhecido como o contratorpedeiro de escolta *U.S.S. Eldridge*, os registos oficiais indicam que o navio teve uma história sem grandes acontecimentos. A informação nestes registos indica que o *Eldridge* teve a sua quilha assente a 22 de Fevereiro de 1943, na *Federal Shipbuilding and Drydocks*, Newark, Nova Jérсия, e que tinha um comprimento de 306 pés e um deslocamento de 1240 toneladas padrão e 1520 toneladas com carga completa. Cerca de cinco meses mais tarde, a 25 de Julho, dizem-nos que o navio foi lançado à água. A cerimónia oficial de comissão teve lugar a 27 de Agosto no Estaleiro Naval de Nova Iorque, altura em que o Tenente Charles R. Hamilton, da Reserva da Marinha dos E.U.A., assumiu o comando.

Citando a história do navio conforme registada pelo Departamento da Marinha:

Sem perder tempo em dedicar-se à tarefa em mãos, o *U.S.S. Eldridge*, durante o mês de Setembro, combinou o serviço de escolta com operações de teste na área das Bermudas, Índias Ocidentais Britânicas. Continuou neste serviço até 28 de Dezembro, quando fez uma pausa para um período de treino de três dias nas imediações de Block Island. Da área de Block Island, procedeu descendo a costa até Hampton Roads, Virgínia, para ali aguardar a sua primeira missão de escolta ultramarina. Após breves missões de escolta e patrulha que o levaram para dentro de Chesapeake Bay durante a primeira semana de Janeiro de 1944, o navio rumou através do Atlântico como uma das unidades de escolta para um grande comboio de navios mercantes ----

Entre 4 de Janeiro de 1944 e 9 de Maio de 1945, o *Eldridge* navegou na tarefa vital de escoltar para o Mediterrâneo homens e materiais para apoiar as operações aliadas no Norte de África e em direção ao Sul da Europa. Fez nove viagens para entregar comboios em segurança em Casablanca, Bizerta e Orã.

No seguimento do serviço no Atlântico, o *Eldridge* foi transferido para o Pacífico, onde permaneceu até ao fim da guerra. Ao regressar a Nova Iorque, foi retirado de serviço a 17 de Junho de 1946, e permaneceu na reserva até 5 de Janeiro de 1951, data em que foi vendido ao abrigo do Programa de Assistência à Defesa Mútua à Grécia. Ali foi renomeado *Leon* ("Leão"), e poderá continuar em serviço.

Tudo isto soa tão oficialmente normal que a pessoa dificilmente seria motivada a procurar algo mais além na questão se não fosse a história de Allende sobre o navio. No entanto, após uma análise subsequente à luz da história de Allende, esta narrativa oficial e limpa do *Eldridge* mostra indícios de considerável remendo e manipulação.

Para começar pelo princípio: se se pudesse demonstrar que o *Eldridge* e o *S.S. Furuseth* estiveram no mesmo local em apenas uma única data durante o período em que Carl M. Allen era membro da tripulação do *Furuseth*, então, no mínimo, um vislumbre de possibilidade é adicionado à sua história. Por outro lado, se nenhuma semelhança de posições puder ser demonstrada, então o conto de Allende fica séria (e talvez fatalmente) danificado. O primeiro indício de que nem tudo estava como deveria estar surgiu quando Moore tentou verificar este aspeto do mistério, tentando obter cópias dos diários de bordo dos dois navios em questão. O resultado de tal pedido foi a surpreendente descoberta de que (1) os diários de navegação do *Eldridge* para o período desde a data de comissão (27 de Agosto de 1943) até 1 de Dezembro de 1943 estavam "desaparecidos e, portanto, indisponíveis"; e (2) os diários de bordo do *Furuseth* tinham sido "destruídos por decreto executivo" e, assim, já não existem.

Dado que o único período de tempo na história destes dois navios que tem qualquer interesse para esta investigação é o tempo durante o qual Allende serviu a bordo do *S.S. Furuseth* — ou seja, de cerca de 13 de Agosto de 1943 até cerca de 30 de Janeiro de 1944 —, o passo seguinte consistia em tentar chegar a certas conclusões vagas e puramente provisórias, recorrendo a uma análise da informação disponível e já em mãos. Tal análise pareceu indicar o seguinte.

De acordo com os registos ainda em posse da *Matson Navigation Company*, o *Furuseth* fez duas viagens completas ao Norte de África neste período de tempo: a primeira com início a 13 de Agosto de 1943, quando o *Furuseth* deixou Nova Iorque para navegar descendo a costa até Norfolk e dali para o Norte de África; e a segunda com início a 25 de Outubro de 1943, quando navegou de Lynnhaven Roads, Virgínia (área de Norfolk), rumo a Orã, na Argélia. A primeira viagem não começou para Allende senão a 16 de Agosto, quando se juntou ao navio em Norfolk após passar um fim de semana em Filadélfia. A segunda terminou com a chegada do *Furuseth* a Hampton Roads a 17 de Janeiro de 1944, e a sua saída do navio escassos dias mais tarde.

De acordo com a história oficial do Departamento da Marinha sobre o *Eldridge*, esse navio foi lançado à água a 25 de Julho de 1943, em Newark, Nova Jérсия, e comissionado a 27 de Agosto de 1943, no Estaleiro Naval de Nova Iorque. A sua viagem de teste começou no início de Setembro, teve lugar na área das Bermudas, Índias Ocidentais Britânicas, e durou até 28 de Dezembro. Estes mesmos registos indicam que a sua primeira viagem ultramarina começou a 4 de Janeiro de 1944, e terminou a 15 de Fevereiro com a sua chegada ao porto de Nova Iorque.

Se havemos de basear as nossas conclusões neste material, então os dois navios não parecem ter estado de todo nas proximidades um do outro durante este período de tempo. Mas será esta informação fiável? A misteriosa indisponibilidade dos diários de bordo dos navios lança certas dúvidas sobre ela, mas é

difícilmente suficiente para desacreditar seriamente os registos. O mistério não estava mais perto de uma solução do que estivera antes.

A primeira peça em falta que se encaixou no quebra-cabeças surgiu de forma bastante inesperada com o desvendar de uma informação anteriormente confidencial sobre o *Eldridge* que parecia desacreditar as narrativas oficiais por completo. O documento em questão era um relatório sobre Ação Antissubmarina por Navio de Superfície arquivado pelo comandante do *Eldridge* a 14 de Dezembro de 1943, de acordo com os regulamentos da frota, e dizia respeito a uma ação que teve lugar a 20 de Novembro no Atlântico Norte.

De acordo com as histórias oficiais, o *Eldridge* estava a operar numa viagem de teste nas imediações das Bermudas desde o início de Setembro até finais de Dezembro de 1943, e a sua primeira viagem ultramarina começou a 4 de Janeiro de 1944. De acordo com o relatório de ação arquivado pelo comandante do navio, o Tenente C. R. Hamilton, o *Eldridge* lançou sete cargas de profundidade contra um suspeito submarino inimigo pouco depois das 13h30, hora local, na tarde de 20 de Novembro de 1943, enquanto navegava para oeste (em direção aos Estados Unidos) na escolta do comboio naval UGS 23. A posição do *Eldridge*, conforme listada no relatório, era latitude 34° 03' norte e longitude 08° 57' oeste — uma posição que coloca o navio escassas 200 milhas ao largo da costa de Casablanca, Norte de África, e a cerca de 3000 milhas das Bermudas!

Depois, uma segunda informação começou a completar o quadro. Embora os diários de navegação desaparecidos do *Eldridge* continuassem sem aparecer, o diário de bordo do engenheiro tinha aparecido. Embora não contivesse muita informação relacionada com a busca, continha de facto um registo das posições do navio para as datas em questão, as quais estavam em falta no arquivo do diário de navegação. Esta e outra documentação que veio a lume por volta da mesma altura

mostraram que o *Eldridge* tinha de facto navegado para fora do porto (Brooklyn) a 2 de Novembro para reunir os retardatários do comboio naval GUS 22 que tinham sido afastados da linha por um furacão de final de estação que soprara do sul nos últimos dias de Outubro.

Esta era uma informação verdadeiramente valiosa, visto que o comboio naval em questão não era outro senão o comboio do *S.S. Furuseth*, o qual tinha deixado Norfolk-Lynnhaven Roads a 25 de Outubro! E mais importante, o *Furuseth*, navegando na última fileira do comboio, é quase certo ter vislumbrado o DE 173 enquanto este reconduzia os retardatários de volta à linha.

Além disso, a posição relatada do *Eldridge* ao largo de Casablanca a 20 de Novembro parece indicar que o *Eldridge* acompanhou o *Furuseth* e o seu comboio Gus 22 durante todo o percurso até ao Norte de África (o comboio chegou lá a 12 de Novembro, recorde-se), e estava na sua viagem de regresso a casa a escoltar o UGS 23 quando encontrou o submarino mencionado no relatório de ação. Não fosse a descoberta deste relatório de ação, que tinha sido mantido confidencial pela Marinha durante cerca de trinta e quatro anos, nada disto teria alguma vez vindo a lume. Mas agora, com a descoberta de um "erro" tão flagrante nas histórias oficiais, a questão passara rapidamente a ser: poderiam existir outros?

Claramente, o *Furuseth* e o *Eldridge* estiveram à vista um do outro numa operação de comboio naval a caminho de África; mas seria lógico a Marinha, ou os cientistas da Marinha, arriscarem tentar uma experiência tão perigosa, ousada e obviamente Ultra-Secreta como a invisibilidade eletromagnética sob tais circunstâncias e à vista de um comboio naval inteiro? Certamente não parece provável. E depois também, Allende parece indicar explicitamente que as experiências tiveram lugar na doca em Filadélfia e "no mar" — presumivelmente ao largo da costa do continente. As suas datas — a parte final de Outubro — coincidem com a operação do comboio naval, mas as outras

circunstâncias não; especialmente dado que o *Eldridge* navegou para fora de Brooklyn, não de Filadélfia, para se juntar ao GUS 22. De facto, em lado nenhum dos registos do navio para o período em questão se indica que o *Eldridge* tenha alguma vez estado sequer no interior ou perto da área de Filadélfia — exceto durante o tempo em que esteve sob construção em Newark.

Note-se também que Allende conta a Jessup que leu sobre os efeitos da experiência em alguns membros da tripulação do navio num artigo que ele diz ter aparecido num jornal de Filadélfia. Não aparece que Allende (ou Allen) estivesse em Filadélfia em Outubro de 1943 também; mas esteve lá em Agosto — coincidentemente por volta da mesma altura em que o *Eldridge* estaria supostamente em Newark a aguardar ordens para ser transferido para Nova Iorque para as cerimónias de comissão. No entanto, na sua carta ele diz sentir que o artigo que leu apareceu numa edição de Outono ou Inverno do jornal, em vez de numa edição de Verão. Se pudermos atribuir este último item às falhas da memória humana, então talvez sejamos capazes de extrair algo do restante.

Foi precisamente enquanto se ponderava sobre este problema que as pistas finais, elementos importantes que parecem lançar a dúvida sobre os registos oficiais, vieram à luz. Por esta altura, Moore recebeu uma carta de um correspondente que fora comandante de navio durante a guerra, e que escreveu dizendo estar virtualmente seguro de se recordar de o *Eldridge* ter entrado nas Bermudas imediatamente a seguir ao primeiro furacão da estação em 1943 — uma data que ele sente que teria de ter sido no final de Julho ou início de Agosto desse ano! O navio, disse ele, ancorou perto do seu por um breve período de tempo e depois fez-se ao mar novamente quase de imediato. A razão pela qual se recordava do incidente, disse, era que o navio não exibia nenhuma bandeiras de sinalização e não fez qualquer esforço para trocar saudações com o seu.

Um comportamento estranho, de facto; mas ainda mais estranho é o facto de que, se este navio era o *Eldridge*, então a sua aparição nas Bermudas teve lugar apenas escassos dias após o seu lançamento em Newark — numa altura em que as fases finais da construção do navio normalmente ainda não estariam completas, e um bom mês antes de o navio ter sequer uma tripulação atribuída! A única explicação possível para tal ocorrência é a de que ou o oficial em questão estava enganado, ou o *Eldridge* foi lançado em Newark antes de 25 de Julho. Certamente que os registos da Marinha Americana não fazem tais indicações, mas e quanto aos gregos? Aqui surgiu mais uma surpresa, pois de acordo com os registos gregos sobre o *Eldridge* (os quais devem, como é óbvio, ter sido obtidos junto dos americanos), esse navio foi lançado não a 25 de Julho, mas a 25 de Junho — uns bons trinta dias antes! Não só isso, mas os registos gregos mostram que o *Eldridge*, quando foi transferido para a Marinha Grega em 1951, estava classificado com 1240 toneladas de deslocamento padrão e 1900 com carga completa, uma discrepância de cerca de 380 toneladas. De acordo com um antigo marinheiro da Marinha, a única forma de um navio ganhar 380 toneladas de flutuabilidade é se algo com esse peso tiver sido removido desse navio antes da altura da sua venda aos gregos. Equipamento eletrónico, talvez?

A história toda começa agora a fazer sentido. O *Eldridge* foi lançado a 25 de Junho em vez de 25 de Julho; esteve baseado na área de Newark-Filadélfia até à altura da sua transferência em Agosto para a comissão oficial; esteve no mar pelo menos até às Bermudas no final de Julho ou nos primeiros dias de Agosto; e a sua história oficial para o período até 4 de Janeiro de 1944 é quase certamente falsa!

Munido desta evidência, Moore confrontou um contacto que até este ponto tinha sido prestável em pequenas coisas, mas de quem se suspeitava saber mais do que contava. Este indivíduo, que tem por necessidade de permanecer anónimo, estivera empregado como cientista no programa de radar da Marinha

durante a guerra, numa capacidade que, a ter ocorrido algum projeto como a Experiência de Filadélfia, quase certamente o teria colocado em contacto com o mesmo. Perante a insistência de Moore, e confrontado com a evidência acima referida, ele concordou finalmente em falar com a condição de que lhe fosse garantido completo anonimato. Assim foi feito, e a sua história segue-se:

Pergunta: Comandante, pode descrever o procedimento que era seguido para obter um navio experimental para este projeto?

Resposta: Deve lembrar-se de que em 43 os navios eram difíceis de obter para fins experimentais. Assim que a comissão ocorria, um navio tornava-se imediatamente parte dos planos de guerra de algum almirante, e desvinculá-lo desses planos para trabalho experimental era quase impossível. Consequentemente, a forma mais fácil e, na verdade, praticamente a única de conseguir um navio para usar num projeto desses era desviá-lo para trabalho experimental por um curto período de tempo entre o lançamento e a comissão. Tal processo raramente era fácil e geralmente exigia uma certa quantidade de manobras e manipulações em posições elevadas, mas podia ser e, de facto, foi feito — desde que, claro, os cientistas conseguissem convencer as chefias necessárias de que o projeto em questão tinha promessa e importância bastantes para o justificar. Apesar disso, era geralmente muito mais fácil deitar a mão a um navio que ainda não estivesse atribuído e se encontrasse ainda nas fases de construção. Havia geralmente menos pessoas aqui que tivessem de ser contornadas.

Pergunta: Considerando que o Projeto Manhattan começava a mostrar um progresso assinalável em meados de 1943 e começava a desviar uma grande fatia dos fundos disponíveis para a investigação militar, foi 1943 um ano bastante crucial para uma grande quantidade de outros projetos Ultra-Secretos orientados para a defesa que estavam então também em curso?

Resposta: A partir de meados de 1943, as atitudes em relação a vários projetos experimentais e ideias em desenvolvimento começaram a sofrer uma mudança marcante. Por esta altura, havia quem comesse a ver o fim da guerra no horizonte, pelo que a questão para todo o trabalho em curso passou a ser: "Consegue ter isto pronto antes do fim da guerra para que se possa dar alguma utilidade ao projeto?" Aquelas equipas que não tinham a certeza sobre certos projetos eram instadas a fazer algumas experiências ou testes rápidos para que pudessem estar mais seguras das utilizações possíveis. Se estas não pudessem ser alcançadas rapidamente ou se os resultados continuassem enevoados, surgia inevitavelmente uma diretiva dirigida à equipa em questão no sentido de que "o vosso tempo é talvez mais valioso em coisas mais importantes". Os projetos que tinham pouca esperança de produzir alguns resultados imediatamente úteis eram quase certos de ser arquivados "pela duração do conflito".

Pergunta: O próprio facto de se ter obtido um navio não tende a indicar algo sobre a importância com que este projeto era encarado pela estrutura militar-científica?

Resposta: Não estou o que se possa dizer excessivamente familiarizado com o projeto que tem em questão, mas acredito que o que ocorreu foi no sentido de que "se conseguir fazer um teste este ano (de 43), estamos interessados e apoiamo-lo. Se não, pare. Se iremos continuar ou não com isto dependerá inteiramente dos resultados dos testes que fizer. Se não surgirem resultados imediatos, archive-o até ao fim da guerra e daremos outra vista de olhos nessa altura".

Pergunta: Relativamente ao projeto propriamente dito, consegue recordar-se de algo sobre como começou, quem estava por detrás dele ou o que esperavam em última análise alcançar?

Resposta: De onde surgiu tal projeto ou como inicialmente teve começo, não faço a mínima ideia. Como digo, o meu conhecimento imediato do mesmo era em grande parte periférico.

Acredito que conseguiram de facto obter um navio saído de Filadélfia ou Newark por um tempo limitado, provavelmente não mais do que duas ou três semanas, e penso ter ouvido dizer que fizeram alguns testes tanto ao longo do rio [o Delaware] como ao largo da costa, especialmente no que diz respeito aos efeitos de um forte campo de força magnético nos aparelhos de detecção por radar. Não lhe posso dizer muito mais sobre o assunto ou sobre quais foram os resultados em última análise porque não sei. O meu palpite, e enfatizo palpite, seria o de que todo o tipo de equipamento de receção possível foi colocado a bordo de outras embarcações e ao longo da linha costeira para verificar o que aconteceria no "outro lado" quando tanto o radar de rádio como o de baixa e alta frequência fossem projetados através do campo. Sem dúvida que observações teriam sido feitas também quanto a quaisquer efeitos que esse campo pudesse ter tido na luz na gama visual. Em todo o caso, sei perfeitamente que havia uma grande quantidade de trabalho a ser feito na absorção total, bem como na refração, e isto pareceria certamente ligar-se a uma experiência como esta.

Uma coisa lhe posso dizer: é altamente improvável que qualquer trabalho experimental de tal natureza tivesse lugar a bordo de um navio após este ser comissionado e ter uma tripulação. Tal coisa simplesmente não teria sido feita — especialmente não no mar enquanto em serviço de comboio naval. Absolutamente ninguém a fazer investigação deste tipo em 43 se teria atrevido a arriscar colocar várias centenas de toneladas de equipamento eletrónico valioso à mercê de algum comandante de submarino alemão no meio do Atlântico.

Tudo isto é um testemunho verdadeiramente valioso, visto que nos diz quase exatamente quando a Experiência de Filadélfia teve lugar e, de facto, parece inclusive indicar que pelo menos parte dela teve lugar no interior ou redor das instalações dos estaleiros navais de Filadélfia-Newark. Se de facto o período de duas a três semanas de disponibilidade para fins de investigação

estiver correto, e se os registos gregos sobre o *Eldridge* estiverem corretos relativos a uma data de lançamento a 25 de Junho (como devemos assumir que estão), então, dando margem para algumas semanas para concluir as fases finais da construção após o lançamento, parece que a Experiência de Filadélfia teve lugar algures entre 20 de Julho e 20 de Agosto de 1943. Isto não só explica como o antigo comandante da Marinha mencionado acima por acaso viu o *Eldridge* nas Bermudas nos últimos dias de Julho (para onde poderá ter sido forçado a ir devido ao furacão), como também explica como Carlos Allende, que estava em Filadélfia durante o fim de semana de 13 a 15 de Agosto, por acaso apanhou um artigo sobre o assunto num jornal de Filadélfia ou da área de Filadélfia.

As experiências teriam de estar nas suas fases finais nessa altura, e concebivelmente a tripulação reduzida que teria sido usada para guiar o navio durante as operações de investigação poderá ter recebido uma licença de terra numa dessas noites. A ser assim, então a data da zaragata na taberna que Allende menciona foi ou na noite de sexta-feira, 13 de Agosto, ou na noite de sábado, 14 de Agosto.

De acordo com os registos, o *Eldridge* deixou Newark com destino a Brooklyn na terça-feira, 17 de Agosto, e chegou ali para aguardar a comissão na quarta-feira, 18 de Agosto. O *Furuseth*, que tinha deixado a área do porto de Norfolk com Allende a bordo na segunda-feira, 16 de Agosto, e seguia em comboio naval subindo a costa no dia 17 antes de inflectir para leste em direção a África, poderia facilmente ter cruzado o *Eldridge* à medida que este emergia de Delaware Bay na manhã do dia 17 rumo a Brooklyn.

Qualquer encontro desses teria sido muito provavelmente breve, devido à maior velocidade do *Eldridge* e ao destino diferente, mas se as experiências finais continuavam ainda a decorrer nesta altura, então é inteiramente possível que o encontro fortuito de Allende com elas tenha tido lugar nesta data, em vez

de durante o período do seu segundo encontro com o *Eldridge*, o qual teve lugar, como já descrevemos, em Novembro.

Terá realmente acontecido? Neste ponto, as evidências afirmativas parecem estar precisamente a inclinar a balança no sentido da credibilidade.

CAPÍTULO NONO

A CHAVE INESPERADA

Tendo aparentemente esgotado a informação disponível nos registos existentes dos navios, devemos agora voltar a nossa atenção para o único item das cartas de Allende que deteve tantos investigadores e que, a ser alguma vez comprovado, poderia fornecer a chave para todo o mistério. O leitor recordar-se-á de que, logo no início da sua segunda carta ao Dr. Jessup, Allende fez uma afirmação no sentido de que não só a Teoria do Campo Unificado de Einstein fora concluída entre 1925 e 1927, como toda a teoria fora submetida pela Marinha a uma "verificação completa (matemática de grupo)... com vista a toda e qualquer possível utilização rápida da mesma... num espaço de tempo muito curto". Se se há-de acreditar em Allende, então foram os resultados deste processo matemático que supostamente forneceram a base teórica para aquilo que viria eventualmente a tornar-se a Experiência de Filadélfia.

A chave possível aqui fornecida é a de que Allende se dá ao trabalho de fornecer ao Dr. Jessup o nome do cientista

alegadamente encarregue desta "verificação". Este homem é identificado como o Dr. Franklin Reno, um homem a quem Allende se refere de forma bastante informal como "o meu amigo".

Obviamente, se este Dr. Reno pudesse ser encontrado, e se pudesse ser convencido a adicionar o seu testemunho à investigação que já foi feita, então uma grande parte do mistério poderia concebivelmente ser desvendada. O problema até este ponto tem sido o de que, embora muitos tenham tentado, ninguém foi capaz de decifrar esta parte da história — um facto que levou mais do que um investigador a concluir que, dado que este indivíduo misterioso não podia ser apresentado, então todo o assunto deveria ser considerado nada mais do que uma farsa.

Agora, após vários anos de investigação persistente sobre este aspeto do caso, os autores sentem finalmente que o enigma em redor da identidade do esquivo Dr. Reno foi resolvido! E com isso vem um relato fantástico que parece fornecer pela primeira vez algumas perspetivas substanciais sobre o mistério que por tanto tempo tem envolvido a chamada Experiência de Filadélfia. Agora, pela primeira vez na página impressa, temos uma sequência de acontecimentos que parecem ter sido precursores indiscutíveis daquele projeto Ultra-Secreto que bem poderá ter-se desenvolvido numa experiência com um navio em grande escala do tipo descrito por Allende nas suas cartas furiosas ao Dr. Jessup! A história em si é quase tão peculiar como as cartas de Allende.

O âmago dessa história é o de que o homem referido por Allende como Dr. Franklin Reno não só era uma pessoa muito real como, antes da sua morte ocorrida há pouco mais de um ano em relação à data em que este texto é escrito, ele próprio verificou pessoalmente a Moore a verdade substancial das afirmações de Allende relativas aos primórdios do projeto que veio a ser conhecido como la Experiência de Filadélfia.

A razão pela qual os investigadores anteriores foram completamente mal-sucedidos nos seus esforços para encontrar este Franklin Reno é facilmente explicada pelo simples facto de estarem à procura de um homem cujo nome não era Franklin Reno, embora uma pista para o nome e paradeiro do homem estivesse num mapa de estradas do estado da Pensilvânia!

Na região produtora de petróleo do noroeste da Pensilvânia, ao longo da Rota 62 dos E.U.A., não muito longe de Oil City, fica a cidade de Franklin, Pensilvânia — um pequeno e pacífico centro comercial de cerca de 8000 habitantes e a sede do Condado de Venango. Cinco milhas para leste, ainda na mesma estrada e sensivelmente a meio caminho entre Franklin e Oil City, fica a aldeia de Reno, sede de uma grande refinaria da *Wolf's Head Oil Company*. Mesmo nos arredores desta mesma Oil City, no lado em direção a oeste da Rota 62, erguia-se até há escassos anos a placa de sinalização rodoviária que explica por que razão tantos investigadores diligentes têm sido tão consistentemente mal-sucedidos nos seus esforços para identificar o misterioso "amigo" de Allende. Impressas na placa estavam as palavras — as mesmíssimas palavras que inspiraram um cientista muito real há mais de trinta anos a criar um pseudónimo altamente eficaz.

Mas se "Franklin Reno" não passa de um pseudónimo, então as questões passam agora a ser: (1) Quem é esta pessoa real? (2) Qual é (ou foi) a sua ligação com Carlos Miguel Allende? (3) O que é que, se é que alguma coisa, ele pode acrescentar à história?

Infelizmente, o assunto é de tal forma sensível que estas questões não podem ser inteiramente respondidas ainda por razões que o leitor virá a compreender à medida que a história avança. Pois mesmo tendo o homem que Allende conhecia como Dr. Reno já falecido, fomos instados a ser discretos por aqueles que ainda vivem e estão muito interessados em manter o estado das coisas. Consequentemente, optámos por referir-nos a este indivíduo como Dr. Rinehart, o nome que lhe foi dado numa versão ficcionada da Experiência de Filadélfia publicada

recentemente, representando mais um indício do crescente interesse e consciencialização pública em relação à experiência "impossível".

O que pode ser contado, então, salvaguardando ainda em segurança grande parte da identidade do Dr. Rinehart, é que ele nasceu com uma diferença de escassos anos em relação a Morris Jessup, mas numa parte do país bastante diferente. Após servir brilhantemente numa conhecida instituição científica civil durante uma série de anos, ao mesmo tempo que concluía com sucesso os requisitos para o seu grau de Doutoramento, foi forçado durante os anos de depressão da década de 1930, tal como tantos outros cientistas incluindo o Dr. Jessup, a ingressar no emprego da estrutura militar-científica governamental da América. Foi aqui que, ao longo da década seguinte, trabalhou até atingir uma posição como chefe de departamento numa conhecida instalação de investigação; e foi nessa capacidade que entrou em contacto com as fases iniciais do projeto para o qual todas as indicações apontam como sendo os primórdios da Experiência de Filadélfia.

Descobrir a verdadeira identidade deste indivíduo, contudo, provou ser um problema menor comparado com a tarefa de o encontrar após cerca de vinte e cinco anos e depois conquistar o suficiente da sua confiança para o convencer de que a sua história deveria ser contada. Um quarto de século é tempo suficiente para uma grande quantidade de mudanças — especialmente quando alguém opta por usar esse tempo para se isolar dos seus semelhantes.

Assim aconteceu com o Dr. Rinehart, o qual, quando começou a suspeitar que sabia demais para o seu próprio bem (e talvez para a sua sobrevivência), optou por esconder-se dos segmentos da sociedade que pareciam ameaçá-lo mais. Esses anos tinham-no visto abandonar uma carreira científica brilhante e promissora para se instalar num pequeno e asseado chalé aninhado entre as colinas a meio continente de distância e contentar-se em viver a vida de um eremita — aventurando-se

fora apenas ocasionalmente para mantimentos, ou ainda mais ocasionalmente para visitar um velho amigo ou antigo colega.

Moore e Rinehart corresponderam-se durante quase um ano antes de ser feita qualquer menção à possibilidade de realizar uma entrevista pessoal, e viriam a passar mais alguns meses antes de os preparativos necessários poderem ser delineados. O relato de Moore sobre a entrevista segue-se:

Era o final de uma tarde quente de Julho quando estacionei o meu carro a uma distância discreta e caminhei lentamente o resto do caminho até à sua casa, tentando arduamente não atrair qualquer atenção indevida. Recordo-me de um pressentimento de que talvez a minha viagem se revelasse inútil, afinal; pois além de um aspersor em desuso pousado desoladamente no relvado brown, castanho e por cortar, o local tinha um aspeto austero, quase deserto. Porque razão, perguntava-me eu, manteria alguém uma casa tão firmemente fechada e com as cortinas corridas com um calor daqueles?

Um gato listrado que descansava preguiçosamente no corrimão ergueu uma pálpebra inquisitiva quando subi os degraus do alpendre, mas não se deu ao trabalho de se mover. Bati à porta e, algures lá dentro, algo se agitou. Momentos depois, a cortina foi ligeiramente afastada e um par de olhos de óculos, do tipo de um coelho, fitou-me com desconfiança. Uma pausa, o estalido de uma fechadura, e a porta abriu-se para revelar um cavalheiro idoso, esguio, de cabelos brancos, mas de olhos astutos, tentando de alguma forma forçar um sorriso através da sua expressão incerta.

"Olá", disse eu, aproveitando a pausa embaraçosa para me apresentar. "Falei consigo esta manhã ao telefone."

"Sim", veio a resposta lenta mas deliberada. "Eu sei. Estava à sua espera. Não quer entrar?"

A casa era pequena, mas suficientemente confortável, e inesperadamente fresca — uma mudança bem-vinda em relação ao calor da tarde. Um pequeno e antigo ventilador de alumínio ronronava a partir do seu lugar no chão da sala de estar, enviando uma fina corrente de brisa bem-vinda de um lado para o outro da sala, que, de resto, estava silenciosa. — Lugar? — disse o velho cavalheiro, indicando um sofá envelhecido e de assento algo afundado no canto frontal da sala. — Obrigado — respondi, olhando em redor. — Parece certamente ter encontrado um meio suficientemente confortável de se manter fora do caminho do mundo aqui em cima. Não imagino que receba muitos visitantes. — Se eu quisesse visitantes, não estaria aqui — respondeu ele, fixando-me com um olhar ligeiramente suspeito. — Na verdade, vivo de forma suficientemente confortável, considerando todas as coisas.

Ninguém me incomoda muito, e eu também não incomodo mais ninguém. Tento manter as coisas assim. Falando cautelosamente ao início, o Dr. Rinehart foi-se entusiasmando lentamente com o seu tema. — Eles ainda vigiam-me, sabe. Na verdade, chegou mesmo ao ponto em que tento evitar ir a certos locais na cidade devido ao súbito interesse que a minha aparição ali parece criar — especialmente em redor de certos edifícios lá em baixo, na universidade. Eu costumava gostar de fazer uma visita ocasional àquele local, mas os guardas de segurança parecem, de certa forma, programados para reagir à minha presença ali, por isso já não vou muito. A mesma coisa acontece quando mostro interesse em comprar bilhetes de viagem. Assim que dou o meu nome, o pessoal da segurança fica em alerta. Tentei-o uma vez, apenas para ver se não era imaginação minha. Não era. — Então veio de tão longe apenas para descobrir o que lhe posso contar sobre aquele cálculo do navio, não foi? Sabe, tenho pensado bastante sobre isso desde que me contactou pela primeira vez. Sou um homem velho agora, e isso foi há muito tempo. A memória está um pouco nublada em alguns dos

detalhes, mas se estiver disposto a ouvir muito, estou disposto a correr o risco consigo e a revelar alguns segredos — desde que, claro, não se tenha esquecido da sua promessa relativa ao meu anonimato. Isso, acima de tudo, é o importante. Na verdade, poder-se-ia dizer que se tornou a palavra-chave do meu estilo de vida ultimamente. — Lembro-me da promessa — disse eu, esboçando um sorriso —, e quando se trata de uma oportunidade como esta, também posso ser um muito bom ouvinte. — Esperei.

Ele fitou-me por um momento, como se tentasse afastar as últimas dúvidas persistentes sobre o que estava prestes a dizer. Depois, acomodando-se na sua cadeira, começou a desenredar uma das histórias mais estranhas que alguma vez ouvi. — Sabe, naturalmente — começou ele —, que um cálculo começa primeiro como uma ideia, depois uma proposta de pensamento (testada por cálculo ou semelhante), depois um projeto e, finalmente, uma experiência, ou experiências, no sentido habitual. As pessoas inicialmente envolvidas com esta eram muito poucas. A maioria tinha urgências algo variadas com que lutar. Nova pausa, presumivelmente para um momento de reflexão sobre como deveria proceder exatamente. Quando retomou a palavra, as expressões vinham lentamente e pareciam ter sido escolhidas cuidadosamente. — A Teoria do Campo Unificado — retomou ele — permaneceu uma estrutura incompleta — mesmo hoje. Ninguém pode devidamente alegar ter feito uma "reverificação" completa de "essa teoria", do meu ponto de vista. Claro que tem havido contribuições para o objetivo, e vários artigos com o título (o alemão é *Einheitliche-Feld Theorie*), mas a substância desses artigos não é "completa" no sentido em que a Teoria da Relatividade Restrita é "completa" e a Teoria Geral está profundamente desenvolvida. Isto, compreende, é a minha avaliação pessoal. —

Outra pausa e, depois, a bomba: — Tenho pensado nisto — disse ele — e cheguei a algumas impressões de memória razoavelmente bem definidas de ideias e cálculos sobre um

projeto que muito possivelmente se desenvolveu numa experiência de navio em escala total. Ele estava a esquivar-se, pensei eu. Percebia-o porque as suas palavras tinham começado a assumir aquela qualidade cautelosa, cuidadosamente escolhida. — Tenho impressões de conferências de tempo de guerra nas quais recorro a participação de oficiais navais. Em relação ao projeto no qual está interessado, a minha memória sugere persistentemente um início nitidamente anterior a 1943, talvez já em 1939 ou 1940, quando Einstein estava ocupado com ideias em teoria física trazidas até ele por físicos e outros que tinham aplicações militares em mente... — Ao recordar uma série de [acontecimentos], creio que posso dizer com algum grau de certeza que os iniciadores da proposta foram Einstein e [Rudolph] Ladenburg. Não sei quem deve ser nomeado primeiro; e se os iniciadores foram "Blank", Einstein e Ladenburg, então não consigo agora recordar a identidade de Blank. Sei que o Professor Ladenburg... conhecia Einstein desde a Suíça, em 1908. Era um tipo de carácter reticente, metuculoso, com velhos modos aristocráticos prussianos; mas era profundamente respeitado pelos colegas como um "pensador solitário" e trabalhador descontraído.

Durante o curso desta revelação, Rinehart tinha-se levantado e estava agora a espreitar nervosamente pela janela, através de uma pequena fresta nas persianas venezianas. Aparentemente satisfeito por a nossa solidão não estar prestes a ser perturbada, continuou com a sua história. — Voltando a Ladenburg, ele era um verdadeiro perito na área de minas, torpedos e contramedidas contra os mesmos. Lembro-me particularmente de uma grande conferência ou colóquio, durante o qual o possível desenvolvimento de uma arma alemã entrou em discussão.

O meu superior, o físico Dr. W. W. Albrecht [pseudónimo], estava impaciente com algumas ideias não muito brilhantes apresentadas por alguns "nomes e patentes" sem inibições. Albrecht interrompeu a discussão apelando a Ladenburg como "a única pessoa presente que tinha tido experiência militar alemã", e

referiu-se a ele como tendo sido comandante de submarino ou algo do género durante a Grande Guerra. Suspeito que esta observação possa ter tido mais a intenção do seu possível efeito de choque do que de uma afirmação de facto.

Não estou inteiramente certo se Ladenburg alguma vez foi oficial de submarino de qualquer tipo ou não; mas isso na verdade não importa, uma vez que a tática em si provou ser bem-sucedida. Ladenburg levantou-se rigidamente nesse momento e procedeu a expor, em poucas frases de tom seguro, o que os alemães tinham e podiam fazer. Os "nomes e patentes" acalmaram prontamente, e a conferência voltou ao rumo certo. Alguém me comentou mais tarde algo no sentido de que se pensaria que Ladenburg tinha acabado de sair do gabinete principal dos alemães.

Rinehart riu-se levemente para si mesmo e continuou. — Ladenburg tinha estado a trabalhar no laboratório de física de Princeton em experiências de fissão no verão e outono de 1939. Creio ter lido em algum lado que se pensa que ele discutiu estas com Einstein. Em todo o caso, julgo recordar-me de, por volta de 1940, que a proposta que associo aos projetos pré-navio deveria ser o resultado de discussões entre Ladenburg e Einstein sobre a utilização de campos eletromagnéticos para contrariar minas e torpedos, e que... o próprio Einstein [foi] o verdadeiro redator da proposta... —

Einstein e Ladenburg eram pessoas avançadas no progresso de propostas de projetos, mas contentavam-se perfeitamente em ser figurantes no trato com os altos comandos. Von Neumann [Dr. John von Neumann, 1903-57, pioneiro inicial do computador digital e matemático bem conhecido] era uma pessoa de aparência modesta que achava interessante tentar influenciar e ativar os poderosos. Numa certa proposta, muito possivelmente a que temos em mãos, von Neumann foi questionado pelos altos comandos da Marinha se estava a falar sobre esta guerra ou a próxima... —

De qualquer forma, foi von Neumann quem falou com o Dr. Albrecht sobre esta proposta, e foi um ou outro deles que obteve uma indicação de cooperação futura sobre a mesma por parte do Laboratório de Investigação Naval. A proposta sobrepunha-se em parte a ideias desenvolvidas pelo físico R. H. Kent [Robert Harrington Kent, 1886-1961, notável físico teórico e de investigação americano] muitos anos antes, no decurso de trabalho de projeto e experimental com o cronógrafo de solenoide.

Se pensar no princípio do cronógrafo de solenoide, verá por que razão o trabalho com ele sugeriria todo o tipo de ideias sobre deteção e defesa contra mísseis através do uso de campos eletromagnéticos. Rinehart evidentemente assumiu que eu sabia o que era um cronógrafo de solenoide. Não sabia, mas uma interrupção neste ponto não parecia oportuna. Ele continuou: — Creio que foi Kent o inventor do cronógrafo de solenoide. Foi, pelo menos, o seu homem de desenvolvimento mais importante, e o primeiro a usá-lo para medir coeficientes de arrasto precisos para projéteis a um número de Mach elevado. Ele costumava demonstrar o princípio deixando cair um bloco de ferro magnetizado através de um solenoide e mostrando a forma de onda da corrente resultante num osciloscópio. Se a assistência incluísse físicos, ele também deixava cair o solenoide ao longo do bloco e obtia os mesmos resultados. Depois dizia: "Vejam, as leis da física são as mesmas para qualquer par de sistemas de coordenadas de inércia!" Isto, claro, era o segundo postulado de Einstein no seu artigo de 1905 sobre a Relatividade Restrita. —

Recordo uma história a circular no sentido de que, após tomar conhecimento do interesse de von Neumann num projeto desse tipo, Kent tentou localizar alguns artigos de ideias que tinha escrito sobre um tema semelhante há muito tempo. De acordo com a história, que obtive de um amigo meu que trabalhava no departamento de Kent em Maryland na altura, os seus arquivos

tinham sido movidos de um local para outro em várias ocasiões, e o que ele queria não era localizável de imediato.

A reação de Kent a este incômodo ter-se-á limitado a mobilizar todo o pessoal do seu gabinete para ajudar na busca — um processo que resultou em todo o local ser literalmente virado de pernas para o ar e criando uma tremenda confusão. De qualquer modo, um par de antigos papéis castanhos foi finalmente desenterrado de um arquivo e apresentado a ele triunfalmente. — Após este incidente, Kent procedeu a falar com físicos e engenheiros que tinha conhecido muitos anos antes, possivelmente recuando até aos seus dias de Harvard, mas mais provavelmente de associação durante a Primeira Guerra Mundial, ou pouco depois. Um destes, creio, foi o Professor Charles M. Allen. — Allen? — sobressaltei-me. — Alguma ligação ao Carl M. Allen que discutimos na nossa correspondência? Rinehart fitou-me e riu-se. — Não — disse ele —, acho que não. Não Carl Allen... Charles Allen. Charles Metcalf Allen, julgo eu.

Este sujeito era professor de engenharia hidráulica lá em Worcester Polytechnic na altura. Sabia uma grande quantidade de coisas sobre navios, modelos, minas e assim por diante, e teria sido um candidato provável com quem discutir ideias. Devo admitir que não tinha considerado a semelhança de nomes antes; mas não, não acho que estejam ligados. Pelo menos não de forma estreita, de qualquer maneira. O Professor Allen era um homem velho então, e bastante distinto. Devia ter pelo menos setenta anos quando a guerra começou. — Agora que penso nisso, sinto-me confiante de que a ideia de produzir o campo eletromagnético necessário para fins experimentais por meio dos princípios de ressonância também foi inicialmente sugerida por Kent — possivelmente como resultado destas discussões com o Professor Allen.

Recordo alguns cálculos sobre isto em relação a uma experiência de modelo [i.e., uma experiência conduzida utilizando modelos à escala em vez de navios reais] que estava em vista na

altura. Tenho a impressão de que a Marinha "tomou as rédeas" não muito depois destas discussões entre Kent e Allen. Também me parece provável que "frustrar o radar" tenha sido discutido num ponto posterior em relação a este projeto. Recordo isto vagamente em relação a alguma conferência. — Para voltar ao rumo certo, no entanto. Foi muito provavelmente von Neumann quem propôs a ideia para um projeto desse tipo ao que era então, no final de '39 ou início de '40, conhecido como o Comité de Investigação da Defesa Nacional (NDRC), e parece provável que o Professor Kent lhe tenha dado um apoio considerável no avanço da proposta.

O meu próprio contacto pessoal com a mesma não aconteceu senão depois de estes passos iniciais terem sido dados e de o pessoal do NDRC ter manifestado interesse em prosseguir com ela mais além. — Pergunto-me — interrompi — qual supõe ter sido a razão para o interesse deles num projeto desses? — Bem — respondeu ele —, isso é suficientemente simples de responder. Desde o seu início, este foi estritamente um projeto do tipo de medidas defensivas, em vez de qualquer tentativa de criar capacidades ofensivas. A ideia inicial parece ter tido como objetivo usar campos eletromagnéticos fortes para desviar projéteis que se aproximassem, especialmente torpedos, para longe de um navio, por meio da criação de um campo eletromagnético intenso em redor desse navio. Isto foi mais tarde alargado para incluir um estudo da ideia de produzir invisibilidade ótica por meio de um campo semelhante no ar, em vez de na água. — Um dia, provavelmente no início de 1940, por volta das 8:00 da manhã, o Dr. Albrecht, meu superior, chegou ao seu gabinete para encontrar dois ou possivelmente três visitantes do NDRC já à sua espera. Como esta não era uma ocorrência especialmente invulgar, não pensei muito nisso até por volta das 9:30 ou algo assim, quando o Capitão Gibbons desceu o corredor e pôs a cabeça à porta.

Ele levantou o dedo, o que era o sinal para eu sair para o corredor, pois tinha algo a dizer que não podia ser dito à frente de todo o gabinete. Lembro-me disto porque estava envolvido com algum trabalho teórico bastante complicado na altura e estava ocupado a falar com um calculador ao telefone. — (Nota do editor: Estes eram os dias anteriores ao advento dos computadores eletrónicos. O "calculador" aqui referido era uma pessoa que era particularmente dotada na execução de cálculos rápidos mentalmente.) — Percebendo que o assunto devia ser de alguma importância, interrompi o meu trabalho e saí para o corredor. Gibbons conduziu-me pelo corredor até ao gabinete do chefe, onde me encontrei no meio de uma conferência já em curso entre estas duas (ou seriam três?) pessoas do NDRC, por um lado, e o Dr. Albrecht e o Dr. von Neumann, por outro.

Von Neumann não ficou muito tempo, no entanto, e o seu propósito ali pode ter sido apenas introduzir as pessoas do NDRC a Albrecht e delinear brevemente do que se tratava a reunião. Ele estava frequentemente envolvido no transporte de mensagens de e para Washington envolvendo vários projetos militares e do NDRC, pelo que este teria sido um papel normal para ele, mesmo que não estivesse pessoalmente interessado. Não devem ser descuradas, contudo, as vantagens óbvias de uma tal posição para promover as ideias em que estava interessado — incluindo este projeto. Em todo o caso, ele deixou a sala pouco depois de eu chegar. Rinehart levantou-se novamente e dirigiu-se para outro olhar pela janela fora. Aparentemente satisfeito com o que viu (or não viu), retomou a sua história. — Havia uma discussão bastante acesa em curso quando entrei, relativa ao que eventualmente viria a ser este projeto em que está interessado. Albrecht era do tipo que sentia a obrigação de permanecer numa discussão para a manter a andar, e frequentemente, quando queria que se fizessem alguns cálculos, mandava chamar alguém em vez de deixar a discussão para os fazer ele mesmo.

Aparentemente, achou que eu era o único com formação suficiente em gravidade e relatividade para obter resultados matemáticos do tipo que ele queria à pressa, sem fazer demasiadas perguntas sobre o assunto, por isso fui chamado. — Albrecht tinha duas ou três folhas de papel, uma das quais tinha a caligrafia pequena e em espiral peculiar apenas ao Dr. Einstein. Ele queria que estas folhas fossem analisadas enquanto estava ocupado a falar com aquelas pessoas, e continuava a tentar falar com elas ao mesmo tempo que me dava instruções sobre o que eu devia fazer. Tinha numa parte de uma folha uma equação de onda de radiação, e no lado esquerdo havia uma série de rabiscos meio inacabados. Com estes, empurrou um relatório bastante detalhado sobre equipamento naval de desmagnetização e apontou com os dedos para ele aqui e ali, enquanto eu marcava com lápis onde ele apontava. Depois, Albrecht disse que eu poderia ver o que seria necessário para obter uma curvatura da luz em, oh, creio que 10 por cento, e se eu tentaria completar isto o suficiente para fazer uma pequena tabela ou duas sobre o assunto. Eu disse: "Quanto tempo tenho?" E ele disse: "Não muito". Depois olhou para os outros e eles começaram a falar e estragaram-lhe a linha de pensamento. —

Creio — continuou ele — que a conversa neste ponto tinha passado para os princípios de ressonância e como os campos intensos que seriam requeridos para uma tal experiência poderiam ser alcançados utilizando este princípio. Não obtive realmente uma resposta sobre quanto tempo tinha, mas Albrecht acenou-me com a cabeça para eu sair e deitar-me ao trabalho; por isso voltei pelo corredor até ao Capitão Gibbons e disse-lhe: "Quando é que achas que o W. W. [Albrecht] tem de ter isto?" Gibbons pensou um momento e disse: "Levo-os ao Clube de Oficiais e podes dispor do tempo da hora de almoço, mas nada mais". Por volta da uma ou duas horas, não mais. — As notas de Albrecht não eram fáceis de seguir, e creio que qualquer pessoa com menos

formação matemática e teórica do que a que eu tinha estaria bastante perdida.

Tal como as coisas estavam, vi o que era que ele estava a tentar fazer. Isto não quer dizer que não houvesse outros homens no departamento que pudessem ter lidado com isso tão bem, dado o tempo adequado, mas Albrecht queria ter números sobre o assunto imediatamente e, portanto, foi deixado para mim. — Deve ter sido um almoço rápido, porque Gibbons estava de volta à 1:15 e eu ainda continuava de volta daquilo. Disse-lhe que queria fazer um memorando a partir dali e uma cópia dactilografada, e que poderia tê-lo pronto pelas 3:00 se ele os conseguisse atrasar até essa altura. Gibbons disse que isso não servia, e que não haveria absolutamente nenhuma cópia dactilografada. Teria de ser a lápis, tal como estava. "Milagres", disse eu, "Querem sempre milagres!...

Ouve", disse eu, "Dá-me mais vinte ou vinte e cinco minutos e verei o que posso fazer". Gibbons não ficou feliz com isso, mas não havia muito mais a fazer se ele queria resultados. Consegui os vinte minutos. — De alguma forma, consegui terminar um par de pequenas tabelas e algumas frases de explicação e trouxe tudo de volta como um memorando. Entrámos para junto de Albrecht, que olhou para aquilo tudo e disse: "Fizeste tudo isto relativamente a intensidades [do campo] a distâncias diferentes da largura [do navio], mas parece que não apanhas nada à proa e à popa". Albrecht sempre foi um purista do detalhe. Eu não tinha incluído isso porque não tinha a certeza absoluta do que era que ele queria exatamente, e porque havia mais trabalho envolvido do que aquele para o qual tinha havido tempo para o fazer.

Tudo o que eu tinha eram os pontos de maior curvatura logo a partir da largura do navio, opostos a este equipamento. O meu problema estava em tentar orientar o que Albrecht queria. As notas de Einstein eram bastante mais claras do que as de Albrecht, mas eu não me teria atrevido a dizer-lho. — Agora que penso nisso — refletiu ele —, é possível que von Neumann estivesse no

gabinete por acidente naquele dia, e que Oswald Veblen [um dos associados de Neumann] o tivesse trazido. É apenas possível que os homens do NDRC o tivessem trazido eles mesmos.

O que Albrecht queria fazer era descobrir o suficiente para verificar a força do campo e a probabilidade prática de curvar a luz suficientemente para obter o efeito de "miragem" desejado. Deus sabe que eles não tinham ideia de quais seriam os resultados finais. Se tivessem, teria terminado ali. Mas, claro, não tinham. — Creio que os impulsionadores principais neste ponto foram o NDRC e alguém como Ladenburg ou von Neumann, que surgiam com ideias e não tinham qualquer hesitação em falar sobre elas antes de fazerem qualquer cálculo.

Conversaram com Einstein sobre isto e Einstein considerou-o e levou-o suficientemente longe para calcular a ordem de magnitude de que necessitaria na intensidade, e depois falou com von Neumann sobre qual seria a melhor estrutura para investigar isso como uma possibilidade prática. Foi assim que nos vimos envolvidos nisso. Não tenho a certeza exata de quando o Laboratório de Investigação Naval entrou no assunto, mas sei que o Comandante Parsons, um dos cientistas de topo da Marinha, falava com bastante frequência com Albrecht, e é possível que algo relativo à utilização de um navio tenha surgido por essa via.

— A única coisa que fiz com isto em papel foi reunir as poucas equações de rabiscos de Albrecht e fazer várias pequenas tabelas. Mais tarde, consigo lembrar-me de um par de ocasiões em que ampliações destas minhas equações surgiram em reuniões, e por isso fui capaz de manter um certo nível de conhecimento quanto ao que estava a ser feito noutros círculos, embora não estivesse envolvido diretamente. Eu disse: — Lembra-se de qual poderia ter sido o nome de código deste projeto? Rinehart pensou um momento em silêncio. Quando a resposta veio, fiquei novamente com a impressão de que ele estava a escolher as suas palavras cuidadosamente. —

Deve lembrar-se — disse ele — de que Albrecht e Gibbons tratavam isto numa base estrita de ausência de cópias — ou seja, memorandos apenas a lápis, sem cópias dactilografadas ou a químico. Parece-me recordar de ter usado uma vez o termo "desvio" num cabeçalho; consigo lembrar-me disso. Também consigo lembrar-me de um ponto, um pouco mais tarde, em que sugeri numa reunião de qualquer espécie que uma forma mais fácil de fazer um navio desaparecer era uma manta de ar ligeira, e perguntei-me por que razão um assunto teórico bastante complicado estava sob consideração. Albrecht tirou os óculos nesse momento e comentou que o problema de me ter numa conferência era que eu era bom a tirá-los do tema. Um nome de código teria de ter sido selecionado pelo NDRC, e com toda a probabilidade não havia nome de código neste ponto. Não me recordo se encontrei um nome de código para este projeto numa data posterior ou não, embora algures no fundo da minha mente pareça querer associar os termos "Rainbow" ou "Mirage" a ele. A memória é vaga e posso estar bastante fora do rumo com estes.

Simplesmente não me lembro. — Lembro-me de estar em, pelo menos, uma outra conferência onde este assunto era um tema na ordem do dia. Durante esta, estávamos a tentar evidenciar alguns dos efeitos secundários mais óbvios — para nós — que seriam criados por uma tal experiência. Entre estes estaria uma "ebulição" da água, a ionização do ar circundante e até um "efeito Zeeman" nos átomos; tudo isto tenderia a criar condições extremamente instáveis. Ninguém, neste ponto, tinha alguma vez considerado a possibilidade de efeitos interdimensionais ou de deslocamento de massa.

Os cientistas geralmente pensavam nessas coisas como pertencendo mais à ficção científica do que à ciência na década de 1940. Em todo o caso, a dada altura durante tudo isto, recebi uma forte repreensão de Albrecht, que interrompeu com algo no sentido de "Porque é que não deixa simplesmente estas pessoas da experimentação em paz para que possam avançar com o projeto

delas. É para isso que as temos!" — Um dos problemas envolvidos era que a ionização criada pelo campo tendia a causar uma refração desigual da luz. Os conceitos originais que nos foram trazidos antes da conferência estavam delineados de forma muito bela e limpa, mas tanto Albrecht como Gleason e eu avisávamos que, de acordo com os nossos cálculos, os resultados não seriam um efeito de miragem estável, mas sim um deslocamento de "avanço e recuo" causado por certas tendências inerentes do campo de corrente alternativa que tenderia a criar uma área confusa em vez de uma ausência completa de cor.

"Confusa" bem pode ter sido um eufemismo, mas parecia apropriado na altura. Imediatamente para lá desta área confusa deveria haver um cintilar, e muito mais para fora deveria haver um campo estático. De qualquer modo, o nosso aviso sobre isto, que acabou por ir para o NDRC, foi de que tudo isto deveria ser tido em conta e toda a situação olhada com algum cuidado. Também sentimos que, com o esforço adequado, alguns destes problemas poderiam ser superados... e que uma frequência de ressonância poderia provavelmente ser encontrada que possivelmente controlaria a oscilação interna visual aparente, de modo a que o cintilar fosse a um ritmo muito mais lento...

Não sei até que ponto os que estavam a trabalhar neste aspeto do problema alguma vez chegaram com ele. — Também me lembro de um par de reuniões mais tarde que tratavam deste tema, mas a memória está nublada em detalhes. Outra coisa de que me recordo fortemente é que, durante algumas semanas após a reunião no gabinete de Albrecht, continuávamos a receber pedidos de tabelas que tinham a ver com frequências de ressonância da luz em gamas óticas. Estas vinham frequentemente sem explicação anexada, mas parece provável que houvesse alguma ligação aqui. Rinehart começou a olhar em redor da sala nervosamente, como se talvez tivesse dito demasiado, mas avançou resolutamente. — Continuo a querer colocar C. M. Allen numa posição de ter a ver com as experiências de modelos. Estas podem ter sido realizadas

no Taylor Model Basin; mas, por outro lado, talvez não, uma vez que não tenho a certeza se as capacidades para o fazer já existiam nessa instalação ou não.

Algum trabalho foi muito provavelmente conduzido no local de Anacostia Bay — que foi o mesmo local utilizado para grande parte do trabalho inicial de radar. — Como supõe que eles procederam para arranjar um navio para realmente testar isto? — perguntei. — Alguém, algures, certamente deve ter arriscado o pescoço por esta coisa. — Essa é uma boa pergunta. Considerei por duas vezes sugerir-lhe que o Capitão Parsons [William S. Parsons, o mesmo homem que armou pessoalmente a bomba atômica a bordo da aeronave Enola Gay antes do lançamento sobre Hiroxima em 1945] possa ter desempenhado um papel em assegurar que este projeto fosse uma "experiência de navio" e não apenas uma experiência de modelo...

Lembro-me, a partir da conferência sobre um projeto diferente em 1939, que os meus superiores sentiam que ninguém a não ser Parsons poderia possivelmente convencer o Bureau of Ships a permitir o teste de um novo instrumento a bordo de um navio. Naquela altura, o Capitão Parsons era o Comandante Parsons... o mais notável dos graduados da Academia Naval com estatuto real como cientista de investigação. Ele entrava nas conferências seguido por dois ou três tenentes dos quais me lembro apenas vagamente... — No que diz respeito ao navio mercante que indicou que possa ter sido utilizado como navio observador... sinto que o Almirante Jerry Land, chefe da Comissão Marítima dos E.U.A., possa ter sido útil aqui.

Ele era o que se poderia chamar do tipo "durão", mas estava frequentemente disposto a ser prestável — especialmente quando a Marinha não estava. Houve, por exemplo, inúmeros casos em que fomos mais bem-sucedidos em convencer a U.S.M.C. a permitir-nos colocar equipamento experimental a bordo de navios mercantes para testes do que fomos em persuadir a Marinha a deixar-nos usar os seus navios. — Neste tipo particular de projeto

experimental, sinto-me seguro de que o Almirante Land foi consultado e instado a conseguir um navio e uma tripulação com os quais nada pudesse correr mal. De acordo com um amigo meu, foi feita uma tentativa de obter uma boa escolha sobre isto, de modo a não envergonhar o Almirante Land perante a Marinha. Muito possivelmente, de acordo com o meu amigo, a tripulação colocada a bordo deste navio consistia em marinheiros escolhidos a dedo, pelo menos alguns dos quais seriam veteranos da rota de Murmansk e, portanto, seriam do tipo mais corajoso. E assim, em essência, termina a maior parte da fascinante história do Dr. Rinehart — toda exceto por mais um elemento de informação que foi propositadamente deixado de lado até um capítulo posterior. Após a entrevista que produziu a maior parte do material precedente, Moore continuou a manter contacto com ele numa base mais ou menos regular até à altura da sua morte inesperada, pouco mais de cinco meses depois. Geralmente, estes contactos eram amigáveis e não profissionais, mas ocasionalmente era produzido algum elemento de informação esquecido que provava ser útil ou interessante.

Um desses casos parece valer a pena repetir aqui como uma espécie de pós-escrito. A história diz respeito a um dos numerosos cientistas americanos de origem alemã que tinham trabalhado na Alemanha antes da chegada de Hitler, e que tinham fugido para os Estados Unidos para escapar a uma possível perseguição. Parece que o Departamento de Guerra gostava particularmente de vários destes cientistas e esforçava-se por consultar-se com eles numa base mais ou menos regular para procurar as suas opiniões sobre os vários desenvolvimentos científicos em que se pensava que os alemães estivessem a trabalhar. Numa das últimas cartas que Moore recebeu dele, o Dr. Rinehart recordava estar numa certa conferência onde as implicações da Teoria do Campo Unificado eram um dos temas em discussão.

O cientista alemão em questão foi questionado por um dos oficiais da Marinha presentes se achava que os alemães não poderiam estar a trabalhar em algo de natureza semelhante. De acordo com o Dr. Rinehart, o alemão hesitou apenas um momento antes de responder, no seu inglês fortemente acentuado mas de resto perfeito, que "o oficial" deveria compreender que, embora o pessoal científico naval americano pudesse bem ser apropriadamente caracterizado como "retrógrado" no que dizia respeito a certos assuntos, era infinitamente melhor do que a marinha alemã noutros — sendo o caso em questão um exemplo. "Se alguém tivesse ousado sugerir um tal projeto ao comando naval alemão", continuou o cientista alemão, "ter-lhe-ia sido recordado, educada mas firmemente, que o seu tempo seria mais bem gasto a pensar em armas de ataque do que em medidas de defesa contra um inimigo inferior."

Tudo isto tende a reforçar a possibilidade de que existia de facto um projeto em preparação que poderia facilmente ter-se desenvolvido, e muito possivelmente desenvolveu-se, em algo da magnitude da Experiência de Filadélfia. Mas uma questão importante e pertinente permanece sem resposta: como conseguiu Carlos Allende aprender detalhes suficientes sobre estes acontecimentos obviamente bastante complexos e altamente secretos para lhe permitir escrever a sua série de cartas ao Dr. Jessup? Infelizmente, o quebra-cabeças não está suficientemente completo para nos permitir chegar a uma resposta concreta relativamente a este ponto específico.

No entanto, isto não impede uma tentativa de fazer o melhor palpite possível com base na informação obtida do Dr. Rinehart sobre o tema. Como demonstrámos, não pode haver dúvidas de que o homem que se autodenomina Carlos Allende serviu de facto como marinheiro a bordo do S.S. Andrew Furuseth. Sabendo o que sabemos agora, parece quase certo que ele testemunhou de facto pelo menos algumas das coisas sobre as quais escreveu nas

suas cartas. Que estes acontecimentos o perturbaram grandemente é evidente.

Com isto em mente, podemos conjecturar com segurança que encontrar alguma explicação lógica para o que tinha visto permaneceu em primeiro plano na sua mente. Pelo menos, ele parece ter feito questão de discutir o tema com todas as pessoas de formação científica que por acaso conhecia; e como costumava procurar essas pessoas sempre que possível, assistindo a palestras públicas sobre temas científicos, muito provavelmente adquiriu uma grande bagagem de conhecimento no processo — uma espécie de educação obtida por si próprio em matérias científicas. A mina de ouro que procurava surgiu quando um encontro casual levou ao que se tornou um breve mas altamente produtivo conhecimento do Dr. Rinehart, o único homem que o poderia sintonizar com alguns dos detalhes da experiência do navio que há muito perturbavam os seus pensamentos conscientes.

O Dr. Rinehart, embora não estivesse disposto a transmitir demasiados detalhes do assunto para que o segredo oficial não fosse comprometido, ainda assim revelou o suficiente para fazer com que Carlos se preocupasse com a possibilidade de que ideias que pudessem levar a mais investigações desse tipo pudessem ainda estar à espreita no fundo de certas mentes militares-científicas. Quando o livro de Jessup *The Case for the UFO* foi publicado não muito tempo depois, Allende começou a reear que este livro pudesse possivelmente pôr a bola a rolar novamente. O medo transformou-se em puro horror quando, na sequência das suas discussões com o Dr. Rinehart e pouco depois de ler o livro de Jessup, por acaso assistiu a uma das palestras públicas de Jessup.

Quando, no decurso da sua apresentação, Jessup exortou o seu público a pressionar por mais fundos governamentais e investigação governamental sobre a Teoria do Campo Unificado, Allende ficou atónito. Foi num tal estado de espírito que Allende escreveu a sua segunda carta ao Dr. Jessup, na qual expôs os

factos relativos ao que pensava ter testemunhado durante a guerra e depois descreveu as possíveis consequências de tal investigação em detalhes gráficos. Allende não tinha forma de saber que o seu "amigo, Dr. Franklin Reno" utilizava regularmente um pseudónimo que tinha sido originalmente inspirado por um sinal de trânsito.

Nem tinha qualquer ideia de que, através da sua referência a este indivíduo numa carta que tinha todas as razões para assumir que permaneceria confidencial, estava a perpetuar o uso de um pseudónimo que continuaria a atormentar e a intrigar os investigadores durante muitos anos. Uma coisa é certa: considerando o grau de publicidade e notoriedade que as cartas de Allende alcançaram ao longo dos anos, se Allende alguma vez tivesse sido capaz de identificar o Dr. Rinehart pelo seu nome verdadeiro, é quase certo que a reputação deste cientista teria sido há muito demolida pelo resto do meio científico. Ele também pode ter considerado a possibilidade de ameaças à sua privacidade ou à sua vida.

O Dr. Rinehart, contudo, não é a única pessoa que se sabe ter desempenhado um papel no planeamento da Experiência de Filadélfia. Investigações adicionais revelaram pelo menos uma outra que não só participou no projeto, como pode, em última análise, ter descoberto um método extremamente intrigante de colocar o seu conhecimento de campos de força em uso prático.

CAPÍTULO DEZ

OS CAMPOS DE FORÇA DE TOWNSEND BROWN

Poderá haver quaisquer aplicações práticas para energias e campos de força do tipo que alegadamente se utilizou para criar invisibilidade durante a Experiência de Filadélfia? Poderiam estas aplicações incluir possíveis métodos de propulsão, do mesmo tipo

que Morris Jessup suspeitava estar a ser utilizado por quem quer que fosse ou o que quer que fosse que pilotava os OVNI?

Podemos obter uma perceção sobre estas questões examinando a vida e a carreira de um físico e inventor americano obscuro mas extremamente brilhante chamado Thomas Townsend Brown — um homem que, tal como o Dr. Rinehart, estava em última análise destinado a desempenhar um papel no projeto que levou à própria experiência propriamente dita. Nascido numa família proeminente de Zanesville, Ohio, em 1905, Townsend Brown demonstrou um interesse precoce pelas viagens espaciais — um tema considerado a mais pura fantasia nos dias em que havia quem olhasse de esguelha para os sucessos dos irmãos Wright.

Apesar disso, o jovem Brown manteve o seu interesse e gostava de se ocupar com a eletrónica. Foi o seu divertimento juvenil com as ideias embrionárias da rádio e do eletromagnetismo que proporcionou uma base que viria a revelar-se inestimável para ele em anos posteriores; e foi no decurso desta "experimentação" que Brown de alguma forma adquiriu um tubo de raios X de Coolidge — um artigo que o levaria a fazer uma descoberta surpreendente.

Os raios X (ou raios roentgen) eram de facto forças misteriosas nesses dias (na verdade, o químico-físico americano William D. Coolidge tinha acabado de inventar o próprio tubo de Coolidge em 1913), e mesmo a ciência legítima estava apenas a começar a aprender algo sobre eles. Brown não estava interessado nos raios X por si mesmos, mas pensava que uma chave para o voo espacial poderia ser encontrada ali. E para esse fim montou uma experiência para determinar se poderia haver uma força útil de algum tipo exercida pelos raios que emanavam do seu tubo de Coolidge. Fazendo algo em que nenhum cientista do seu tempo tinha pensado, Brown montou o seu tubo de Coolidge num equilíbrio extremamente delicado e começou a fazer "testes" para obter resultados. Não foi capaz de detetar qualquer força

mensurável exercida pelos raios X, independentemente da direção em que rodasse o seu aparelho, mas de repente deu por si consciente de uma qualidade muito estranha do próprio tubo: cada vez que era ligado, o tubo parecia exibir um movimento próprio — um "impulso" de algum tipo, tal e qual como se o aparelho estivesse a tentar mover-se! Investigando mais a fundo, Brown teve de gastar um tempo e esforço consideráveis antes que a explicação finalmente se tornasse aparente.

Este fenómeno recém-descoberto não tinha absolutamente nada a ver com os raios X — era a alta voltagem utilizada para produzir os raios que estava por detrás dele! Brown empreendeu agora uma série completamente nova de experiências concebidas para determinar a natureza exata desta nova "força" que tinha descoberto, e após muito esforço conseguiu finalmente desenvolver um dispositivo que escolheu optimisticamente chamar de "gravitador".

A sua invenção não parecia mais do que uma caixa de baquelite com cerca de 12 polegadas de comprimento e 4 polegadas quadradas; mas quando colocado numa balança e ligado a uma fonte de energia de 100 quilovolts, o aparelho procedia a ganhar ou a perder cerca de 1 por cento do seu peso, dependendo da polaridade utilizada. Brown estava seguro de ter descoberto um novo princípio elétrico, mas não sabia exactamente o que fazer com ele. E, apesar de haver alguns relatos de jornais sobre o seu trabalho, nenhum cientista de qualquer relevo expressou qualquer interesse na sua descoberta — o que não é inteiramente surpreendente quando se considera que Townsend Brown estava apenas nessa altura prestes a licenciar-se do ensino secundário. In 1922, Brown ingressou no Instituto de Tecnologia da Califórnia (Caltech) em Pasadena. Passou o seu primeiro ano a tentar obter o favor dos seus professores, entre os quais se encontrava o falecido físico e prémio Nobel Dr. Robert A. Millikan. No entanto, o seu sucesso em convencer os seus instrutores da sua excelência como homem de laboratório foi mais

do que contrabalançado pelo seu fracasso total em obter sequer a mais pequena medida de reconhecimento para as suas ideias sobre a eletrogravidade.

Os seus professores, imersos nos rigores da disciplina científica do século dezanove, recusavam-se firmemente a admitir que uma tal coisa pudesse sequer existir; não estavam interessados em conceitos novos ou revolucionários. Destemido, Brown transferiu-se para o Kenyon College, Gambier, Ohio, em 1923, permanecendo lá apenas um ano e transferindo-se depois para a Universidade de Denison em Granville, Ohio, onde estudou como residente de eletrônica no Departamento de Física sob a direção do Dr. Paul Alfred Biefeld, professor de física e astronomia e antigo colega de turma, na Suíça, do Dr. Einstein (um de apenas oito). Ao contrário do Dr. Millikan na Caltech, o Dr. Biefeld provou estar interessado na descoberta de Brown e, juntos, os dois — professor e estudante — experimentaram com condensadores elétricos carregados e desenvolveram um princípio de física que passou a ser provisoriamente conhecido como o Efeito Biefeld-Brown. Basicamente, o "efeito" dizia respeito à tendência observada de um condensador elétrico altamente carregado exibir movimento em direção ao seu polo positivo — o mesmo movimento observado anteriormente por Brown com o seu tubo de Coolidge.

Após a conclusão da sua educação formal, Townsend Brown juntou-se ao pessoal do Observatório Swazey em Ohio, onde permaneceu por cerca de quatro anos e período durante o qual se casou. Em 1930, Brown deixou o pessoal de Swazey para se contratar com o Laboratório de Investigação Naval em Washington, D.C., como especialista em radiação, física de campos e espectroscopia. Foi durante esta fase da sua vida que participou como físico do pessoal na Expedição Internacional de Gravidade do Departamento da Marinha dos E.U.A. às Índias Ocidentais em 1932, e como físico na Expedição de Mar Profundo Johnson-Smithsonian de 1933. Mais tarde nesse mesmo

ano, a depressão contínua causou os inevitáveis cortes orçamentais, e Brown teve de abandonar o que tinha parecido uma carreira promissora no Laboratório de Investigação Naval (NRL) em busca de pastos mais verdes.

Muito à semelhança dos Drs. Jessup e Rinehart, Brown recorreu ao governo para obter trabalho. Juntou-se à Reserva da Marinha e, descobrindo que os empregos científicos de qualquer tipo eram escassos, conseguiu uma posição primeiro como engenheiro de solos para a Administração Federal de Socorro de Emergência e mais tarde como administrador para o Corpo de Conservação Civil em Ohio. Os empregos diurnos durante a década de 1930, contudo, não o impediram de continuar o seu estudo da física em geral e do Efeito Biefeld-Brown em particular durante as horas disponíveis de noites e fins de semana. Com o passar do tempo, o desenho original do "gravitador" conheceu inúmeras melhorias.

Em 1939, Brown, agora tenente na Reserva da Marinha, mudou-se para Maryland para se tornar engenheiro de materiais na Glenn L. Martin Company de Baltimore (mais tarde Martin Aerospace). Esteve ali apenas uma questão de meses, no entanto, quando foi convocado pela Marinha para se tornar o oficial responsável pela investigação e desenvolvimento de varrimento de minas magnéticas e acústicas sob a égide do Bureau of Ships.

Foi pouco depois de receber esta nomeação que Brown entrou em contacto com as fases iniciais de desenvolvimento do projeto que poderá ter-se tornado a Experiência de Filadélfia. De acordo com o Dr. Rinehart: — Creio que quando ele [Brown] foi trazido de volta da Martin para o Bureau of Ships como oficial responsável pelo varrimento acústico e magnético de minas, todos os projetos que Ross Gunn, então diretor do Laboratório de Investigação Naval, considerava interessantes lhe foram apresentados devido à sua formação em física. Foi aqui que ele se envolveu no seu "projeto" — este é o seu ponto de partida. — A secção dele teria abrangido todas as novidades que tivessem

entrado a este respeito, e eles tentaram arranjar um bom homem para trabalhar nisso. Este foi Brown. Ele foi trazido porque estavam com falta de pessoal — especialmente de bons profissionais — e precisavam de alguém que não fosse um retrógrado no que dizia respeito às coisas em que estavam a pensar. Ele, sem dúvida, também teria conferenciado com o Capitão Parsons sobre este projeto. —

Embora a minha relação pessoal com Brown nunca tenha sido mais próxima do que algumas palavras ocasionais (ele estava num departamento totalmente diferente, como se recordará), consigo lembrar-me claramente da sua presença à mesma mesa que eu durante várias conferências em que este projeto foi discutido. Não creio ter falado com ele mais do que uma ou duas vezes com alguma extensão. Era um indivíduo bastante tímido e retraído, pelo que me recordo; um homem cujas ideias e esforços eram frequentemente mais defendidos pelos seus amigos e associados do que por ele próprio.

É questionável se Brown esteve realmente alguma vez muito intensamente envolvido no projeto da Experiência de Filadélfia. Embora ele tenda a ser algo impreciso quanto a esse ponto, parece virtualmente certo que teria tido de estar envolvido em pelo menos alguma capacidade, dado que uma grande parte do trabalho da sua equipa de investigação foi realizada na área relacionada da desmagnetização de navios. Ele também realizou o que caracteriza como "algum trabalho de alto vácuo muito valioso". Em todo o caso, o seu serviço no Bureau of Ships, onde presidiu ao gasto de cerca de 50 milhões de dólares em investigação e chefiou pelo menos uma dezena de doutorados juniores, pode ser considerado exemplar, no mínimo.

Não viria a ser excecionalmente duradouro, contudo, pois na reorganização geral que se seguiu a Pearl Harbour, foi transferido, com o posto de capitão-tenente, para Norfolk para continuar a sua investigação enquanto chefiava a Escola de Radar da Frota Atlântica da Marinha naquele local. De acordo com outra fonte de

informação, foi enquanto desempenhava esta função que ele apresentou algumas sugestões sobre como os campos eletromagnéticos poderiam ser utilizados para alcançar uma invisibilidade parcial ao radar, especialmente em situações de ar-mar. No entanto, se estas ideias possam ter sido integradas diretamente na investigação em curso no projeto da Experiência de Filadélfia ou se alguma vez se chegou a agir de todo com base nelas, não se sabe.

Brown não era o tipo de pessoa que impunha as suas próprias ideias com demasiada força, a menos que estas parecessem obter a aprovação de boa vontade dos outros. Apesar da sua reticência, contudo, era um trabalhador disponível e dedicado que continuou a servir bem o seu país durante os dois anos seguintes. Infelizmente, em dezembro de 1943, o seu longo e árduo trabalho e o seu desapontamento pessoal face ao fracasso dos seus projetos em obter o devido reconhecimento tinham-no finalmente esgotado até ao limite. Sofreu um colapso nervoso que o enviou para casa a fim de descansar. Por recomendação de uma equipa de médicos navais, a passagem à reforma seguiu-se rapidamente.

Um aspeto lateral interessante neste ponto é que Reilly Crabb tem afirmado categoricamente que a causa do colapso de Brown esteve diretamente relacionada com a Experiência de Filadélfia. Certamente que repercussões severas ter-se-iam quase de certeza seguido a quaisquer resultados físicos e psicológicos desastrosos do tipo que se relata terem sido sofridos pela tripulação do DE 173, e a cabeça de qualquer pessoa responsável pela condução de um tal projeto teria sem dúvida sido colocada no cepo como resultado. Se uma tal coisa de facto tencionou ocorrer, não é muito difícil imaginar as extremas pressões mentais que daí resultariam.

No entanto, em toda a justiça para com Brown, deve notar-se que fomos totalmente incapazes de descobrir o que quer que fosse que começasse sequer a consubstanciar tal conjectura. Em todo o caso, após seis meses de descanso, o final da primavera de 1944

encontrou Brown a trabalhar como consultor de radar para a secção de design avançado da Lockheed-Vega Aircraft Corporation na Califórnia. Os colegas ali acharam-no muito semelhante ao descrito pelo Dr. Rinehart, referindo-se a ele como "um homem calmo, modesto, retraído... um brilhante solucionador de problemas de engenharia" e "exatamente o tipo que se espera encontrar em instalações de investigação importantes". Mais importante ainda, ele continuava a trabalhar no seu dispositivo gravitador, embora (curiosamente) tenha preferido não falar em termos de gravidade ao descrevê-lo. Em vez disso, parecia preferir o termo mais científico, mas decididamente menos sensacional, de "tensão em dielétricos". Depois de deixar a Lockheed, Brown foi viver para o Hawaii e para continuar a sua investigação.

Foi durante este tempo, em parte graças aos esforços de um velho amigo, A. L. Kitselman, que estava então a ensinar cálculo em Pearl Harbour, que o aparelho gravitador de Brown, um pouco melhorado em relação às versões anteriores, despertou o interesse do Almirante Arthur W. Radford, Comandante em Chefe da Frota do Pacífico dos E.U.A. (e que mais tarde viria a ser Chefe do Estado-Maior Conjunto sob o Presidente Eisenhower, 1953-57). Como resultado do interesse do Almirante Radford, Brown recebeu temporariamente o estatuto de consultor no Estaleiro Naval de Pearl Harbour; mas, apesar do facto de o antigo capitão-tenente ser bem tratado pelos seus amigos da Marinha, parece ressaltar das evidências que eles consideravam a sua invenção mais como uma curiosidade interessante do que como qualquer tipo de chave para o espaço ou para viagens interdimensionais.

Talvez se Brown tivesse sido mais um homem de negócios do que um cientista, as coisas pudessem ter sido diferentes; embora também seja possível que a Marinha tivesse visto mais do que a sua quota-parte de investigação em campos de força durante a guerra e estivesse a manter a distância de mais projetos desse tipo por razões óbvias. (A afirmação de Carlos Allende de que "a

Marinha teme usar tais resultados" regressa à mente neste ponto.) Entretanto, o aumento da atividade de OVNI na viragem da década tinha capturado o interesse pessoal de Brown.

Seguindo entusiasticamente a controvérsia enquanto esta grassava entre a comunidade militar e científica no final dos anos 40 e início dos anos 50, Brown postulou que talvez com a abordagem científica mundial adequada o dilema em torno da fonte de energia do OVNI pudesse ser resolvido. Nesses dias, a sua crença nas capacidades da ciência moderna era tal que ele chegou a ousar especular sobre a possibilidade de uma solução rápida, desde que os recursos e a mão-de-obra adequados fossem canalizados para isso. Claro que ele permanecia constantemente consciente da possibilidade de que, através dos seus próprios esforços na investigação da eletrogravidade, tivesse atingido uma das chaves do mistério.

Mudando-se para Cleveland em 1952, Brown concebeu um projeto que chamou de Winterhaven, uma ideia que esperava (com os devidos refinamentos) poder ser oferecida para venda à estrutura militar. Através de uma investigação paciente, conseguiu melhorar a força de sustentação do seu aparelho gravitador até ao ponto de este conseguir levantar significativamente mais do que o seu próprio peso — um sucesso que deveria ter levantado as sobranceiras de qualquer cientista respeitável ou oficial do Pentágono, mas que aparentemente não o fez, embora o aparelho envolvido fosse bastante sofisticado e, como veremos, a demonstração extremamente impressionante. Teoricamente falando, Brown tentou explicar os seus resultados em termos de física do Campo Unificado.

O ponto de rutura entre Brown e a maior parte da ciência ortodoxa é que Brown acredita firmemente na existência de um efeito de acoplamento observável entre a gravidade e a eletricidade, e que este efeito de acoplamento é precisamente o que está a ser demonstrado pelos seus dispositivos. Por outras palavras, ele defende que o efeito Biefeld-Brown não só

representa uma ligação provada e demonstrável entre a eletricidade e a gravitação, mas representa uma ligação que pode realmente ser rentabilizada e utilizada para fins de propulsão tanto dentro como fora da atmosfera da Terra.

As semelhanças de tudo isto com os conceitos sabidamente utilizados no projeto da Experiência de Filadélfia são prontamente aparentes. Um "dielétrico" é definido como um material que tem a capacidade única de absorver energia elétrica e "carga" sem, normalmente, passar essa energia para os materiais vizinhos. Alguns dielétricos são capazes de absorver quantidades enormes de energia elétrica (também referida como "tensão elástica") sem descarregar, desde que a energia seja alimentada no dielétrico lentamente e a baixo potencial. Outros ainda podem ser carregados e descarregados a um potencial extremamente elevado a um ritmo de várias milhares de vezes por segundo. Townsend Brown ocupou-se principalmente deste último tipo. Utilizando precisamente um dielétrico deste género, Brown construiu condensadores em forma de disco (ou em forma de disco voador) e, ao aplicar várias quantidades de corrente contínua de alta voltagem, testemunhou o Efeito Biefeld-Brown em ação.

Com a construção e o potencial elétrico adequados (na gama dos quilovolts), os "perfis aerodinâmicos" em forma de disco foram feitos para voar sob a sua própria energia, emitindo um ligeiro zumbido e um brilho elétrico azulado ao fazê-lo. Mais cientificamente, talvez, este processo de "voo" possa ser melhor descrito como "movimento sob a influência da interação entre campos elétricos e gravitacionais na direção do eletrodo positivo". Em 1953, Brown conseguiu demonstrar num ambiente de laboratório o voo de perfis aerodinâmicos em forma de disco com 2 pés de diâmetro em redor de um percurso circular de 20 pés de diâmetro.

O processo envolvia fixar estas embarcações em forma de disco a um poste central por meio de um fio através do qual o potencial de corrente contínua necessário era fornecido a uma

taxa de 50 000 volts com uma entrada contínua de 50 watts. O teste produziu uma velocidade máxima observável de uns impressionantes 17 pés por segundo (cerca de 12 milhas por hora). Trabalhando com uma determinação quase sobre-humana e com grande custo para as suas finanças pessoais, Brown cedo conseguiu superar até esta realização. Na sua exibição seguinte, exibiu um conjunto de discos com 3 pés de diâmetro a voar num percurso de 50 pés de diâmetro com resultados tão espetaculares que foram imediatamente classificados como secretos. Mesmo assim, a maioria dos cientistas que testemunhou as demonstrações permaneceu cética e tendeu geralmente a atribuir a força motriz de Brown ao que chamavam de "vento elétrico" — isto apesar do facto de que teria sido necessário um verdadeiro "furacão elétrico" para produzir o potencial de sustentação observado!

Não obstante, dolorosamente poucos deram qualquer crédito que fosse a ideias de que o Efeito Biefeld-Brown pudesse representar algo de todo novo para o mundo da física. Procurou-se financiamento governamental para permitir que o trabalho continuasse, mas em 1955, percebendo que o dinheiro não estaria disponível, um Brown descontente partiu para a Europa na esperança de que talvez pudesse gerar um pouco mais de entusiasmo por lá. Embora as demonstrações tenham sido dadas primeiro em Inglaterra, foi no Continente, sob os auspícios de uma corporação francesa, a *La Société Nationale de Construction Aéronautique Sud Ouest* (SNCASO), que as coisas começaram realmente a parecer promissoras. Durante um conjunto de testes realizados confidencialmente dentro do laboratório de investigação da empresa, Brown conseguiu voar alguns dos seus discos num alto vácuo com resultados surpreendentes. Brown estava eufórico, pois não só tinha conseguido provar que os seus discos voavam mais eficientemente sem ar, como também tinha mostrado que a velocidade e a eficiência da sua "embarcação" podiam ser aumentadas fornecendo maior voltagem às placas dielétricas.

Os relatos contemporâneos visualizavam facilmente velocidades de várias centenas de milhas por hora utilizando voltagens na gama dos 100 000 aos 200 000; e pelo menos um escritor falou de um "gerador de jato de chama" então nas fases de planeamento que supostamente seria capaz de fornecer um potencial de energia até 15 milhões de volts! Na verdade, tinham sido delineados planos para a construção imediata de uma grande câmara de vácuo e de uma fonte de alimentação de 500 000 volts quando o desastre se abateu sobre o projeto sob a forma de uma fusão empresarial. A SNCASO tinha concordado em fundir-se com uma empresa maior, a Sud Est.

O presidente da empresa emergente procedeu a demonstrar uma confrangedora falta de interesse em "estes esforços de investigação de propulsão ultra-avançados" e favoreceu, em vez disso, um aumento do interesse no "fabrico de estruturas de aeronaves". Consequentemente, todas as instalações encomendadas pelo antigo presidente para levar por diante o trabalho de investigação eletrogravítica foram sumariamente canceladas e um Brown profundamente desapontamento foi forçado a regressar a casa, aos E.U.A., em 1956. No espaço de um ano, Brown estava intensamente empenhado como consultor chefe de investigação e desenvolvimento para o Projeto Whitehall-Rand, uma nova investigação de antigravidade que estava a ser conduzida sob os auspícios pessoais de Agnew Bahnson, presidente da Bahnson Company de Winston-Salem, Carolina do Norte. Bahnson era uma espécie de entusiasta de OVNI que acalentava o desejo pessoal de ser o primeiro homem a pisar a lua.

Utilizando os seus próprios fundos, construiu um laboratório privado bem equipado e convidou Brown a ir lá abaixo e a prestar consultoria. No entanto, como o destino quis, mesmo quando as coisas começavam a parecer bem para o empreendimento, o Sr. Bahnson, um piloto experiente, foi morto em circunstâncias algo invulgares quando o seu avião privado embateu, segundo se

relata, num cabo de alta tensão. Os herdeiros de Bahnson não estavam interessados no projeto e este foi rapidamente interrompido. In 1958, acreditando que tinha finalmente gerado impulso suficiente para avançar sozinho, Townsend Brown organizou a sua própria corporação sob o nome de Rand International Limited, e estabeleceu-se como presidente.

Embora numerosas patentes tenham sido solicitadas e concedidas tanto nos E.U.A. como no estrangeiro, e apesar de inúmeras demonstrações pacientemente dadas a grupos governamentais e empresariais interessados, o sucesso voltou a escapar-lhe. Curiosamente, o interesse que ele era capaz de gerar parecia desaparecer quase tão depressa como se desenvolvia — quase como se alguém (ou talvez alguma coisa?) estivesse a trabalhar contra ele. Embora a estrutura empresarial da Rand International ainda exista, tem havido pouca atividade evidente nos anos recentes. No início dos anos 60, Brown fez uma breve passagem como físico para a Electrokinetics Inc. de Bala Cynwyd, Pensilvânia, e ao terminar o seu emprego ali, entrou em semireforma.

Desde então, tem vivido na Califórnia, prosseguindo calmamente a sua investigação na esperança de que talvez algum dia, com um pouco de sorte, o mundo repare. O seu envolvimento mais recente é com um projeto "sediado em grande parte no Stanford Research Institute, com assistência adicional a ser prestada pela Universidade da Califórnia e pelo Ames Research Center da NASA". O objetivo da investigação, cujos detalhes estão ainda em grande parte sob sigilo, é tentar determinar que ligação, a haver alguma, existe entre o campo gravitacional da Terra e a eletricidade das rochas (também conhecida como petroelectricidade).

Se Brown conseguir alcançar o seu tão esperado objetivo de provar que a petroelectricidade é "induzida" pelo campo gravitacional da Terra, isso percorreria um longo caminho no sentido de fortalecer não só os conceitos do Campo Unificado em

geral, mas também as próprias teorias pessoais de Brown sobre a eletrogravidade. Isto cristaliza a questão indiretamente colocada por este capítulo inteiro: por que razão, na verdade, o promissor trabalho de uma vida de Townsend Brown passou virtualmente despercebido durante estas últimas três décadas? Ainda hoje Brown mantém a opinião de que uma investigação mais aprofundada sobre o Efeito Biefeld-Brown poderia levar a uma rutura sensacional nos métodos de propulsão espacial — para não mencionar a variedade mais doméstica — se o financiamento adequado pudesse ser disponibilizado. De acordo, a investigação é cara. Mas será o dinheiro a verdadeira razão para a aparente falta de interesse?

Ou poderia possivelmente ser que a longa sombra de uma experiência com mais de trinta anos num navio tenha conseguido lançar o seu manto sobre os seus esforços — talvez até ao ponto de "providenciar" o desaparecimento conveniente de um dos seus apoiantes financeiramente mais influentes? Ou talvez, como o próprio Brown sugere, a raça humana não esteja ainda preparada para aceitar um conceito científico tão revolucionário.

No entanto, como a investigação científica dos últimos anos indicou de forma marcante, alguns conceitos até agora incríveis relativos ao espaço, à matéria, à energia e ao tempo tornaram-se geralmente aceites na comunidade científica. Recorda-se o comentário de Haldane: "O universo não é apenas mais estranho do que imaginamos; é mais estranho do que podemos imaginar".

CAPÍTULO ONZE

A REALIDADE DO IMPOSSÍVEL

Desde os primórdios da civilização humana que a humanidade sonha em encontrar formas de realizar o aparentemente impossível. Mesmo o mais breve exame dos

registos humanos que datam de há milhares de anos encontra os nossos antepassados preocupados com sonhos de serem capazes de voar pelo ar como os pássaros, explorar a superfície longínqua da lua ou viajar nas profundezas dos oceanos do nosso planeta. Com os contínuos avanços técnicos da civilização moderna, contudo, os sonhos de ontem tornaram-se rapidamente as realidades de hoje, e a humanidade foi forçada a procurar noutro lado a matéria de que os sonhos são feitos.

Curiosamente, mesmo com todo o conhecimento moderno do homem, um dos nossos sonhos mais antigos permanece ainda por cumprir e vivo nas nossas imaginações. Quem de entre nós não sonhou pelo menos uma vez em tornar-se invisível e caminhar entre os seus semelhantes sem ser visto e sem que se suspeite? Geralmente pensada em tempos antigos como uma capacidade reservada apenas aos deuses, ou a mortais como Perseu desde que providos de um talismã especial, a invisibilidade mais recentemente não só conseguiu encontrar o seu caminho nos enredos de inúmeros livros e artigos de revistas, como serviu mesmo de tema central de uma popular série de televisão. Um aspeto especialmente atraente é o de ser capaz de criar e manter um estado de invisibilidade em tempo de guerra. (Imagine-se a surpresa de um inimigo que foi embalado na crença de que ninguém está lá até ao momento final do ataque!) Escusa de ser dito que as vantagens seriam virtualmente ilimitadas — desde que, claro, isso pudesse ser feito. Mas suponha-se por um momento que a evidência que foi apresentada até este ponto está correta e que de alguma forma alguém descobriu que uma tal coisa é possível — que, através da utilização adequada da eletrónica e de campos de força, a invisibilidade pode ser criada sobre uma área limitada por um período de tempo limitado. Suponha-se que, como o Dr. Rinehart indicou, uma tal descoberta ocorreu ou mesmo antes ou durante a Segunda Guerra Mundial, e suponha-se que os proponentes da mesma foram bem-sucedidos

em captar a atenção da estrutura militar de tempo de guerra da nossa nação.

Onde seria o local mais provável para levar a cabo um programa rápido de testes altamente secretos para um sistema tão obviamente interessante de camuflagem eletrónica? Em terra? Possivelmente — mas com que vantagem? Mesmo que uma pequena secção de terreno e edifícios pudesse ser tornada invisível, um inimigo que conhecesse as coordenadas dessa localização poderia bombardeá-la de qualquer maneira.

A terra tende a ser imóvel e geralmente um alvo fácil — para não mencionar o facto de que qualquer invisibilidade bem-sucedida baseada em terra não só seria estritamente defensiva nas suas possibilidades, como teria de ser mantida numa base de vinte e quatro horas por dia (pelo menos durante as horas de luz diurna) para ter alguma utilidade. A utilização baseada em terra, portanto, não parece ser a mais desejável. Aeronaves? Altamente improvável, considerando o volume e o peso do equipamento eletrónico na década de 1940 e o poder de sustentação limitado das aeronaves. Tudo isto parece deixar-nos com a única opção que parece ajustar-se a todos os requisitos: navios.

Teria a Marinha dos E.U.A., como Allende alega e como as evidências que examinámos até agora parecem indicar, utilizado realmente o DE 173 para conduzir uma tal experiência de camuflagem eletrónica? Terão sido os resultados tão horrorosos como ele diz que foram? E terão elementos da estrutura militar-científica utilizado os resultados de tais testes como base para investigações posteriores sobre possíveis métodos de propulsão por antigravidade semelhantes à fonte de energia que Jessup e outros, desde então, inferiram ser utilizada para mover os OVNI? Embora este livro tenha fornecido informações até agora inéditas que percorreram um longo caminho no sentido de fornecer pistas para as respostas a essas perguntas, a prova positiva necessária parece tão evasiva como sempre.

Poderá uma tal prova ser encontrada? Provavelmente não, a menos que os arquivos governamentais sobre o projeto possam ser descobertos e tornados públicos. E sem o conhecimento do nome de código militar atribuído ao projeto, isso seria difícil, se não impossível. Qualquer pedido de informação feito ao Office of Naval Research sobre o tema gera, na melhor das hipóteses, nada mais do que a carta-tipo redigida de forma curta, anteriormente referida, que nega categoricamente (e previsivelmente) tudo. Relativamente ao caso Allende/Jessup, "o Office of Naval Research nunca conduziu um estudo oficial". No que diz respeito à própria Experiência de Filadélfia, "o ONR nunca conduziu quaisquer investigações sobre invisibilidade, quer em 1943 quer em qualquer outro momento". Pressionado para uma conclusão oficial, o Departamento da Marinha tende a atribuir tudo a nada mais do que uma tentativa fraca de "ficção científica". Outras agências governamentais tendem a ser ainda menos cooperantes.

Charles Berlitz, durante a investigação para o seu livro *Without a Trace*, tentou obter informações discretas mas completas sobre o mistério em pontos-chave locais envolvidos. Foi frequentemente informado, de forma fria, de que toda a história era o resultado de alguém se ter deixado levar pela imaginação. Ainda menos produtiva foi a resposta gerada quando tentou discutir o assunto com funcionários da Varo Corporation em Garland, Texas.

"A empresa", disseram-lhe, "não está interessada em discutir o assunto consigo ou com mais ninguém". Além disso, foi avisado de que seria inútil prosseguir com o assunto. No que dizia respeito à Varo, "todas as cartas sobre o tema ficarão sem resposta e todas as chamadas telefônicas serão recusadas".

Apesar do silêncio oficial, um indício de que algo poderia estar a acontecer pode ser encontrado na estranha história do famoso mentalista e mágico Joseph Dunninger. Durante as fases iniciais da Segunda Guerra Mundial, bem antes da entrada da América nesse conflito, relatórios que aparentemente tiveram

origem na Alemanha começaram a surgir na imprensa mundial no sentido de que os britânicos tinham aperfeiçoado alguma forma de "verniz secreto" que tornava os seus aviões virtualmente invisíveis à noite — mesmo sob os mais poderosos refletores.

Dunninger, que certamente não era alheio ao valor da publicidade, aparentemente leu estas histórias e viu-as imediatamente como a base potencial para um golpe publicitário. Consultando vários amigos jornalistas em cuja confiança e conselhos frequentemente confiava, Dunninger preparou um comunicado de imprensa que ele e os seus amigos sabiam que seria imediatamente captado pelas agências de notícias da nação e espalhado pelo país. O plano correu como um relógio, com os resultados previstos. Típica destes resultados é a seguinte história, que apareceu na página 5 do *The New York Times*, a 31 de agosto de 1940:

Os relatórios vindos da Alemanha de que os britânicos estão a utilizar um verniz secreto nos seus aviões de bombardeamento para os tornar invisíveis... à noite causaram consideráveis comentários e pelo menos uma explicação inovadora aqui ontem.

Joseph Dunninger, mágico e leitor de mentes, defende... que os seus bombardeiros são invisíveis devido a um aparelho secreto desenvolvido em Inglaterra por Horace Goldin, mágico mundialmente famoso que faleceu... há um ano.

A natureza exata do aparelho, que se diz tornar um avião em voo invisível quer de dia quer de noite, não foi revelada pelo Sr. Dunninger, que afirmou ter desenvolvido um aparelho semelhante neste país. O Sr. Dunninger disse ter demonstrado o seu aparelho, que tornava um modelo de navio de guerra invisível, no Departamento [da Marinha] dos Estados Unidos, em Washington. Recusou-se a explicar o princípio em que funcionava.

Com o seu aparelho, disse ele, poderia tornar um navio de guerra completamente invisível. O equipamento para o fazer

pesaria apenas cerca de um décimo do peso do navio. Disse não ver razão para que não pudesse ser aplicado a aviões.

Literalmente cercado por jornalistas, e no auge da sua glória, Dunninger organizou "relutantemente" uma demonstração para o dia seguinte, a ter lugar no Ruxton Hotel, em Washington, D.C. Ali, perante uma sala cheia de repórteres, explicou pacientemente que, uma vez que era impossível levar um navio de guerra para o hotel, faria a segunda melhor coisa e deitar-se-ia ao trabalho com uma imagem de um. Fiel à promessa, a imagem procedeu prontamente a desaparecer perante os seus olhos espantados. De acordo com a Sra. Chrystal Dunninger, que se recorda do incidente, o truque criou uma verdadeira sensação. "Os repórteres simplesmente não sabiam o que pensar daquilo", disse ela.

No dia seguinte, chegou uma carta do Departamento da Marinha que expressava um forte interesse oficial na "descoberta" de Dunninger. A carta solicitava que fossem fornecidas informações adicionais e que fosse organizada uma demonstração "o mais rapidamente possível". De acordo com a Sra. Dunninger, "tudo aquilo foi um truque de propaganda e na realidade não havia aparelho nenhum. E esse foi o fim da questão", disse ela.

Exceto que não foi; pois quando Dunninger não respondeu à carta, a Marinha enviou dois oficiais para discutir o assunto com ele. O resultado desta reviravolta inesperada dos acontecimentos foi que Dunninger se viu obrigado a admitir que tudo não passava de um embuste. No processo de o fazer, contudo, confidenciou que tinha de facto certas ideias sobre como os navios da Marinha poderiam ser tornados invisíveis através do uso de uma miragem artificial induzida pela manipulação dos raios solares. Solicitado a submeter o seu plano por escrito, Dunninger acabou por fazê-lo após Pearl Harbour. A resposta da Marinha foi obrigá-lo imediatamente a assinar um documento jurando-o a um "silêncio completo, total e permanente" no que dizia respeito a todo o assunto. O que Dunninger realmente submeteu e o que a Marinha fez subsequentemente com isso permanece desconhecido.

Outra indicação do intenso interesse da Marinha dos E.U.A., no final dos anos 30 e início dos anos 40, na utilização a bordo de navios de campos magnéticos fortes, pelo menos como medida antiminas, surge num livro intitulado *Magnets, the Education of a Physicist* (Cambridge, 1956), do falecido e proeminente físico magnético Dr. Francis Bitter, fundador do Laboratório de Ímanes no MIT. Bitter, embora não aprofunde os detalhes técnicos, dedica, não obstante, um capítulo inteiro do seu livro a contar a história de como a técnica de desmagnetização eletromagnética de navios foi desenvolvida como uma contramedida para as altamente perigosas minas magnéticas que tinham sido inventadas pelos alemães durante a década de 1930.

De acordo com um relato de C. M. Fowler e T. Erber (*Francis Bitter, Selected Papers and Commentaries*, Cambridge, 1969), a investigação do Dr. Bitter "acabou por conduzir a contramedidas elaboradas destinadas a tornar a navegação magneticamente "invisível" às... minas [alemãs]". Claro que a invisibilidade para os mecanismos de deteção das minas submarinas e a invisibilidade para a visão humana são duas coisas inteiramente diferentes, mas somos, no entanto, levados a perguntarmo-nos se a investigação de Bitter na área da "invisibilidade magnética" não terá sido o início de um projeto mais complexo destinado a alcançar a invisibilidade total que Allende descreve.

Não pode haver dúvidas de que ímanes relativamente imensos e os campos enormes a eles associados estavam em uso durante estas primeiras experiências. O próprio Dr. Bitter, escrevendo em *Magnets*, afirma que testemunhou "um navio relativamente grande que transportava um íman muito forte que pesava muitas, muitas toneladas. Este era um íman em barra que ia da proa do navio, normalmente perto do convés superior, até à popa. Este íman em barra tinha bobinas enroladas em redor dele que passavam uma corrente produzida por grandes motogeradores".

Interessado em descobrir se estas primeiras experiências de desmagnetização teriam sido, de facto, precursoras da muito mais complicada Experiência de Filadélfia, Moore tentou aplicar um pouco de subterfúgio a outro cientista de quem se sabia ter estado fortemente envolvido nos esforços iniciais de desmagnetização da Marinha. Tendo escrito anteriormente um breve relato da vida desse cientista como parte de um projetado artigo de revista, teve a ideia de tentar determinar se ele sabia algo sobre a experiência do navio de Allende, organizando as coisas para que ele editasse e aprovasse um rascunho desse artigo, e depois carregando o rascunho com um parágrafo especialmente preparado antes de lho submeter. Assim, o rascunho do manuscrito que ele recebeu continha o seguinte parágrafo "plantado":

A guerra viu [o cientista em questão] quase continuamente envolvido como físico com... o Comité de Investigação da Defesa Nacional. Um destes projetos envolvia expor primeiro modelos e, mais tarde, um navio da Marinha dos E.U.A. a um campo eletromagnético intenso, a fim de observar os efeitos do campo em objetos materiais. O campo era produzido através da utilização de equipamento de desmagnetização de navios da Marinha que utilizava o princípio de ressonância, de modo a produzir resultados extremos. Alguns dos relatos deste projeto são mais espetaculares do que outros (pelo menos uma fonte afirma que a experiência produziu reações físicas extremas nos membros da tripulação expostos), mas, quaisquer que tenham sido os resultados, o projeto foi descontinuado no final de 1943.

O objetivo deste estratagema era, naturalmente, observar a reação deste homem ao material plantado, observando o que ele fazia com ele no processo de edição. A surpresa veio com a devolução do documento editado. Como solicitado, o cientista tinha de facto anotado a lápis inúmeras sugestões, correções, adições e eliminações... mas tinha deixado ficar, sem alteração ou comentário, todo o parágrafo de teste! Apenas duas conclusões eram possíveis: ou o homem tinha cometido um erro crasso de

omissão na sua edição, ou a experiência realmente ocorreu como descrito! A carta de apresentação que acompanhava o manuscrito parecia confirmá-lo. "Quanto ao rascunho do seu artigo", dizia, a informação "parece estar essencialmente correta".

Mas e quanto a estes efeitos secundários? Um dos aspetos mais estranhos e perturbadores do relato de Allende é a sua descrição dos efeitos secundários físicos e mentais extremos da experiência de invisibilidade na tripulação do navio. Na verdade, é esta qualidade totalmente fantástica que levou muitos dos detratores da história a concluir que as cartas de Allende representam nada mais do que uma expressão grotesca de insanidade. Afinal de contas, salientam eles, se a exposição humana a campos de força elétricos pudesse causar coisas como a invisibilidade e a insanidade, então todos nós já nos teríamos tornado invisíveis ou insanos há muito tempo. O outro lado do argumento é representado por aqueles que defendem que tais efeitos de facto ocorreram e que o medo e o embaraço subsequentes da Marinha são a causa para o segredo continuado.

Alguma luz nova e interessante foi lançada sobre esta controvérsia no final de 1976 com a divulgação de um relatório de informação governamental, anteriormente secreto, que aborda estudos soviéticos recentes sobre os efeitos de campos de força eletromagnéticos de alta frequência no organismo humano. Um aspeto alarmante sobre o relatório é que fala de um número perturbador de alterações nas funções cerebrais e na química do corpo que os russos descobriram poder ser diretamente induzidas pela exposição a campos eletromagnéticos. Tais campos, continua dizendo, revelaram ter "um grande potencial para o desenvolvimento num sistema para desorientar e perturbar os padrões de comportamento do... pessoal".

Entre os efeitos observados incluíam-se "graves distúrbios neurológicos e cardiovasculares [circulatórios], tonturas, esquecimento, falta de concentração e estados alternados de ansiedade e depressão".

A principal diferença entre estes efeitos perturbadores e os mais horrorosos que Allende alega terem sido experimentados pela infeliz tripulação do navio experimental da Marinha é que os russos supostamente produziram os efeitos observados utilizando radiação de campo eletromagnético de baixa intensidade. Os campos que teriam sido produzidos por algo que se aproximasse da magnitude da chamada Experiência de Filadélfia teriam sido, sem dúvida, de um nível de energia tremendamente mais elevado.

Duas outras aparentes confirmações de que uma tal experiência de facto teve lugar também chegaram sob a forma de cartas — ambas por via do Dr. Reilly H. Crabb da BSRF (ver Capítulo Dois). A primeira foi a cópia de uma carta de um homem da Marinha para o Dr. Crabb, na qual o autor, um homem chamado Griffin, afirmava ter ouvido falar do interesse de Crabb na experiência do navio que desaparece de Jessup/Allende e que estava a escrever porque pensava que poderia ser capaz de acrescentar algo.

Continuou dizendo que, alguns anos antes, enquanto estava destacado na ilha de Chipre, no Mediterrâneo, tinha encontrado o velho DE 173, que servia então na marinha grega sob o nome de *Leon*. De acordo com a carta de Griffin, durante a estadia deste navio no porto, um certo indivíduo tinha-lhe apontado que aquele era o navio que os americanos tinham tentado tornar invisível durante a Segunda Guerra Mundial. Crabb diz que a razão pela qual tomou especial nota desta carta foi o facto de ter sido a primeira vez que se cruzou com alguém que afirmava saber o nome do navio que estivera envolvido nas experiências de invisibilidade mencionadas nas cartas de Allende. O próprio Allende tinha nomeado apenas o S.S. *Furuseth* nas suas cartas a Jessup e, de facto, apenas muitos anos mais tarde revelou que o nome do navio experimental era o DE 173! Se o informador de Griffin não obteve a sua informação de Allende, então onde a obteve?

A segunda carta era ainda mais interessante. Esta veio sob a forma de um pedido de informação de um Sr. Shoumake para o Dr. Crabb. Após um parágrafo inicial a pedir a Crabb informações sobre as publicações e a filiação na BSRF, Shoumake lançou a seguinte bomba: "Durante a década de 1950", escreveu ele, "o meu tio, um oficial subalterno reformado da marinha, relatou especificidades de acontecimentos classificados como Secretores no Philadelphia Navy Yard.

Através de um amigo, obtive uma cópia da sua publicação sobre M. K. Jessup e as cartas de Allende, que preencheu muitos dos vazios que restavam..." Infelizmente, embora Moore (com a aprovação do Sr. Crabb) tenha feito repetidas tentativas para contactar o Sr. Shoumake relativamente a esta intrigante afirmação, nada mais voltou a surgir relativamente ao Sr. Shoumake ou ao seu interessantíssimo tio. Embuste? Talvez... e, por outro lado, talvez não.

Um aspeto invulgar da investigação sobre a Experiência de Filadélfia é a variedade de testemunhos que provêm de indivíduos em locais amplamente separados, testemunhos que contribuem com detalhes por vezes aparentemente sem importância que, quando interligados no tempo e no espaço, proporcionam uma corroboração por vezes surpreendente. Frequentemente, o nome ou o endereço de um informador não está disponível, porque decorreu demasiado tempo desde o incidente ou porque um informador sente que revelar a sua identidade funcionaria contra si.

Um relatório invulgar foi inesperadamente recebido por Patrick Macey, um especialista em construção eletrónica e investigador, enquanto este trabalhava sob contrato em Los Angeles no verão de 1977. Ele e outro trabalhador contratado (Macey lembra-se dele apenas como "Jim") estavam a discutir os OVNI e o quanto o governo estava a "encobrir".

— Tive uma experiência invulgar durante a Segunda Guerra Mundial, quando estava na Marinha — disse o Jim —, não com OVNI, mas algo bastante misterioso. Eu era guarda de material audiovisual classificado e, no final de 1945, estava numa posição, enquanto em serviço em Washington, de ver parte de um filme visualizado por muitos altos comandos da Marinha, pertencente a uma experiência feita no mar. Lembro-me apenas de parte do filme, pois as minhas funções de segurança não me permitiam sentar-me e olhar para ele como os outros. Não sabia o que se estava a passar no filme, uma vez que era sem comentários. Lembro-me de que dizia respeito a três navios. Quando rodaram o filme, este mostrava outros dois navios a alimentar algum tipo de energia no navio central. Pensei que fossem ondas sonoras, mas não sabia, uma vez que, naturalmente, não estava presente na sessão de esclarecimento.

— Passado algum tempo, o navio central, um contratorpedeiro, desapareceu lentamente numa névoa transparente até que tudo o que se podia ver era uma marca desse navio na água. Depois, quando o campo, ou o que quer que fosse, era desligado, o navio reaparecia lentamente a partir de uma névoa fina.

— Aparentemente, esse era o fim do filme, e ouvi por acaso alguns dos homens na sala a discuti-lo. Alguns pensavam que o campo tinha sido deixado ligado durante demasiado tempo e que isso tinha causado os problemas que alguns dos membros da tripulação estavam a ter.

— Alguém mencionou um incidente em que um dos tripulantes aparentemente desapareceu enquanto bebia num bar. Outra pessoa comentou que a tripulação "ainda não estava no seu juízo perfeito, e talvez nunca venha a estar". Houve também algumas referências a alguns membros da tripulação terem desaparecido permanentemente. Nesse ponto, a conversa foi continuada fora do meu alcance de audição.

Este relato corroborativo (embora atualmente não verificável) é pertinente na medida em que alude diretamente à informação contida nas surpreendentes cartas de Allende, e também a relatos relatados nos jornais (ver as páginas seguintes). Pode-se perguntar por que razão, se um tal filme existisse, seria ele exibido em 1945? Uma explicação lógica seria que, após a conclusão da Segunda Guerra Mundial, certos projetos abandonados ou interrompidos durante a guerra foram revistos para avaliação ou reativação. Talvez a Experiência de Filadélfia tenha sido um destes.

Os nomes de vários cientistas têm surgido em ligação com a reativação de um tal projeto. Dois cientistas empregados pelo governo, chamados Charlesworth e Carroll, terão sido responsáveis pela instalação do equipamento auxiliar no DE 173 e participaram na experiência, registrando os danos neuronais "devido ao efeito diatérmico por causa da oscilação magnética do campo magnético".

Quando o projeto foi interrompido, em parte devido ao efeito sobre a tripulação e possivelmente também devido ao sucesso iminente de outro projeto altamente classificado — a bomba atômica —, Charlesworth manteve, no entanto, o seu interesse nele. No final da Segunda Guerra Mundial, ter-se-á sugerido aos seus superiores que o projeto fosse reconsiderado — sob a sua direção — e esta pode ter sido a ocasião para a exibição do filme classificado acima descrito.

Depois, há a questão desses evasivos artigos de jornal — os elementos de prova que, se pudessem ser encontrados e verificados, poderiam fornecer uma resposta a todo o mistério. De acordo com Allende, existiam dois destes. O primeiro, que ele diz ter visto num jornal de Filadélfia, dizia respeito a um incidente num bar durante o qual vários marinheiros, supostamente em licença em terra do navio experimental, teriam exibido efeitos estranhos causados pelos campos de força utilizados nas experiências. O segundo, que pode ter saído num jornal da zona

de Norfolk, tratava do aparecimento súbito de um navio e subsequente desaparecimento da área do porto de Norfolk (teletransporte?).

Além disso, várias pessoas apresentaram-se no decurso das investigações do autor afirmando lembrar-se dos mesmos artigos de imprensa ou de artigos semelhantes e até de cobertura jornalística destas matérias em revistas. Uma das mais frequentemente mencionadas é uma que se diz ter aparecido nas páginas do antigo *New York World-Telegram* entre o início de 1940 e o final de 1944. Reilly Crabb defende que um investigador lhe telefonou há alguns anos e disse ter passado semanas a pesquisar todo o arquivo do *World-Telegram* na Biblioteca Pública de Nova Iorque, mas foi incapaz de o encontrar. O mais perto que chegámos, disse ele, foi a interessante descoberta de que havia páginas inteiras em falta em vários dos jornais publicados durante esse período de tempo.

Outras fontes mencionaram as revistas *Life* e *Male* e o *New York World-Telegram* como tendo publicado artigos que tratavam do projeto. Uma dessas fontes é um tratado obscuro e algo bizarro intitulado "The Hefferlin Manuscript", que aparentemente antecede as cartas de Allende. É ali mencionado um artigo ilustrado da *Life*, supostamente de meados da década de 1940, que alegadamente tratava de experiências de invisibilidade conduzidas por cientistas húngaros durante os primeiros dias da Segunda Guerra Mundial. Embora o relato não seja claro sobre se estas tiveram lugar na Hungria ou nos Estados Unidos, é interessante notar que o Dr. John von Neumann, o homem nomeado pelo Dr. Rinehart como um dos primeiros impulsionadores no projeto de invisibilidade, nasceu em Budapeste em 1903.

Apesar de tudo isto, no entanto, o artigo fundamental parece ainda ser aquele que Allende alega ter visto em 1943. Embora muitos afirmem ter procurado este elemento de prova ao longo dos anos, ninguém, até ao momento presente, foi capaz de relatar sequer o mais ligeiro sucesso — para grande satisfação dos

detratores da história. Agora, com a escrita deste livro, é finalmente possível anunciar o que parece ser uma rutura nesta área tão importante do mistério. Numa caixa de depósito seguro existe uma fotocópia de um recorte de jornal que foi recebido de uma fonte anónima e que, até agora, conseguiu sobreviver a todos os esforços para desacreditar a sua autenticidade. O recorte, sem data e sem identificação quanto ao jornal de origem, reza o seguinte:

Circunstâncias Estranhas Envolvem Rixa em Taberna

Vários agentes da polícia da cidade que respondiam a uma chamada para auxiliar membros da Patrulha Costeira da Marinha a acabar com uma rixa numa taberna perto das docas da Marinha dos E.U.A. aqui, na noite passada, apanharam uma certa surpresa quando chegaram ao local e encontraram o estabelecimento vazio de clientes. De acordo com um par de empregadas de mesa muito nervosas, a Patrulha Costeira tinha chegado primeiro e esvaziado o local — mas não antes de dois dos marinheiros envolvidos alegadamente terem feito um ato de desaparecimento.

«Eles simplesmente desapareceram no ar... mesmo ali», relatou uma das funcionárias assustadas, «e eu também não estive a beber!» Nesse ponto, de acordo com o seu relato, a Patrulha Costeira procedeu a expulsar toda a gente do local em pouco tempo.

Uma conversa subsequente com a esquadra da polícia local não deixou dúvidas quanto ao facto de que algum tipo de rixa geral tinha de facto ocorrido nas proximidades dos estaleiros por volta das onze horas da noite passada, mas nem a confirmação nem a negação dos aspetos mais estranhos da história puderam ser imediatamente obtidas. Uma testemunha relatada resumiu sucintamente o assunto, descartando-o como nada mais do que

«uma quantidade de tretas daquelas mulheres malucas lá de baixo», que, continuou ele dizendo, provavelmente estavam apenas à procura de alguma publicidade gratuita.

Os danos na taberna foram estimados em cerca de seiscentos dólares.

Pouco mais se pode dizer sobre o recorte em si. Qualquer coisa que se aproxime de uma análise adequada do recorte é impossível, uma vez que os autores possuem apenas uma fotocópia. Após um exame minucioso, contudo, surge o facto possivelmente significativo de que a largura da coluna é um pouco maior do que a utilizada por qualquer um dos diários de Filadélfia na década de 1940. Isto sugere que o artigo pode ter tido origem num jornal local ou regional na área de Filadélfia, em vez de num dos jornais metropolitanos. Outra possibilidade é que possa ser de um jornal de Camden ou de Newark — uma suposição que é parcialmente apoiada pelo facto de o jornal de Camden ter uma certa reputação de tipografia descuidada durante os anos da guerra.

Quanto à origem da fotocópia em si, os autores fizeram várias tentativas para a precisar — chegando ao ponto de recorrer a um pouco de «artimanha» por sua conta numa tentativa de fazer sair a fonte da toca. Tudo, no entanto, sem sucesso. À data desta escrita, o melhor palpite é que tenha sido enviada anonimamente em resposta a um dos nossos pedidos de informação pela mesma pessoa esquiva que relatou a Reilly Crabb que o seu tio era «um oficial subalterno reformado da marinha». Isto, claro, é estritamente uma conjectura e baseia-se em nada mais do que o facto de o envelope em que o recorte chegou ter carimbo postal da mesma cidade de onde tinha vindo a carta para Crabb. Até que o próprio artigo possa ser realmente verificado, quer identificando a fonte da fotocópia, quer descobrindo o nome e a data do jornal em que o artigo apareceu originalmente, a sua existência continuará a ser um enigma.

Nos últimos anos, Charles Berlitz deparou-se, durante palestras sobre o Triângulo das Bermudas dadas em muitas cidades da América e da Europa, com uma série de relatos corroborativos de membros do público das palestras sobre a Experiência de Filadélfia, embora apenas a mais breve referência tivesse sido feita à mesma na palestra. Tais relatos, dados a partir do público, foram especialmente numerosos em cidades como Filadélfia, Trenton, Baltimore e Washington. Em muitos casos, os indivíduos afirmavam ter estado empregados no Philadelphia Navy Yard na altura, ou ter tido conhecimento do comportamento invulgar do DE 173 enquanto estavam em serviço de escolta de comboios, ter conhecido um ou vários dos marinheiros envolvidos na experiência, ou ter ouvido falar na altura dos combatentes que desapareciam no «Salão dos Marinheiros».

Em cada caso, contudo, a pessoa em questão manifestou uma firme determinação em não dar o seu nome, citando por vezes a elevada classificação de segurança então em vigor e mencionando por vezes um possível perigo para si própria.

Os relatos continuam a chegar. Um bastante surpreendente diz respeito a uma mulher que alegadamente teve um caso com um dos marinheiros do DE 173. Ele começou a sofrer efeitos adversos do campo marcados por um «estranho sintoma» e foi levado à pressa para o Hospital de Bethesda pela Marinha. A mulher foi consideravelmente afetada por este incidente, ficou desalentada e, pouco tempo depois, perdeu a vida num «acidente bizarro».

Ainda outro problema que continua a atormentar todo este mistério é que circunstâncias estranhas relativas à morte de Morris Jessup continuam a surgir. Terá a sua morte sido realmente o suicídio que parece ter sido, ou terá ele sido assassinado porque sabia demais? Recentemente, novas evidências vieram a lume.

O primeiro elemento de prova surge por via da Sra. Anna Genslinger, de Miami, que, juntamente com um amigo seu que é tenente da polícia, obteve acesso aos arquivos do médico legista do Condado de Dade, na Flórida, sobre o caso Jessup. Foi nestes registos que ela descobriu que, à data da sua morte, o sangue de Jessup estava virtualmente saturado com o que seria normalmente considerado mais do que uma quantidade letal de álcool. De acordo com a Sra. Genslinger, Jessup também estava a tomar uma medicação na altura que, quando combinada com tal quantidade de álcool, poderia ter sido imediatamente fatal ou, pelo menos, teria sido muito mais do que suficiente para o incapacitar totalmente. Ele teria sido completamente incapaz de entrar num carro pelos seus próprios meios, quanto mais de conduzir vários quilómetros até a um parque do condado, escrever uma nota de suicídio e depois fixar uma mangueira ao tubo de escape do veículo. Além disso, nunca foi realizada qualquer autópsia ao corpo — uma ocorrência invulgar num caso de suicídio. Claro que nada disto constitui uma prova conclusiva de assassinato, mas é, não obstante, de interesse.

Igualmente interessante é um comentário feito ao autor por James R. Wolfe, um escritor e investigador independente que tinha ele próprio passado algum tempo a investigar o mistério de Allende. Wolfe tinha começado a escrever um livro sobre o tema quando ele próprio se tornou um mistério ao desaparecer antes de este estar concluído. Ainda mais estranho é o facto de ter sido o desaparecimento de Wolfe que levou à descoberta das evidências adicionais apresentadas no próximo capítulo. Antes do seu desaparecimento, contudo, Wolfe tinha trocado com os autores elementos e informações úteis.

Ao discutir o possível assassinato de Jessup, Wolfe, um antigo homem da Marinha, indicou que ao início não acreditava nisso, mas mais tarde ficou convencido. Continuou dizendo que «a grande razão para a manutenção da classificação de segredo sobre a Experiência de Filadélfia não é o dano que o

conhecimento da mesma causaria à Marinha — mas sim o dano que causaria à imagem de um indivíduo». Esse indivíduo, de acordo com Wolfe, detinha influência mais do que suficiente não só para providenciar o assassinato de Jessup, mas para garantir que o trabalho fosse feito de forma limpa. Ele não identificou o indivíduo que tinha em mente, e nós não perguntámos.

Olhando noutras direcções, talvez mais uma pista quanto à razão para o segredo continuado já nos tenha sido fornecida por um dos informadores de Charles Berlitz. Este informador, que recusou enfaticamente ser nomeado, confidenciou a Berlitz que tinha visto documentos altamente classificados nos arquivos da Marinha em Washington, D.C., que indicavam que pelo menos algumas fases das experiências estão ainda em curso.

Além disso, unidades científicas em universidades privadas, algumas possivelmente financiadas pelo governo, estão descritas como prosseguindo a investigação em teletransporte magnético, com a consequente invisibilidade como parte da experiência. Alguns relatos recentes localizam tal experimentação como tendo tido lugar nas instalações de investigação da Universidade de Stanford, em Menlo Park, Palo Alto, Califórnia, e no M.I.T., em Boston.

No entanto, nas palavras de um informador, M. Akers, um psicólogo de San Jose, Califórnia, tais experiências magnéticas «são vistas com desaprovação porque têm efeitos prejudiciais nos investigadores que as conduzem».

Terá a Experiência de Filadélfia acontecido realmente? Estará ela talvez ainda a acontecer? O capítulo final desta investigação oficial fornece a peça mais estranha do quebra-cabeças até agora descoberta.

CAPÍTULO DOZE

O CÍRCULO FECHA-SE

O primeiro capítulo deste livro tratou de uma corroboração invulgar da Experiência de Filadélfia a partir de um encontro inesperado num parque em Colorado Springs. Para um investigador neutro, claro, este relato poderia ser considerado suspeito devido à afirmação de que «alguns dos homens envolvidos na experiência do navio tinham passado para outro mundo e tinham visto e falado com estranhos seres extraterrestres».

É certamente fácil duvidar de que, no decurso do seu trabalho com campos de força e das suas tentativas de criar invisibilidade ao radar, a Marinha dos E.U.A. tenha tropeçado inadvertidamente num caminho para outro mundo, ou de que por meio da chamada Experiência de Filadélfia o nosso governo tenha realmente alcançado contacto com uma civilização extraterrestre já em meados da Segunda Guerra Mundial e tenha mantido este contacto até ao dia de hoje numa base de segredo absoluto.

Não obstante, se este fosse o caso, poderia explicar o manto oficial de silêncio sobre uma grande quantidade de temas, sendo o menor deles os OVNI. Mas como prová-lo? Seguramente que a palavra sem apoio de um homem não identificado num parque do Colorado dificilmente pode ser tomada como uma prova conclusiva. Para onde ir a partir daí, a não ser encontrar o próprio homem? — uma ocorrência improvável em qualquer caso. Mesmo presumindo que ele pudesse ser localizado, o que poderia ele possivelmente ter para oferecer além da história que já contou?

Se quisermos tentar consubstanciar uma afirmação tão bizarra, teria de ser através de outra testemunha — alguém totalmente sem relação com o incidente Davis-Huse que pudesse relatar os mesmos factos ou factos altamente semelhantes. Se uma tal fonte pudesse ser descoberta, então pelo menos uma medida de credibilidade seria acrescentada ao que é até este ponto uma história algo inacreditável. Mas poderá uma tal fonte ser encontrada?

Evidências recentes indicam que outra fonte surgiu. As coincidências que conduziram à sua descoberta são quase tão surpreendentes como a própria história e, em última análise, levam-nos de volta ao investigador e escritor James R. Wolfe, mencionado no capítulo anterior como tendo chegado a algumas conclusões próprias no que diz respeito à ligação entre Allende e a Experiência de Filadélfia. O relato de Moore segue-se:

Em fevereiro de 1978, alguns meses após o meu último contacto com Wolfe, comecei a ouvir rumores de várias fontes de que Wolfe tinha desaparecido. Uma destas pistas chegou-me por via de Charles Berlitz, que disse ter ouvido a história através de um contacto comercial no mundo editorial. Curioso, mas ocupado com outros assuntos na altura, não dei seguimento ao caso de imediato e, quando finalmente tirei tempo para escrever a Wolfe, a minha carta voltou alguns dias mais tarde com a indicação «Não reside neste endereço». Achei estranho, mas voltei a adiar qualquer ação adicional até ter mais tempo para investigar o assunto.

Uma série de coincidências extraordinárias teve lugar agora. No início de maio de 1978, recebi uma chamada telefónica de uma Michelle Alberti, que se identificou como secretária da CUFORN, Inc., um grupo canadiano de investigação psíquica em Willowdale, Ontário. Ela explicou que, durante a investigação do seu grupo sobre a Experiência de Filadélfia, tinha sabido de um James R. Wolfe de quem se dizia ter informações sobre o assunto. Ao tentar localizar Wolfe, ficou consternada ao descobrir que ele tinha «desaparecido». Investigações adicionais revelaram «evidências» de que Wolfe estava morto.

Suspeitando imediatamente da possibilidade de outro «incidente do tipo Jessup», ela ligou para Gray Barker em Clarksburg, Virgínia Ocidental, para ver o que ele sabia. No decurso da conversa, Barker deu-lhe o meu nome como alguém que não só estava muito profundamente envolvido na investigação da Experiência de Filadélfia, mas que tinha estado

em contacto regular com Wolfe. «Foi por isso que lhe liguei», disse ela. «Há alguma coisa que me possa dizer sobre as circunstâncias que envolvem a morte de Wolfe?»

Depois de recuperar do meu choque inicial, não fui capaz de ser de grande ajuda. Admiti que tinha ouvido rumores de que Wolfe estava desaparecido, mas que não sabia nada de definitivo sobre o assunto. «Na verdade», disse eu, «o facto de me dizer que ele está morto surge como um grande choque para mim». Disse-lhe que voltaria a contactá-la se algo surgisse. À data desta escrita, a questão do desaparecimento e da suposta morte de Wolfe é ainda uma espécie de mistério; primeiro, relativamente ao porquê e ao como o relatório falso foi divulgado e, em segundo lugar, à questão de onde está Wolfe agora.

À medida que a Michelle e eu continuávamos a falar, perguntei-lhe como se tinha interessado pela Experiência de Filadélfia. «Surgiu», disse ela, «como resultado da nossa investigação de um encontro imediato de terceiro grau aqui no Canadá». A história era a seguinte: No final da noite de terça-feira, 7 de outubro de 1975, Robert Suffern, um carpinteiro de vinte e sete anos da zona rural de Bracebridge, Ontário, recebeu uma chamada da sua irmã, que vive mais abaixo na estrada, a pedir-lhe que investigasse um brilho estranho que parecia vir de um celeiro próximo.

Suffern conduziu até ao celeiro, deu uma olhada rápida em redor e, não vendo nada fora do comum, dirigia-se para a casa da sua irmã quando foi sobressaltado ao ver um objeto obscurecido em forma de disco, com cerca de 12 a 14 pés de diâmetro, agachado na estrada de cascalho diretamente à sua frente.

«Estava assustado», contou ele mais tarde a um repórter do *Toronto Sun*. «Estava mesmo ali à minha frente, sem luzes e sem sinais de vida». O seu carro ainda não se tinha imobilizado completamente, disse ele, quando o objeto «subiu direito no ar e desapareceu de vista».

De acordo com a história de Suffern, mal tinha conseguido dar a volta ao carro e seguir em direção a casa quando uma criatura estranha, de aspeto humano, com cerca de 4 pés de altura, com «ombros muito largos que estavam fora de proporção com o seu corpo» e vestindo um fato cinzento-prateado e um capacete do tipo globo, caminhou para a estrada mesmo em frente ao seu carro. Suffern travou a fundo, derrapando no cascalho solto, e ficou a polegadas de colidir com a criatura, que prontamente se desviou do caminho, correu para o lado da estrada, saltou uma cerca e desapareceu num campo. De acordo com o relato que Suffern deu ao repórter do *Sun*, quando a figura «chegou à cerca, colocou as mãos num poste e passou por cima dela sem qualquer esforço. Foi como se ele não tivesse peso».

Bastante abalado por este encontro, Suffern conseguiu finalmente conduzir até casa, apenas para descobrir, ao olhar pela janela da sua casa, que o OVNI tinha regressado, desta vez voando lentamente perto do chão sobre a estrada. Nesse momento, ele voou em redor de um poste elétrico e voltou a desaparecer, parecendo subir direito para o céu noturno. Nem familiares, nem amigos próximos, nem os repórteres, investigadores e curiosos em geral que descenderam sobre a sua casa de quinta ao longo das várias semanas seguintes o conseguiram demover da sua história.

«Eu sei o que vi», disse ele. «Mas não quero saber se alguma vez voltarei a ver essa criatura».

Claro que, se a história terminasse neste ponto, não seria mais do que outra adição a uma lista cada vez maior de casos misteriosos e de difícil verificação de encontros imediatos nos anos recentes. Mas havia mais. A 15 de julho de 1976, cerca de nove meses após o incidente de Bracebridge, Harry Tokarz, um investigador da CUFORN, juntamente com um realizador de cinema independente, estava a «seguir a pista de vários relatórios de OVNI por todo o Ontário» para uma possível inclusão no filme documentário *UFO - the Canadian Perspective*. Encontrando-se

na área de Bracebridge, decidiram fazer uma visita a Suffern e talvez obter um acompanhamento útil sobre o seu encontro de 1975.

Nem Suffern, que é descrito por Tokarz como «um indivíduo que mede cuidadosamente os seus pensamentos», nem a sua esposa, «uma rapariga do campo, de matriz local, rápida a expor as suas opiniões», estavam especialmente ansiosos por discutir os OVNI — o que não constitui uma verdadeira surpresa, considerando a pressão pela qual este casal tinha passado após o incidente de outubro. Foi necessária a promessa de ausência de equipamento e a palavra do investigador de que tudo o que estavam realmente interessados era em «obter quaisquer novos detalhes que pudessem não ter surgido durante as... investigações do ano anterior», antes de estarem dispostos a falar de todo. O resultado foi uma entrevista de cinco horas do tipo mais interessante.

«Assim que os Suffern se sentiram mais à vontade com o tema dos OVNI, um par de factos intrigantes veio a lume. Primeiro, tanto Suffern como a sua esposa "acreditavam" estar totalmente esclarecidos sobre os OVNI sem necessariamente darem muita importância ao assunto. Em segundo lugar, descobrimos que eles não tinham discutido o assunto seguinte com ninguém anteriormente».

Na verdade, a única razão pela qual estas «revelações surpreendentes» parecem ter sido feitas de todo pelos Suffern é devido a um aparente deslize de linguagem por parte da Sra. Suffern durante a entrevista. Citando o próprio relato de Tokarz, que apareceu na edição de maio de 1977 da revista da CUFORN, *The Pulse Analyser*:

Assim que ficámos alertados para a situação, Suffern baixou a guarda e decidiu confiar em nós. Relutante ao início, cedo começou a discutir a situação seriamente. Ele parecia genuinamente preocupado com a nossa própria preocupação

particular nesta matéria. Quanto menos esquadrihávamos, mais ele revelava...

A 12 de dezembro de 1975, após os Suffern estarem a começar a sentir alguma aparência de ordem novamente (a sua quinta foi literalmente inundada durante semanas por bandos itinerantes de caçadores de curiosidades), três homens foram entregues à sua casa num veículo de patrulha da Polícia Provincial de Ontário. O encontro tinha sido pré-combinado em novembro. Estes funcionários chegaram em fardamento completo, portando credenciais impressionantes e representando-se como as ALTAS PATENTES das Forças Canadianas em Otava, da Força Aérea dos Estados Unidos, do Pentágono e do Office of Naval Intelligence.

Suffern, anteriormente perturbado com a natureza do seu encontro com o OVNI, afirmou que TODAS as suas perguntas foram respondidas DIRECTAMENTE e SEM HESITAÇÕES por estes três prestáveis cavalheiros. Eles «abriram os livros» para ele e deram-lhe as respostas para o DE ONDE, o Quê e o Porquê. Eles deram a entender que os governos dos E.U.A. e do Canadá sabem tudo sobre os OVNI desde 1943 e têm, de facto, estado a cooperar com os EXTRATERRESTRES numa capacidade desconhecida desde então!

Como se isto não bastasse para engolir de uma só vez, os «sabe-tudo» militares lançaram-nos ainda outra surpresa quando apresentaram um APOLOGIA oficial* pelo infeliz incidente de 7 de outubro. Afirmaram que foi um ERRO!! Ao que Suffern pensou imediatamente em voz alta que deve ter sido uma nave militar supersecreta. Não, afirmaram eles. Foi uma avaria no disco voador que trouxe a nave abaixo, juntamente com os extraterrestres, na sua propriedade.

A Sra. Suffern achou tudo isto bastante impossível de aceitar, mas quando os questionou, os oficiais apresentaram na verdade a hora exata da aterragem — ao minuto — um pequeno detalhe que

apenas os Suffern sabiam e não tinham transmitido a ninguém. Eles tinham tido três avistamentos de OVNI diferentes sobre a sua propriedade, tendo reportado apenas o último, e novamente as horas e as datas foram-lhes devidamente relatadas pelo trio conhecedor. Os agentes esclarecidos, transportando uma bateria de livros e dados (completos com fotografias de OVNI de câmaras de tiro), enfatizaram novamente que a aterragem foi um ACIDENTE e não deveria ter ocorrido...

... Mais adiante soubemos que os militares ainda se referem aos ocupantes dos OVNI como «humanoides». O contacto foi aparentemente feito em 1943 (alegadamente através de um acidente que ocorreu durante uma experiência naval dos E.U.A. relativa à invisibilidade ao radar) e agora as nossas forças estão cientes dos movimentos dos extraterrestres neste planeta...

... Suffern insistiu categoricamente que todas as suas perguntas sobre a nave e o ocupante foram respondidas «para sua satisfação»*, apesar do facto de (muitos) investigadores civis o terem visitado e oferecido hipóteses alternativas para esclarecer o mistério para ele. Muitos aproximaram-se, mas nenhum lhe respondeu com o mesmo «grau de exatidão»...

* Para Suffern.

... A chave crítica para o encontro de Suffern é o facto de ele ter tido uma situação de «quase colisão» de carro com uma entidade física, vestida com um fato prateado de uma só peça e de estatura baixa. Se o contacto de facto teve lugar, então poderia ter havido repercussões graves se ele tivesse realmente atropelado o ser. Isto poderia explicar a intervenção dos militares e a invulgar franqueza...

Os Suffern mantiveram-se firmes na sua afirmação de que os três militares responderam a todas as suas perguntas com uma precisão invulgar e de imediato. O próprio Suffern afirma que conhece as identidades destes três homens e que pode provar que não eram impostores. Também nega estar vinculado à Lei de

Segredos Canadianos e afirma que o seu único motivo para manter os detalhes em segredo é por uma «razão moral» de querer simplesmente cumprir a sua parte do acordo, acatando os «desejos do governo» nesta matéria.

Outro elemento de interesse é a aparente existência de certas evidências de natureza não revelada que o investigador da CUFORN afirma ter descoberto, as quais indicam que as autoridades canadianas e norte-americanas realizaram uma extensa verificação médica e psicológica aos Suffern antes da sua reunião secreta com eles em dezembro — possivelmente com o objetivo de tentar prever como os Suffern reagiriam às revelações que estavam prestes a ser-lhes feitas.

Este relato, por mais fantástico que possa parecer, parece, no entanto, estar significativamente ligado às revelações feitas a Davis e Huse pelo homem no parque em Colorado Springs, alguns anos antes. Poderia Suffern ter ouvido falar deste incidente e tê-lo expandido de modo a criar a sua própria versão da história? As referências ao «contacto com extraterrestres em 1943» e a comparência intrigante de um oficial da Marinha americana do Office of Naval Intelligence — uma agência que normalmente não tem qualquer tipo de ligação com investigações de OVNI — tornam-se mais compreensíveis quando as colocamos no contexto de um possível interesse por parte do Office of Naval Intelligence e/ou do Office of Naval Research em vigiar os desenvolvimentos contínuos relacionados com os efeitos ou repercussões da oficialmente «inexistente» Experiência de Filadélfia.

Qualquer referência a OVNI ou a «extraterrestres», como é natural, tende a lançar dúvidas sobre a autenticidade de qualquer mistério ou teoria a esse respeito. Não obstante, os OVNI parecem ser uma realidade, independentemente da sua origem, identidade ou propósito, e os técnicos envolvidos com o espaço — astrónomos, astronautas, físicos e cosmólogos — são frequentemente bastante menos céticos em relação a objetos

voadores não identificados do que as agências governamentais. Alguns cientistas, sem se esforçarem por provar ou refutar a presença de OVNI nos nossos céus, especulam sobre a razão pela qual estes se manifestam em certos locais em determinados momentos.

O Professor Stan Friedman, um físico nuclear de Hayward, Califórnia, especulou que a razão pela qual as inteligências extraterrestres possam ter sido atraídas pela Experiência de Filadélfia poderá dever-se a grandes concentrações de «excesso de dispersão» eletromagnética produzida pela própria experiência. O Professor Friedman, que investigou pessoalmente uma série de outros casos em que os OVNI terão aparecido em resposta não convidada a experimentações eletromagnéticas, teoriza que, se os extraterrestres estão a observar o nosso mundo, seria provável que tivessem um mapa eletromagnético funcional e, quando surgissem pontos brilhantes ou focos não contabilizados na sua grelha, eles investigariam naturalmente a sua origem.

A busca por informações sobre a Experiência de Filadélfia levou a muitos locais, a muitos indivíduos e a inúmeros arquivos, registos e a muitos becos sem saída. Mas, ocasionalmente, revelou informações que não eram procuradas nem suspeitadas, nomeadamente referências a entidades extraterrestres (ou interdimensionais). Presumivelmente, se uma embarcação pudesse ser projetada para outro espaço ou contínuo possível, por erro ou desígnio, também seria possível que os seus ocupantes pudessem encontrar entidades do outro lado do manto de invisibilidade que encobre mundos contíguos mas não tangentes.

É intrigante conceber a possibilidade de uma experiência patrocinada pela Marinha dos E.U.A. ter conseguido acidentalmente passar por uma porta para outro mundo há mais de trinta e cinco anos e que a experiência e os resultados tenham sido mantidos num segredo estreitamente guardado desde então.

Independentemente da verdade desta suposição, continuamos confrontados com a questão intrigante de qual o motivo possível que a estrutura de informação militar canadiana-norte-americana poderia ter para revelar tais informações aos Suffern. Poderiam existir várias possibilidades distintas: (1) Tudo faz parte de um plano concebido para introduzir o público à verdade pouco a pouco, ao longo de um extenso período de tempo — começando com fontes obscuras e progredindo mais tarde para fontes mais oficiais. (2) Toda a verdade é um estratagema de algum tipo de uma agência de informação, concebido quer para testar o impacto psicológico que uma tal história teria em certos indivíduos «alvo», quer para obscurecer ainda mais uma questão já de si nublada. (3)

Ocorreu realmente um contratempo inevitável e quase trágico, e os representantes de dois governos receberam ordens de quartéis-generais superiores (presumivelmente deste mundo) para apresentar uma «apologia» pelo sucedido. Além destas possibilidades, claro, pode haver ainda outras ligadas a motivos e forças atualmente demasiado indistintos para que sejamos capazes de lhes dar forma.

Isto, num certo sentido, tem sido uma característica notável da alegada Experiência de Filadélfia. Mas algo aconteceu no Philadelphia Navy Yard em 1943 que deixou vestígios distintos na lenda popular, em livros, em artigos de jornal, em documentos e nas mentes dos homens. Não seria, naturalmente, a primeira ocasião em que uma rutura científica acontecia antes do seu tempo e era abandonada devido a efeitos secundários imprevistos ou simplesmente porque a necessidade da experiência tinha sido obviada por algo mais premente — como neste caso de uma bomba atômica bem-sucedida pesada contra uma experiência de invisibilidade de difícil controlo com ramificações interdimensionais.

Vale a pena considerar aqui a opinião de um cientista credenciado, o Dr. James W. Moffet, físico da Universidade de

Toronto. Questionado sobre se uma coisa como a Experiência de Filadélfia poderia acontecer, respondeu que, a um nível cósmico ou astrofísico, tais fenômenos ocorrem «a toda a hora». Disse que estava habituado a trabalhar com problemas desta natureza como uma questão natural, embora estes estejam estritamente limitados a grandes quantidades de energia e a grandes corpos astrofísicos. Nas suas palavras: «Trazer um tal fenômeno para o nível da Terra, sob as condições aqui presentes, não parece ajustar-se ao âmbito da teoria atual.

«No entanto, deve lembrar-se de que quando Einstein promulgou a sua teoria da relatividade em 1905, fê-lo relativamente a grandes corpos a níveis astrofísicos e nunca lhe ocorreu que as suas teorias pudessem aplicar-se a ações que têm lugar entre átomos individuais. Quando se tornou evidente, na década de 1930, que seria possível cindir o átomo a um nível controlado, tornou-se necessário reexaminar a teoria da relatividade para ver se ela daria conta de uma tal possibilidade. Deu — e o resultado serviu para fortalecer ainda mais a própria teoria. A mesma coisa poderia ser verdade em relação à Teoria do Campo Unificado — que agora parece ser aplicável ao nível astrofísico, mas que pode ter outras aplicações que a ciência ainda não descobriu.

«É, portanto, necessário que um verdadeiro físico mantenha sempre a mente aberta.»

A advertência final do Dr. Moffet, embora expressa em termos moderados, é, ao mesmo tempo, tendo em vista a era em que vivemos, um apelo a explorar os confins do universo, a estrutura infinita da matéria e as fronteiras ilimitadas do tempo. O mistério da Experiência de Filadélfia ainda não foi clarificado, e a sua resposta eventual pode residir profundamente nos arquivos do Departamento da Marinha.

Talvez, como a Marinha tem sustentado de forma tão insistente, todo o incidente seja uma lenda e nunca tenha tido

lugar. Mas então, considerando a grande quantidade de evidências que foram recolhidas ao longo dos anos, se a Experiência de Filadélfia nunca aconteceu como descrito, o que aconteceu realmente numa área de alta segurança do Philadelphia Navy Yard em outubro de 1943?